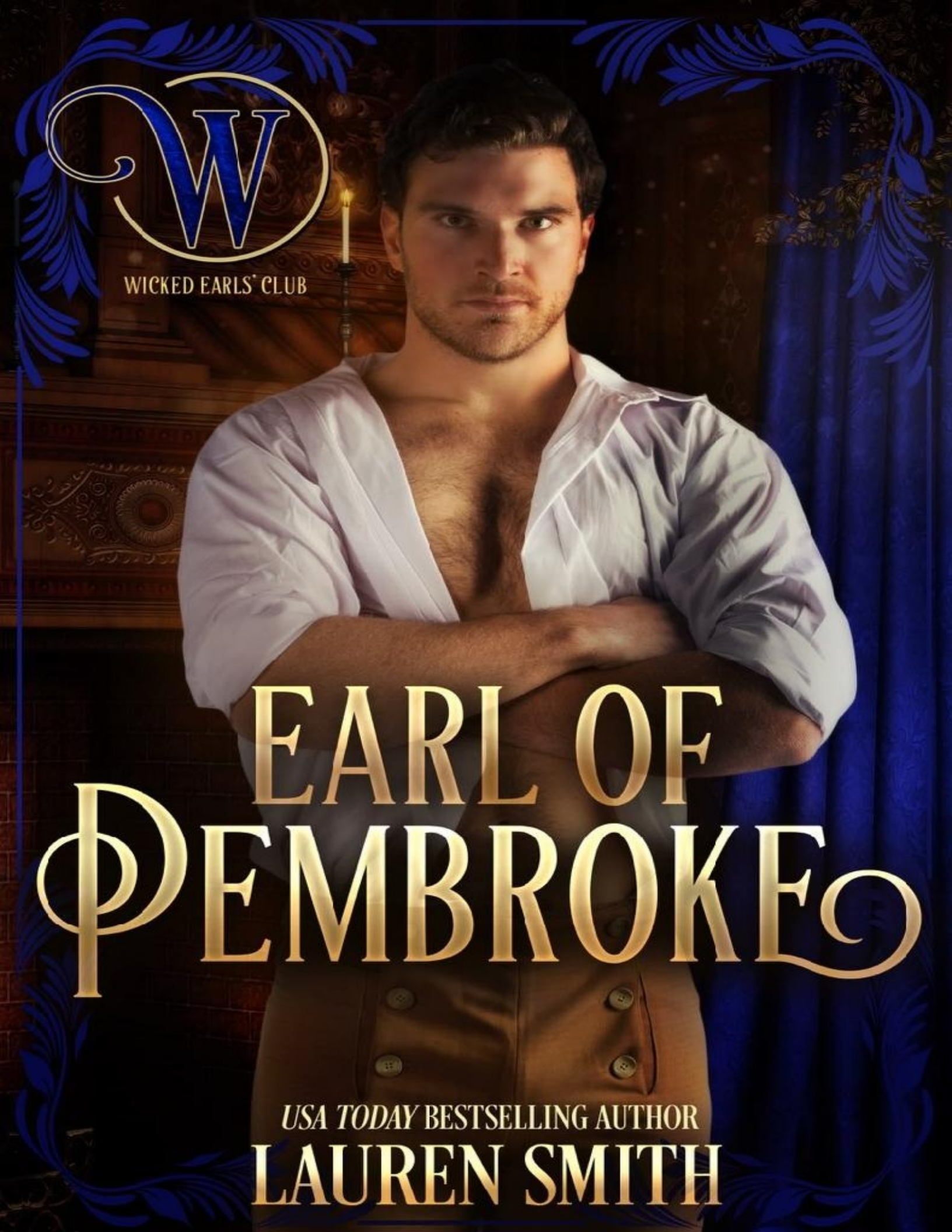
WICKED EARLS' CLUB
EARL OF PEMBROKE
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LAUREN SMITH

Série Wicked Earls Club

00 - Wicked Earls Club por Maggie Dallen

01 - Conde de Sussex por Tammy Andresen

02 - Conde de Westcliff por Meara Platt

03 - Conde de Wainthorpe por Collette Cameron

04 - Conde de Sunderland por Aubrey Wynne

05 - Conde de Basingstoke por Aileen Fish

06 - Conde de Weston por Anna St. Claire

07 - Conde de Davenport por Maggie Dallen

08 - Conde de Grayson por Amanda Mariel

09 - Conde de Benton por Madeline Martin

10 - Conde de Pembroke por Lauren Smith

11 - Conde de Sevilha por Christina McKnight

12 - Conde de Harrington por Dawn Brower

Sinopse

Ela é uma criada disfarçada de lady...

Gillian Beaumont nunca teve uma vida de conto de fadas: como filha ilegítima de um conde, ela foi deixada sem dinheiro depois que seu pai morreu, forçando-a a trabalhar como dama de companhia de uma lady.

Felizmente, sua ama é mais aventureira do que a maioria das mulheres e logo Gillian está ajudando com sua espionagem. Uma dessas missões de espionagem força Gillian a se disfarçar de lady, para se infiltrar no Hellfire Club. Mas quando ela cai em uma armadilha no clube, é resgatada por um perverso cavalheiro, o Conde de Pembroke. Seus beijos aquecidos a fazem ansiar por uma vida diferente, mas ela tem um segredo que pode destruir tudo...

Ele é um cavalheiro por fora, mas um ladino por dentro...

James Fordyce, conde de Pembroke, tentou ser um homem bem-comportado a maior parte de sua vida. Como um membro do Wicked Earls Club,[1] ele tem seu quinhão de notoriedade, mas está ansiando pelo dia em que poderá se acalmar. Um encontro casual com uma beleza misteriosa deixa-o cheio de esperança. Quando ela desaparece sem deixar vestígios e o perigo parece estar seguindo-a, ele sabe que deve encontrá-la e resgatar a mulher que está decidido a tornar a futura condessa de Pembroke. Ao persegui-la pelas salas decadente do Hellfire Club, ele sabe que vai ter que lutar contra todas as probabilidades para salvá-la antes que seja tarde demais...

Aviso: Este livro contém uma mulher que sonha com uma vida que ela nunca poderá ter, um herói que está convencido de que ele nunca vai encontrar a única mulher destinada a ser sua e um amor tão poderoso que nada pode pará-lo.

Opinião

O que em nome de Deus dizer de um conde deste? Completamente apaixonada estou. James é o sonho de qualquer mulher de bom senso.

Os medos da Gillian são infundados e ao mesmo tempo justificados. Na época ser uma bastarda e serva era uma marca terrível na vida de uma mulher. Sorte dela que sua ama era tão louca, mas tão louca que acabou levando-a em suas aventuras e juntando o casal principal deste romance.

James a sua vez é um TDB que está cansado da sociedade, de sua vida e querendo modificar tudo a seu redor. Cai nos braços de uma moça que ele conheceu na loja de uma modista e a seguiu até uma livraria onde roubou-lhe beijos e mais beijos.

O primeiro encontro de Gillian e James não está descrito neste livro pois faz parte de um conto da série The League of Rogues que traduziremos.

Até lá aproveitem este belo romance.

Pallas Athenas

01

Londres, durante o dia, era uma cidade movimentada, com carruagens em alta velocidade pelas ruas de paralelepípedos e mulheres vendendo flores muito perfumadas em cestos, enquanto as multidões percorriam as lojas e faziam visitas a amigos. Mas, à medida que a escuridão caía, as sombras podiam jogar truques nos olhos daqueles que eram tolos o suficiente para andar pelas ruas depois que o sol caía no horizonte.

E eu sou uma dessas idiotas.

Gillian Beaumont apertou os olhos no beco mais próximo, engolindo em seco e reprimindo um grito de medo toda vez que pensava ter visto algo flutuando nas calçadas como as asas de um morcego. O coche que ela havia tomado para o distrito de Temple Bar já estava se afastando, deixando-a sozinha. As folhas do início do outono afundavam no chão, enroscando-se em suas saias como aranhas marrons, fazendo-a pular. Ela agarrou o vestido abaixo dos joelhos e sacudiu o tecido, tentando soltar as folhas secas de seu vestido de cetim roxo escuro. Então ela enfrentou seus arredores. Ela estava na rua perto do Royal Courts da Justiça e da entrada da loja de chá Twinings.

Através da escuridão pesada, ela podia ver a placa dourada que lia *Twinings*, e ela só conseguia distinguir os dois senhores chineses esculpidos na pedra acima do nome da loja de chá. Seus rostos pareciam ferozes nas sombras, e Gillian desviou o olhar, voltando sua atenção para a forma negra e alta da estátua do grifo, que agora parecia mais um dragão, porque as sombras brincavam em seus olhos.

Naquele momento, ela desejou estar de volta à sua cama quente. Adormecida. Dormindo e sonhando com um homem em particular e os beijos roubados que eles compartilhavam que continuavam perturbando a sua consciência.

James Fordyce. O conde de Pembroke era um cavalheiro arrojado com um coração de ouro e os olhos castanhos mais quentes que ela já vira. Ela ainda podia sentir suas mãos enfiando-se nos fios de cabelo escuro dele enquanto ele a beijava no canto de uma livraria e sussurrava poesia para ela. Ele era tudo o que ela sonhava, mas nunca poderia ter. Ela era uma criada e não poderia ser nada

mais que isso. Uma pontada profunda em seu peito a fez recuperar o fôlego, mas endireitou os ombros, afastando a dor, algo para o qual fora treinada há muitos anos.

Tão perigoso quanto um sonho com James era o seu equilíbrio, era uma visão muito insegura do que ela estava atualmente envolvida em perseguir para sua selvagem e teimosa senhora, Audrey Sheridan.

Audrey fora esta noite tentando expor um grupo de canalhas que pertenciam ao Hellfire Club[2] conhecido como os *Pecadores Profanos do Inferno*. Um nome tão horrível para um grupo terrível de cavalheiros. Como serva de uma lady, os deveres de Gillian deveriam ter sido limitados a tarefas como vestir Audrey, prepará-la para o dia e criar novas maneiras de pentear seu cabelo. Ela *não* deveria se esgueirar pela Strand depois de escurecer com uma meia máscara de dominó e um vestido de noite roxo escuro com um corpete incrivelmente baixo, procurando por um grupo de homens perigosos que supostamente seduziam virgens e faziam sacrifícios ao demônio.

— Céus, Audrey, em que você nos meteu? — Gillian murmurou para si mesma. Examinou apressadamente os endereços dos prédios próximos, lembrando a localização de uma carta que Audrey lhe mostrara mais cedo naquela manhã e que continha instruções para o clube.

A carta dizia que o clube estava dentro de um prédio alto e branco, a duas portas da loja de chá Twinings. A aldrava da porta era o rosto de uma gárgula de ferro zombando de todos os visitantes. Ao chegar à estrutura nada comum e que supostamente abrigava um covil de adoradores do diabo, Gillian estudou a porta. Seu coração disparou algumas batidas enquanto os nervos ameaçavam congelá-la no lugar.

Não havia outra opção senão entrar. Audrey, sua senhora desobediente, também era sua amiga e, mais cedo naquela noite, prometera a Gillian que não iria a este lugar. No entanto, quando Gillian acordou e não encontrou Audrey, ela sabia onde sua ama deveria ter ido.

Ela mentiu para mim. Sem dúvida, por alguma ideia tola de que ela está me protegendo, mas não está.

Gillian teria investido no Hellfire Club para proteger sua ama. Elas tinham a mesma idade, apenas dezenove anos, e em outra vida poderiam ter sido amigas íntimas, saboreando chá no Gunter ou saindo juntas para um baile.

Em outra vida... Se ela tivesse nascido uma herdeira da herança do pai falecido em vez da filha da amante de um conde.

Seu meio-irmão, Adam, que era agora o conde de Morrey, e sua meia-

irmã, Caroline, nem sabiam que ela existia. O anterior Conde de Morrey tinha sido cuidadoso em manter sua amante de longa data, a mãe de Gillian, bem instalada em uma casa em Mayfair e até mesmo cuidara da educação de Gillian, mas mesmo com tal ajuda, seu futuro tinha opções limitadas.

Gillian levantou uma mão enluvada para a gárgula grotesca e bateu na aldrava duas vezes em som alto. Sua respiração ficou presa em seus pulmões e ela esperou, seu corpo tremendo ao pensar na natureza dos homens lá dentro. Quando a porta finalmente se abriu, um mordomo de cara feia a olhou de cima abaixo, antes que seus lábios se curvassem para trás em um sorriso cruel.

— Um pouco tarde, mas não importa. Eles têm muita energia hoje à noite para *cada* lady. — Ele acenou para ela entrar. Gillian hesitou antes de dar um passo hesitante para a frente. Sua pele se arrepiou quando o mordomo chegou muito perto e fechou a porta, selando-a por dentro. Ela tentou não pensar sobre o que sua saudação sugeria.

— Por aqui. — O mordomo a conduziu pelo corredor até uma câmara e abriu uma porta para ela entrar. A sala de visitas, se é que poderia ser chamada assim, era decorada de maneira estranha com móveis de brocado escuro e paredes de cetim vermelho. Esses homens duvidosos estavam certamente tentando criar uma atmosfera pecaminosa e sedutora, mas, em vez de ter bom gosto, parecia grosseira. No entanto, eles estavam claramente preparados para os convidados. Um fogo na lareira estava aceso e uma bandeja de chá estava sobre a mesa.

— Acabaram de fazer, — o mordomo lhe assegurou. — Sirva-se. Quando eles estiverem prontos, você será convocada.

Gillian murmurou seu agradecimento e se acomodou no sofá. Ela estendeu a mão novamente para se certificar de que a máscara de dominó não havia escorregado. Ainda estava fixada de forma segura em suas feições.

Onde estava Audrey?

Ela havia saído por volta de meia hora antes de Gillian acordar, segundo os outros criados da casa dos Sheridan. Ela tinha procurado a escolta protetora de Charles Humphrey como havia dito que planejava? Gillian esperava sinceramente que sim. Caso contrário, Audrey estava se colocando em grande risco. O conde de Lonsdale era um cavalheiro eminentemente confiável, mas ele tinha uma reputação perversa que lhe permitiria entrar neste clube.

Mais cedo naquele dia, Gillian e Audrey tinham sido avisadas por um homem de seu conhecimento para não procurar o Hellfire Club hoje à noite. Um de seus membros, Gerald Langley, havia prometido vingança contra Audrey ou

melhor, sobre Lady Society, a identidade anônima de Audrey como escritora de uma coluna social. Ela destruiu sua reputação. Seus comentários na coluna Lady Society tinham sido precisos e sinceros, mas completamente cortante e direta a todos do *Ton* contra Langley, ela tinha-o feito desesperada por vingança.

Felizmente, ele não sabia que Audrey era Lady Society; essa era pelo menos uma pequena benção. Mas Audrey e Gillian tinham sido avisadas de que Langley atrairia Lady Society para o covil do diabo com a ameaça de seduzir virgens contra sua vontade, entre outras coisas, e Audrey não era o tipo de mulher que fugia a um desafio. Mas elas tinham um plano, um que fizeram juntas mais cedo naquela manhã. Elas deveriam procurar alguns membros femininos daquele bobo Hellfire Club e trocar de lugar com elas por um pagamento adequado. No entanto, depois das aventuras do dia e dos perigos que Gillian enfrentara quando um homem a atacara, um homem que suspeitava estar de aliança com Gerald Langley, Audrey prometera abandonar o plano de ir ao clube naquela noite. No entanto, quando Gillian acordou de seu descanso, ela encontrou sua ama desaparecida. Audrey tinha contatado uma dessas mulheres? Certamente, ela tinha.

Gillian ficou de pé e andou de um lado para o outro na sala, a preocupação crescendo na boca do estômago. Ela não gostava que ela estivesse sozinha e gostava ainda menos de não saber onde Audrey estava. Elas deveriam estar aqui juntas, enfrentando os perigos deste clube lado a lado. Ela mordeu o lábio nervosamente e depois de um momento decidiu tomar uma xícara de chá. Ela rapidamente preparou uma xícara e bebeu, esperando acalmar seus nervos. Então, ela o colocou no chão, odiando a amargura e desejando que houvesse açúcar, mas nem sequer havia uma jarra de leite. Somente verdadeiros demônios serviam chá sem acesso a leite e açúcar.

Gillian foi incapaz de ignorar o calor sufocante do fogo na lareira. A casa ao seu redor estava silenciosa, exceto pelo som ocasional de risadas masculinas, distantes, de outro cômodo. Cada vez que ela ouvia esse som, ficava tensa.

Parte da parede de repente se destacou e se revelou uma porta. Uma figura de calção preto, camisa branca e colete preto surgiu. Ele usava uma máscara de dominó que tinha o contorno delicado das feições de um demônio pintados de vermelho sobre o preto.

— Boa noite, minha querida, — o homem ronronou quando estendeu a mão para ela. Seus longos dedos eram brancos e estranhamente ameaçadores.

Gillian engoliu em seco.

— Minha amiga e eu deveríamos estar aqui juntas. Ela está usando um

vestido vermelho. Ela não chegou ainda?

— Ah... — Os lábios do homem se contorceram. — A lady no vestido vermelho. Ela está aqui, esperando por você. — A máscara fez pouco para esconder a crueldade em seus olhos, e ela estremeceu.

— Esperando? — Gillian desejou ter mesmo uma pequena ideia do que estava prestes a acontecer, mas não tinha. Ela estava correndo de cabeça para este mundo escuro e perigoso de demônios.

O homem enrolou os dedos de sua mão ainda aberta, acenando para ela.

— Sim, estamos prestes a começar a festa.

Gillian veio em sua direção e ele se abaixou e pegou uma de suas mãos enluvadas. Ela permitiu que ele a conduzisse para a escuridão.

Jaime Fordyce, o Conde de Pembroke, olhou para as mesas de carteado no local de reunião particular do que a sociedade de Londres sabia que existia apenas em boatos. O Wicked Earls Club. Os membros podiam ser identificados por um pequeno alfinete de prata que usavam em suas gravatas. Fora uma vez uma guilda de homens proeminentes e poderosos que se reuniam em segredo para fazerem acordos e obter favores, mas seu propósito se dissolvera em um mundo mais corrupto. Não era um lugar de malevolência ou maldade, mas enquanto James considerava os homens ao seu redor, os olhos deles se fixavam nas cartas, as garrafas abundantes nas mesas e a ocasionalmente uma mulher deitada nos braços dos homens, os seios se derramando para agradar aos olhos dos homens. Cada homem na sala, emanava um tipo escuridão. A escuridão que vinha das almas perdidas e machucadas.

Almas como a minha.

Uma figura escura apareceu no fundo da sala, e James o reconheceu, o conde de Coventry, o líder de seu clube. Coventry deu a James um pequeno aceno em saudação silenciosa. James devolveu o aceno e inspecionou a sala novamente. Os membros do clube tinham diminuído nos últimos anos, e ele sorriu ao pensar em tantos amigos se estabelecendo com esposas. O casamento com boas mulheres tinha um jeito de manter os homens longe de clubes como esses.

— Coventry parece satisfeito consigo mesmo, — alguém murmurou ao lado de James. À sua esquerda, ele viu seu amigo Pierce Chamberlain, o conde de Wainthorpe.

— Wainthorpe, eu não esperava vê-lo hoje à noite. Eu pensei que você estava entre os sortudos, o suficiente, para estar se deleitando na felicidade conjugal.

Wainthorpe abriu um sorriso, que iluminou a pequena cicatriz de sua têmpora.

— Eu concordo com a felicidade, mas se você ousar dizer uma palavra a alguém... — Wainthorpe rosnou.

James riu da reação do amigo. Wainthorpe agia duramente, mas era um dos homens mais afáveis que James já conhecera.

— Seu segredo está seguro comigo, — prometeu James. — O que você quis dizer sobre Coventry?

Wainthorpe cruzou os braços e franziu o cenho.

— Toda vez que um de nós amarra à perna, ele começa a sorrir de orelha a orelha, como se tivesse desempenhado algum papel em nosso casamento ou estivesse, de alguma forma, lucrando com isso. Maldito seja.

Por um momento nenhum homem falou.

— O que te traz aqui esta noite, Pembroke?

— Tentando afogar minhas mágoas, — James respondeu ironicamente, mas a amargura se agarrava a suas palavras porque elas eram verdadeiras. Mais cedo naquele dia ele conheceu a mulher mais maravilhosa e logo a *perdeu*. Gillian Beaumont era um completo mistério para ele e temia que nunca mais a visse.

— Oh Lorde, venha tomar uma bebida comigo e me conte tudo sobre isso. Como homem casado, posso oferecer conselhos sólidos sobre o sexo mais justo. Mas nada disso valerá meio centavo.

A provocação de Wainthorpe fez James sorrir novamente. Eles pegaram duas cadeiras em uma mesa longe o suficiente dos homens jogando cartas, que podiam falar sem se distrair com os jogos. Uma garrafa de scotch estava em uma bandeja de prata com vários copos, e Wainthorpe serviu-lhes uma boa quantidade da bebida. Eles levantaram seus copos em um brinde, e cada um tomou um gole.

— Então vamos ouvir sobre suas tristezas.

James suspirou.

— Eu conheci uma mulher hoje em uma loja de modistas. Eu estava com minha irmã, Letty, e conhecemos a Srta. Gillian Beaumont. Você não a conhece, não é? — Ele passou toda a noite perguntando a todos que conhecia se o nome era familiar, e até agora ninguém lhe tinha dado quaisquer respostas positivas.

— Beaumont? — Wainthorpe rolou o nome em sua língua, saboreando. — Eu conheci um homem chamado Beaumont, o Conde de Morrey. Seu filho, Adam, agora está carregando o título. Um homem decente. Sua irmã é muito

bonita, mas o nome dela é Caroline. Não Gillian.

— Uma prima distante, talvez? — James perguntou em voz alta.

— Talvez. — Wainthorpe serviu-se de outra bebida. — Eu poderia colocar meus primos no assunto. Eles são muito bons em rastrear garotas.

James soprou.

— Senhor salve qualquer uma que tente se esconder de seus formidáveis, mas sedutores primos. — James se apressou a acrescentar o último freio para que não perturbasse o seu amigo.

— Então esta mulher o tem amarrado em nós, não é?

— Sim. — *Amarrado em nós* era o caminho certo para colocá-lo. Depois de roubar alguns beijos em uma livraria, ele ainda podia sentir seus lábios contra os seus como uma presença fantasma, e seu gosto doce ainda o assombrava. Achar que ela fora apenas uma questão de curiosidade, movida pela luxúria, teria sido uma coisa, mas ele tinha a terrível sensação de que ela corria um grave perigo. E ele não podia suportar a ideia disso, não se estivesse em seu poder protegê-la.

Mais cedo naquela noite, ele a acompanhou para casa depois que ela recebeu uma carta na casa do Gunter. Quando ele a deixou sair da carruagem, ela fora atacada por um homem covarde que a deixou inconsciente, e a carta que recebera havia sido roubada. Quando James a pressionou por detalhes, ela se recusou a compartilhar qualquer coisa com ele. Ele não teve escolha a não ser deixá-la na casa de um amigo, o visconde Sheridan, e depois ela desapareceu. Ele pretendia procurar Cedric Sheridan amanhã e perguntar quem era sua misteriosa convidada e por que ela poderia estar em perigo.

— Bem, você pode começar sua missão amanhã, hein? Você não quer estar nas ruas hoje à noite. Gerald Langley, o da coluna da Lady Society, está dando uma festa no Hellfire Club que ele dirige. Às vezes esse lote fica um pouco desordenado e toma as ruas. Qualquer um em seu caminho pode se encontrar em perigo. Eles quase mataram um homem há alguns meses. Eles estavam prontos para jogá-lo no Tâmisa até que os agentes da Bow Street entrassem em cena.

— O que? Isso é horrível! — James lembrou de ter lido algo sobre aquele sujeito Langley. O homem fez uma aposta com... o sangue de James congelou em suas veias. Langley apostara alto em quem seduzisse uma lady chamada Alexandra Rockford.

Ambrose Worthing, o amigo de James tinha ganhado a aposta, mas apenas a fim de poupar a lady, e mais tarde ele tinha confessado seu

envolvimento na coluna de Lady Society. Essa coluna havia danificado irremediavelmente o nome de Langley. Boatos sobre Langley tinham sido espalhar em torno da cidade que ele não só ia desmascarar Lady Society, mas fazer-lhe mal também.

E hoje, Ambrose Worthing deu a Gillian uma nota que resultou no fato dela ter sido atacada. *Certamente ela... não poderia ser Lady Society*?

— Onde o Hellfire Club de Langley se encontra? — James perguntou, rezando para que Wainthorpe soubesse.

— No Strand, pelo menos foi o que ouvi dizer. Diabinhos desagradáveis. Langley gosta de atrair virgens para as reuniões com promessas de encontrarem maridos ricos, e bem, você sabe...— Wainthorpe não terminou, mas a carranca escura de James disse tudo o que ele precisava saber.

James pulou da cadeira.

— Eu tenho que ir. Obrigado pela bebida.

— Onde você está indo? — Wainthorpe ficou de pé com ele, a preocupação franzindo suas sobrancelhas.

— Parar Langley. Suspeito que minha misteriosa Srta. Beaumont possa ser Lady Society.

— O quê? — Wainthorpe ficou boquiaberto. — Você precisa de mim para ir com você?

— Não, vá para casa com Bianca. O Senhor sabe que bagunça esta noite trará. Não quero arriscar sua reputação, e suspeito que trazer outras pessoas poderia me colocar em mais perigo, pelo menos. — James sorriu para ele.

— Envie a palavra se você precisar de mim, — gritou Wainthorpe quando James deixou o clube.

James chamou um cabriolé enquanto descia correndo os degraus do clube até a rua, dizendo ao cocheiro para levá-lo ao Strand. Ele apenas rezou para que não fosse tarde demais.

02

Quando James chegou ao Strand, ele examinou as ruas e edifícios escuros. O medo por Gillian se construiu dentro dele como uma tempestade que pega os ventos. Ela era uma lady criada gentilmente e que não deveria ter que enfrentar os horrores do Hellfire Club, especialmente se soubessem que ela era

Lady Society. Enquanto confiava que ela era bem capaz de cuidar de si mesma, ele estava com medo de que ela estivesse andando em uma armadilha e não soubesse disso. Ele tinha que encontrá-la antes que algo acontecesse com a moça.

Com sorte, ela não estaria aqui, e ele passaria o resto da noite observando alguns tolos usando uma máscara negra e fingindo adorarem o diabo. Orar fervorosamente, era seu último pensamento.

Ele teve um vislumbre de um homem em uma capa preta e uma máscara andando pela rua. Ele era, sem dúvida, um membro do Hellfire. O homem fez uma pausa, olhando em volta antes de subir os degraus de um dos prédios nada notáveis da rua.

James jogou algumas moedas no cocheiro e disparou atrás da figura. Ele o alcançou quando estava prestes a levantar a aldrava. Havia apenas uma maneira que ele pudesse entrar no clube, e não se arrependia de seu curso de ação.

— Perdoe-me, — disse James.

O homem se virou para encará-lo, assustado.

— O que o...

O punho de James o atingiu no maxilar. O homem caiu como uma pedra e ficou em silêncio. James arrastou o homem de volta pelos degraus e o colocou atrás de alguns arbustos plantados perto da entrada. Ele tirou o dominó do rosto do homem e puxou-o para baixo sobre a própria cabeça, pegou a capa e prendeu-a em volta dos ombros.

Ele bateu com o punho na porta, nem mesmo se incomodando com a aldrava. O coração de James trovejou enquanto esperava, o silêncio da rua o afogando com seu rugido surdo. Depois do que pareceu uma eternidade, um homem respondeu, um mordomo de certa aparência, mas que parecia muito arrogante, com um nariz pontudo e olhos negros de besouro que encaravam James.

— Sim?

— Estou aqui... para a festa. — James rezou, ele estava muito perto de todo o absurdo que estes homens estavam envolvidos. O mordomo o estudou por um longo momento. James se ergueu mais, silenciosamente rezando para que o mordomo não percebesse que ele não era um membro real do clube.

— Ah, você deve ser o Lorde dos Mortos-Vivos. Você está atrasado. Os outros estão na festa. As damas já chegaram e você não quer perder as festividades.

Lorde dos mortos-vivos? James não sabia se ria ou se assustava com o título.

— Muito bem, — James murmurou e entrou na casa. O mordomo observava-o com atenção e esperou que o homem indicasse para onde deveria ir.

— Bem, não fique aí parado! — ele gritou. — Mostre-me em qual quarto.

As palavras duras esvaziaram a arrogância do homem. Ele agarrou sua atenção e gesticulou para que James o seguisse pelo corredor.

— Desculpe, meu lorde. Eu presumi que você soubesse o caminho.

— Eu estava bêbado da última vez que estive aqui. Como eu posso lembrar? — Ser um dos copos cheios, sempre foi uma desculpa decente para não saber o que tinha acontecido em um compromisso anterior. E a confiança inabalável tinha um meio de evitar perguntas indesejáveis.

O rosto do mordomo ainda estava vermelho quando ele abriu a porta da sala designada. Havia uma grande mesa e uma dúzia de homens sentavam-se bebendo. Pelo menos seis ou sete garrafas vazias de vinho foram derrubadas. As velas estavam queimando e as sombras brincavam nas paredes e nos rostos dos homens mascarados, enquanto bebiam e conversavam. A mesa estava posta para o jantar, mas ainda não havia comida.

A entrada de James passou despercebida, e ele cuidadosamente deslizou para o lado da sala, misturando-se ao grupo de homens. Ele roubou uma taça vazia da mesa e encheu-a de vinho, fingindo um gole enquanto alguns homens riam no meio de uma história obscena.

— Então eu disse para a garota que ela deveria polir meu pau, e ela disse: “Qual pau?” E, então eu mostrei a ela, e amaldiçoado que ela não desmaiasse! — Os homens começaram a rir. Alguém deu um tapa no ombro de James, então ele sorriu, mostrando os dentes em um aviso sutil. Mas ninguém pareceu notar que ele não era um deles. As máscaras de dominó que os homens usavam ofereciam uma quantidade razoável de ocultação, e ele estava grato por isso. A última coisa que ele precisava era estar associado a esses bastardos. Isso tudo era uma desculpa patética para eles explorarem seus lados mais sombrios com o risco de destruir a inocência.

— Senhores! — O vozeirão de um homem silenciou as histórias e gargalhadas em um impasse. Todos, incluindo James, se viraram para encarar o homem que estava à frente da longa mesa de jantar. O fogo na lareira de mármore branca atrás dele estalou e quebrou, e a luz das chamas criou uma estranha silhueta do homem.

— Hoje à noite, temos um banquete preparado. Como mencionei em

nossa reunião anterior, temos várias convidadas *especiais*, algumas senhoras com quem vocês estão bem familiarizados. Elas desejam mais uma vez participarem das artes das trevas, e nós temos duas deliciosas jovens belezas e virgens que graciosamente se ofereceram para saciarem nossa necessidade pelo sangue dos inocentes.

Houve risadinhas cruéis, risadas e piadas murmuradas sobre tomarem as virgindades. James cerrou os punhos. Se ele perdesse o controle, poderia muito bem estrangular alguém. A inocência de uma mulher não era motivo de riso, e ele tinha certeza, que quem quer que fossem essas beldades, não sabiam que estavam prestes a serem jogadas na cova dos leões.

— Vocês estão preparados? — O homem na cabeceira da mesa, perguntou. Os lordes da sala explodiram em altos e desagradáveis aplausos e assobios. A porta da sala de jantar abriu e seis senhoras entraram na sala. Elas foram seguidas por um homem que fechou as portas atrás delas, selando todos dentro. As senhoras foram escoltadas para as cadeiras vazias restantes na mesa.

— Meus amigos, como o Lorde da Luxúria, me deixem apresentar nossas convidadas para vocês. — O chamado Lorde da Luxúria começou a nomear cada lady. James estudou as belas e rechonchudas damas sob suas meias máscaras, cada uma delas sorrindo provocantemente enquanto seu nome era chamado. A lady do pecado, a lady da noite, a lady de desejo escuro... e assim por diante. Mas o Lorde da Luxúria parou quando chegou as duas últimas.

Havia uma mulher vestindo um vestido vermelho e outra em um vestido roxo, e apesar das máscaras que usavam, nenhuma parecia animada por estarem presente no banquete, dadas as suas carrancas. Na verdade, as duas pareciam bastante assustadas, pela maneira como suas mãos e punhos estavam brancos e seus rostos pálidos abaixo de suas máscaras.

James reconheceu o vestido roxo com uma onda de pavor. Era o mesmo vestido que ele tinha visto Gillian comprando na loja mais cedo naquele dia. A imagem dela na área de prova usando aquele vestido, enquanto ele a vislumbrava ainda o assombrava de um jeito meio amargo. Ele não podia esquecer as piscinas vulneráveis de seus olhos cinzentos ou o modo como seus lábios se separaram quando percebeu que ele estava olhando para ela parcialmente vestida.

Seu pior medo se tornou realidade. Gillian Beaumont *sua* linda e misteriosa Gillian estava sentada a uma mesa com os piores tipos de homens ao seu redor, homens que queriam uma chance de forçá-la a ter relações sexuais.

Sobre o meu cadáver, ele jurou.

— Agora, por último, mas não menos importante, temos uma convidada muito estimada entre nós. Vocês se lembram da pena venenosa e mordaz daquela rainha cadela que se chama Lady Society? — O Lorde da Luxúria cuspiu. Os homens à sua volta reclamaram e alguns colocaram os punhos na mesa. Gillian e a outra lady pularam um pouco em seus assentos.

— Bem, esta noite eu defini a armadilha perfeita e atrai Lady Society à minha porta. Deixei escapar em uma festa na outra noite que nos encontraríamos hoje à noite e que ela não iria querer perder nosso entretenimento. — O Lorde da Luxúria rondava lentamente pelo espaço entre a mulher de vestido vermelho e a mulher no vestido roxo. — Mas qual é a Lady Society, eu me pergunto? — Ele meditou em voz alta. — Eu suponho que isso não importa. Teremos o prazer de ter as duas. — Ele estalou os dedos, e os homens de cada lado das damas, de repente, agarraram seus braços, empurrando-os para trás das cadeiras e sinuosa cordas foram colocadas em torno de seus pulsos.

— Como você se atreve, Sr. Langley! — A mulher de vestido vermelho exclamou com um violento ranger de dentes brancos, como um texugo empenhado em atacar. — Eu farei mais do que escrever um artigo sangrento destruindo você. Eu vou ter os seus colhões em uma bandeja de prata! — Onde ele tinha ouvido aquela voz antes?

Pelos dentes de Deus! A pequena temperamental era a irmã mais nova do visconde Sheridan, Audrey Sheridan. O que *ela* estava fazendo aqui? Ele olhou para Gillian, que estava mordendo o lábio e sacudindo as amarras, tentando se libertar.

— Como eu ouso? Minha cara lady, — o Lorde da Luxúria rosnou, — você veio aqui por sua livre vontade. Ninguém te forçou a vir. Eu diria que há poucos que teriam alguma simpatia por uma mulher que *voluntariamente* foi a um Hellfire Club. Sua reputação será inútil e sua palavra imprópria para impressão. E isso é apenas o começo do que planejei para você hoje à noite. Você destruiu minha família, meu nome e tudo ao meu redor! E eu vou te destruir por isso!

— Você só teve o que merecia, seu bastardo! — Audrey rosnou com ferocidade surpreendente para uma pequena mulher, de aparência suave.

— E você tem a boca de uma prostituta, — rosnou o lorde. — Eu pretendo tratá-la como uma.

As duas mulheres ficaram boquiabertas de horror. James segurou os braços de sua cadeira em um aperto de dedos brancos. Ele tinha que pensar em um plano que não arriscasse as duas mulheres. Ele não era avesso a uma boa

briga, mas não gostava das atuais probabilidades contra ele.

— Amordacem-nas. Desejo silêncio, enquanto, desfrutamos do nosso banquete. — O Lorde da Luxúria estalou os dedos, e os homens de cada lado da Audrey e Gillian amarraram lenços na boca das moças, abafando as ameaças que Audrey tentou arremessar.

James agora notou que Audrey havia chamado o Lorde da Luxúria de Langley. Wainthorpe estava certo o líder diabólico desse bando de tolos era Gerald Langley. O homem sujo e odioso que dera a Ambrose Worthing e sua amada esposa tantos problemas. Ficou claro pelo olhar enlouquecido nos olhos de Langley que ele estava desequilibrado. O que James fizesse esta noite para ajudar Audrey, deixaria Gillian muito mais ameaçada. Langley não as deixariam simplesmente sair dali ilesas, não quando Audrey e Gillian seriam as festividades daquela noite, tão pessoais, para o homem. Ele queria sangue, possivelmente até uma vida, se ela não conseguisse manter seu temperamento sob controle.

— Agora, — Langley disse com uma risada. — Estou faminto. — Ele pegou um sino no final da mesa e tocou-o. Um momento depois, vários lacaios entraram, trazendo bandejas com o primeiro prato.

— Meu lorde, que tal…? — Um dos homens apontou para a única cadeira vazia à esquerda na mesa.

— Oh, certo. — Langley suspirou de tédio e acenou para um dos lacaios mais próximos. — Tragam sua santidade.

James ficou tenso, imaginando que horror novo esses homens criariam, mas ele quase riu alto quando o lacaio retornou com um gato preto grande e bonito e colocou a criatura sobre a mesa, oferecendo-lhe um prato de comida. O gato se curvou, seus olhos amarelos captaram cada pessoa na sala antes dele cautelosamente inclinar a cabeça para o prato e começar a escolher a oferenda.

— Não sente prazer em conhecer nosso hospede, Lady Society? Ele é o membro mais antigo, sabe — disse Langley solenemente. — *Ancestral* você poderia dizer.

Antigo? James inclinou a cabeça e então algo o atingiu. Sua Santidade... ancestral... Langley e seu bando de seguidores enlouquecidos acreditavam que o gato era o próprio diabo? *Bom Deus.* Isso era pior do que ele temia. Os homens não estavam simplesmente aqui para beber, copular e fingir uma adoração do diabo: eles acreditavam nisso. Eles estavam realmente loucos.

James continuou a brincar, escolhendo a comida que lhe foi trazida, mas ele não conseguia tirar os olhos de Gillian. Seu rosto estava pálido e ela mal se

mexeu, exceto a pequena tensão de seus braços nus. Ela parecia estar lutando contra suas amarras, silenciosamente, com cuidado. Até agora ninguém mais pareceu notar. Que criatura inteligente ela era, muito inteligente, e por isso ele estava agradecido. Ela ficaria calma se as coisas ficassem complicadas, o que certamente aconteceria. James tomou outro gole de vinho de sua taça, mal ouvindo os homens à sua volta se gabando de como planejavam aproveitar a noite.

As mulheres, além de Audrey e Gillian, estavam bastante dispostas e familiarizadas com os membros do clube, o que significava que James não precisava adicioná-las à lista de donzelas que precisavam ser resgatadas. Ele quase sorriu. Mais cedo naquele dia, quando ele estava tentando resgatar Gillian de um homem que a atacou para recolher uma carta avisando sobre esta noite, ela lhe disse enfaticamente que não era uma donzela que precisava de resgate.

Um dos homens perto de Langley chamou sua atenção para longe de Gillian. Ele estava brincando com o garfo, franzindo a testa, seu olhar percorrendo a mesa até o lugar onde as duas damas estavam sendo mantidas. O rosto do homem estava parcialmente escondido atrás de uma máscara de dominó, como a sua, mas seus cabelos loiros e seus olhos verdes eram familiares. O homem não comia nem bebia como os outros, e seus olhos continuaram concentrados nas duas mulheres. Em vez de parecer um homem pronto para atacar as mulheres, ele parecia...

James captou-lhe o olhar e os olhos do homem penetraram nos dele. Ele viu choque e reconhecimento lá, que foi devolvido em espécie. Ele sabia agora como conhecia esse homem.

Havia apenas uma pessoa de seu conhecimento que se encaixava no perfil do homem. Jonathan St. Laurent. O meio-irmão mais novo do infame Duque de Essex, um dos amigos de James, era um membro deste clube? Ele gostava de Jonathan, mas se descobrisse que ele era uma parte desses atos sombrios, James o estrangularia.

Quando o banquete chegou ao fim, Langley levantou-se, tirou um par de dados do bolso de um casaco e segurou-os.

— Cada homem jogará os dados sagrados para determinar quem fica com a alegria de tomar a que está de vestido roxo. Então, depois vamos lançar o dado para a Lady Society. Mas tenham a certeza de que temos a noite toda, e todo homem tem uma chance com as *duas* mulheres.

Audrey se balançou descontroladamente em sua cadeira, seus gritos abafados pela mordaça.

James olhou para Jonathan e viu um lampejo de fogo furioso nos olhos do homem. Talvez ele estivesse enganado. Talvez St. Laurent estivesse aqui como ele, para ajudar?

Os dados foram passados, cada homem rolando, em seguida, xingando ou gritando quando os números caíram sobre a mesa. Se James pudesse ganhar com o maior número por Gillian, ele poderia ser capaz de levá-la para a segurança e voltar por Audrey. Se ele tivesse que lutar, uma lady seria mais fácil de proteger do que duas.

Quando os dados lhe foram entregues, ele prendeu a respiração e ficou de pé. Ele encontrou o olhar de Gillian, desejando que ela soubesse que ele estava lá, que não estava enfrentando esse horror sozinha. Ele jogou os dados no comprimento da mesa e fechou os olhos por um breve instante até que o som dos dados batendo contra a madeira cessou.

— Doze! — O homem rugiu. — Por Deus, você é um bastardo sortudo! — O homem ao lado dele bateu-lhe com força no braço.

— Parece que temos o nosso vencedor. — Langley sorriu para ele. — Leve seu lindo prêmio para qualquer um dos quartos do andar de cima. Vou te dar meia hora e depois vamos rolar para ver quem é o próximo.

James prendeu a respiração lentamente, a cabeça girando um pouco. Ele pelo menos poderia tirar Gillian daqui. Ele sorriu para os homens ao seu redor, fingindo gostar dos parabéns enquanto caminhava para reivindicar Gillian. O homem ao lado soltou as cordas que prendiam seus pulsos e a puxou para fora da cadeira. Ele bateu no traseiro dela e Gillian gritou, seus olhos cinzentos brilhando com fogo vingativo. James mal se impediu de colocar o homem no chão.

Eu tenho que continuar fazendo esse jogo.

Se suspeitassem que ele não era um deles, ele e Gillian não teriam chance. Ele agarrou-a pela parte superior do braço, agindo com força, mas seu aperto era gentil.

— Por aqui, minha querida, — ele rosnou, dando-lhe um pouco de tempo.

Houve um ruído alto atrás dele, e ele ouviu Audrey gritar.

— Se a tocar eu o matarei. — Ela tinha trabalhado em retirar a mordaça de sua boca. Ele desejava poder tranquilizá-la de que sua amiga estaria segura, mas não havia jeito. St. Laurent ficou em pé e gritou para ela.

— Segure sua língua, ou eu vou colocar essa sua boca para ser usada melhor. — St. Laurent, em seguida, deu a James a simples sugestão de um aceno de cabeça, como se para encorajá-lo a ir, enquanto tinha a chance. Parecia que

ele também estava apoiando o truque.

Gillian lutou em seu aperto, mas ele se moveu rapidamente, puxando-a para o corredor antes de fechar a porta atrás deles. Ele fez isso e mal deu dois passos antes de um delicado pé de botas o derrubar, e ele caiu no chão. Gillian saltou por cima do corpo de bruços, com um rodopiar de saias roxas e anáguas brancas, enquanto fugia pelo corredor.

— Gillian, espere! — Ele sussurrou enquanto lutava para ficar de pé. Ela congelou no final do corredor e olhou para ele. Com uma maldição, James tirou seu dominó, expondo seu rosto.

— Lorde Pembroke? — Gillian sussurrou. — Você está com esses degenerados

— Não! — Ele parou com uma mão na parede para olhar para ela, com medo de que fugisse dele. — Ouvi dizer que Langley estava atrás de Lady Society e me lembrei do incidente em que você esteve envolvida esta tarde. Eu pensei que tinha juntado as peças, mas você não é Lady Society depois de tudo. É a senhorita Sheridan, não é?

Gillian jogou a máscara no chão enquanto suspirava pesadamente. O som fez seu coração doer.

— Sim. Mas você não deve dizer a ninguém. — Ela se voltou para ele e o olhou, seus olhos suplicantes.

— Eu nunca iria traí-la ou qualquer coisa que me disser em confiança, — ele jurou. — Mas agora sua amiga está em grave perigo, e há uma chance de que esses homens hoje a reconheçam e a você. Nós temos que te levar para fora. Então eu vou voltar pela senhorita Sheridan. St. Laurent está lá com ela, mas temo que os números não o favoreçam.

— St. Laurent? Jonathan está aqui?

— Ele está. E não tenho dúvidas de que Langley e seus homens o matarão alegremente se ele atravessar em seu caminho. E ele vai atravessar. Eu tenho que levá-la para fora agora

A súbita explosão de uma pistola sendo disparada transformou o mundo em caos. As portas da sala de jantar se abriram e várias senhoras passaram correndo por elas, derrubando Gillian contra a parede. James amaldiçoou ao ver a cabeça de Gillian atingir a parede e ela cair no chão. Ele correu em direção a ela, mas um grito profundo o parou em sua rota.

— Pare ou vou colocar uma bala nas suas costas! — A ameaça de Langley foi seguida por um cano de pistola cravando entre suas omoplatas.

James respirou devagar, olhando para Gillian, que estava ficando de

joelhos, segurando a cabeça nas mãos. Isso foi como dois golpes que teriam derrubado um homem maior do que sua pequena e doce Gillian. Atrás dele, ele ouviu a briga e os estrondos de homens lutando na sala de jantar. St. Laurent deveria estar usando seus punhos agora. James quase sorriu. Qualquer um que enfrentasse as mãos nuas daquele homem não ficaria de pé por muito tempo. Ele treinou com os melhores.

— Espere… eu te conheço. Então, como o conde de Pembroke consegue entrar no meu pequeno clube sem um convite? — Langley exigiu.

— Uma terrível falta de sua segurança, te digo.

Langley enfiou o cano na sua nuca dessa vez.

— Cale a boca!

James tinha apenas alguns segundos para agir, apenas uma chance de se mover do jeito certo. Ele deu um puxão para a direita, e o cano escorregou de seu pescoço quando ele se agachou e girou, lutando com Langley. A pistola disparou, mas a bala se alojou no teto, enviando uma chuva de pó ao redor dele e de Langley. James rugiu e derrubou Langley no chão e arrancou a arma de suas mãos. A máscara de Langley caiu durante a luta, seus olhos selvagens brilhando perigosamente.

— Eu não vou aguentar isso! Você não pode arruinar meu clube

James lhe deu um soco no rosto e ele caiu no chão, seus olhos se revirando em sua cabeça se balançando.

— Eu já fiz, e faria isso de novo, seu bastardo, — James murmurou.

James olhou para cima, através das portas entreabertas da sala de jantar. Tudo o que ele viu foi Audrey segurando um gato preto ronronando e Jonathan dando socos em todas as direções. Audrey o procurava, seu rosto frenético.

— Lorde Pembroke! Céus! Estou tão feliz em te ver! Onde está Gillian?

Ele acenou apressadamente atrás dele, antes de se voltar para Gillian. Ela estava sentada contra a parede, com a cabeça nas mãos, o sangue escorrendo pelo rosto, e ele percebeu para seu horror que parte do teto havia caído sobre ela.

— Srta. Beaumont... — Ele se ajoelhou ao lado dela, segurando seu rosto com as mãos e virando o lado ferido para a luz das velas e dos candeeiros de parede acima.

— Meu lorde... eu não me sinto bem, — disse ela sonolenta.

— Eu sei, querida, eu sei. — Ele fez uma careta quando a examinou. Ela precisava ser vista por um médico imediatamente.

— Espere aqui. Srta. Sheridan e St. Laurent precisam de ajuda. — Ele odiava deixá-la, mas Jonathan não podia esperar para detonar todos aqueles

grosseiros por si mesmo. Assim que tivesse certeza de que o outro homem estava bem, ele voltaria direto para Gillian.

— Vá. Eu ficarei bem — prometeu ela. James se inclinou e deu um rápido beijo em seus lábios antes de entrar na briga na sala de jantar.

03

Tudo parecia estar um pouco confuso. Gillian viu James invadir a sala de jantar. Ele se movia com uma rapidez e facilidade surpreendentes, como se estivesse acostumado a lutar contra os lacaios de um Hellfire Club. Mais cedo naquele dia ele lhe mostrou seu lado doce, irresistível e sedutor, mas agora ela via um guerreiro diante dela.

Ela tentou andar em direção a ele, mas tropeçou e caiu sentada. Seus pés pareciam desajeitados e ela olhou para baixo. Ela piscou além da dor em sua cabeça, e com um estranho sentimento notou que o belo vestido roxo que ela usava estava rasgado, e o sangue estava manchando o seu corpete? *Céus... que sangue era esse?* O som da luta atraiu sua atenção de volta para a sala de jantar, e ela olhou para cima.

Sua boca se abriu quando viu James agarrar um homem e jogá-lo sobre a mesa enquanto lutava indo na direção de Jonathan. Audrey estava no canto da sala de jantar, um gato preto em seus braços e uma lenha da lareira em uma mão. Ela enfrentava um bêbado que estava tropeçando em sua direção. Audrey empunhava a lenha como um mestre de esgrima enfrentaria um adversário. Ela bateu com força e derrubou o homem com um golpe rápido. Então ela correu para o corredor, ainda segurando o felino debaixo de um braço. *O que diabos estava Audrey fazendo com um gato e...*

— Gillian? — Audrey gritou quando viu Gillian sentada no corredor. — Você está bem?

— Sim. — Gillian tentou levantar para ir em direção a ela, e sentiu algo quente escorrendo pelo seu rosto. Ela estendeu a mão e tocou seu rosto. Sua mão voltou coberta de sangue. A visão do líquido escarlate na palma da mão a fez recuar. *Ela* estava sangrando?

Ela olhou para a ama a tempo de ver Jonathan ajudando Audrey e o gato passarem através de uma janela aberta. Eles desapareceram na noite. De repente, James apareceu, pegando-a pela mão.

— Hora de ir. Você pode correr?

— Eu acho que sim, — disse ela, feliz por ele estar puxando-a junto dele, porque, parecia que ela poderia não ter força, afinal.

— Por que eles saíram pela janela? — Perguntou quando ela e James correram pelo corredor. O caminho que levava de volta à sala de jantar estava bloqueado, enquanto os homens se aproximavam rapidamente procurando por eles, mas ainda não tinham sido vistos.

— Eles tiveram a chance de saírem dessa maneira. Foi melhor nos separarmos para que possamos nos esconder mais facilmente nas sombras e atrair menos atenção. Eu sei de outra saída. Muitas dessas casas antigas são baseadas nas mesmas plantas. — James parou no final do corredor e empurrou a porta com força suficiente para que ela batesse contra a parede. Eles tropeçaram nas cozinhas, onde uma mulher mal-humorada com um avental gorduroso olhava para eles.

— Hey! O que você está fazendo aqui? — A cozinheira quis saber.

James não se incomodou em responder; ele simplesmente foi direto para a porta no final da cozinha. Gillian o seguiu, evitando potes e tossindo enquanto o vapor enchia seus pulmões. Eles irromperam em um beco escuro, e James a conduziu rapidamente para a rua, onde chamou um cocheiro que estava passando. Ele gritou um endereço para o cocheiro.

— E mais dez xelins se você nos tirar do inferno desta maldita rua, — acrescentou.

— Isso eu posso fazer! — Disse o cocheiro idoso.

James levou Gillian para a carruagem e colocou-a suavemente no banco, de costas para o cocheiro. O coche entrou em movimento e ela caiu contra James. Ele a pegou, impedindo que ela caísse no chão do coche.

— Eu tenho você, — disse ele. As palavras pareceram ressoar profundamente nela, mais do que o simples ato de pegá-la. A noite tinha sido um borrão completo, e ainda assim tê-lo segurando-a parecia amedrontá-la. Só agora ela conseguiu finalmente recuperar o fôlego.

— Meu lorde, o que você estava fazendo lá? — Gillian tocou a cabeça doendo.

— Eu estava resgatando-a e acho que não fiz um bom trabalho. Cuidado — ele disse enquanto segurava a mão dela e gentilmente a afastava da têmpora. — Você está sangrando.

— Eu realmente não precisava ser resgatada, — ela lembrou a ele, entretanto estava completamente ciente de quão ridículo soava dada a situação em que se encontrava.

Perseguir sua ama em uma armadilha de um Hellfire Club, não era um de seus momentos mais brilhantes, e ela desprezava sua própria tolice. Se havia uma coisa que ela poderia ter alegado orgulhosamente, era que sabia como ser responsável e sensata. Nada naquela noite tinha sido sensato. Em vez disso, ela foi imprudente e quase perdeu a vida. Quando ela olhou para James, viu-o morder o lábio ao invés de discutir com ela.

— Você está certo, — ela resmungou. — Eu estava com problemas. Obrigada por vir em meu auxílio.

Ele sorriu calorosamente, e isso trouxe de volta uma nova onda de lembranças do início do dia, de como ele a provocou na biblioteca e a beijou sem sentido. Ela o deixou acreditar que não era a serva de uma lady, mas uma lady real. Ela não podia mais esconder a verdade dele. Ele salvou sua vida, e ela lhe devia sua honestidade.

— Meu lorde... — começou ela, mas o cocheiro parou e anunciou o endereço. Esta não era a casa da cidade de Sheridan. — Onde estamos?

James olhou para as botas, de repente tímido.

— Eu te trouxe para minha casa. É tarde, então ninguém vai te ver. Eu tenho um médico que mora comigo por causa da minha mãe e quero que ele a olhe imediatamente. No momento em que ele me garantir que você está bem, vou acompanhá-la onde quiser.

A mãe dele? Ela lutou para lembrar o que a irmã de James, Letty, havia dito a ela. A mãe de James ficou doente depois que o pai morreu e nos últimos dois anos se tornou retraída e esclerosada. Saber que ele cuidava de sua mãe encheu Gillian com um sentimento de compaixão solidária.

— Isso é aceitável? Levar-me para sua casa? — Sua voz era suave, sedosa, embora um pouco perigosa na forma como ele fazia seu coração palpitar. Ele era exatamente o tipo de homem que ela sonhava em se apaixonar. Mas ela nunca poderia. Ele era um lorde com títulos, um membro da *alta sociedade*. Ela era a filha bastarda de um conde.

Se eu me atrevesse a sonhar, você seria meu.

Ela não podia desviar o olhar dele enquanto assentia. Ela não deveria concordar em entrar em sua casa, mas ansiava por um momento fingir que essa vida poderia ter sido dela. Parte de seu coração ainda se agarrava a sonhos de infância tolos, queria acreditar por uma noite que ela era uma lady da alta nobreza que poderia ser vista com ele, que poderia se casar com ele, que poderia ter uma vida com ele.

Ele saiu da carruagem e estendeu-lhe a mão. Ela começou a sair do

veículo, e ele a agarrou pela cintura com cuidado, lentamente deixando-a deslizar pelo corpo dele até o chão. Apesar de sua cabeça doendo, ela ansiava por ele beijá-la naquele momento. Ele segurou o queixo dela, baixando os olhos para seus lábios antes de soltá-la.

— Minhas desculpas. Precisamos levá-la para dentro e ser vista pelo Dr. Wilkes.

Ela lutou contra uma onda de decepção. Seria tolo e imprudente dizer a ele que seus beijos teriam apagado suas dores?

Sim, muito tolo. Você está agindo como Audrey.

James bateu na porta, um braço enrolado na cintura de Gillian, como se temesse que ela desmoronasse a qualquer momento. Ela se agarrou a ele com avidez, odiando o quanto gostava de sentir seu corpo forte pressionado tão perto do dela. Quando a porta se abriu, um lacaio jovem, mas cansado, respondeu.

— Meu lorde! — Seus olhos se arregalaram, e ele aguçou a atenção quando reconheceu James de pé diante dele.

— Brandon, os serviços do Dr. Wilkes são necessários. Nós estaremos no meu quarto. Traga-nos um pouco de comida e vinho.

— Claro. — O rapaz correu, e James ajudou Gillian entrar.

Ele enrolou um braço ao redor da cintura dela, do qual ela não se esquivou. Era bom ser segurada assim, sentir seu braço forte apoiando seu corpo quando ela ainda se sentia um pouco atordoada. Ajudou-a a subir para o seu quarto de dormir e a sentar-se numa cadeira, depois retirou um cobertor de um sofá próximo e colocou-o no seu colo. Ele gentilmente enrolou os dedos sob o seu queixo, erguendo-lhe o rosto para que pudesse estudá-la.

— Você está quente o suficiente? — Ele perguntou. A ponta de seu polegar roçou seu lábio inferior. Apesar de suas palavras amáveis e ternura, ela nunca tinha estado mais consciente dele de um modo puramente masculino do que neste momento. Ele a resgatou, tirou-a do caminho do mal e agora estava cuidando dela. Ela estava dividida entre adorá-lo por seu resgate e se odiar por precisar desse resgate.

— Eu estou bem, meu lorde, garanto-lhe

Eles pularam quando a porta se abriu e o lacaio voltou com uma bandeja de comida e uma garrafa de vinho. O jovem saiu timidamente da sala depois de colocar os víveres.

— Céus, — disse ela com um rubor. — O que ele deve pensar de mim, com você aqui, sozinha... — Ela sabia exatamente o que os servos pensariam, já que ela era um deles. Mais de uma vez, vira o irmão de Audrey, Cedric, levar

mulheres sozinhas para o seu quarto, anos antes de se casar com Anne.

— Sinto muito. Vou tentar pensar em uma desculpa para te trazer aqui. Você não deve se encontrar em uma nuvem de escândalo, meus servos jamais falam — ele correu para tranquilizá-la.

O estômago de Gillian agitou-se com nervosismo. Ele estava preocupado com ela? Ela não era da sociedade, era uma presença quase invisível. Além de outros agentes, a única pessoa que a tinha visto como uma pessoa e não uma serva, foi Audrey. Não, se alguém corria o risco de sua reputação ser prejudicada, era ele. Ela era a indesejável aqui.

— Meu lorde, eu realmente preciso falar com você, — ela disse suavemente, sabendo que tinha que dizer a ele a verdade sobre sua posição.

— Quero que o Dr. Wilkes a veja primeiro. Então, pode me dizer o que quer que você queira.

Ela recostou-se na cadeira junto à lareira e observou-o andar de um lado para o outro. Se a cabeça dela não estivesse latejando, ela teria rido ao vê-lo claramente irritado quando realmente não deveria se preocupar. Ela ficaria bem.

— Você deve ter cuidado para não deixar um caminho nos tapetes, — disse ela, finalmente conseguindo deixar um sorriso escorregar em seu mal humor. O homem estava preocupado. Ela percebeu que sua diversão desaparecera quando ele se tornara um conde muito jovem e sobrecarregado com a doença de sua mãe e o bem-estar de sua irmã sob sua responsabilidade.

— Hmm? — Ele respondeu antes de perceber o que ela disse. Com uma risada irônica, ele parou. — Sim, não gostaria de desgastar os tapetes.

Seus lábios se separaram novamente como se ele estivesse prestes a falar, mas a porta se abriu e um gentil cavalheiro de meia idade entrou. Ele usava calças e uma camisa, mas não colete.

— Minhas desculpas, meu lorde, pelo meu estado de nudez. Mas Brandon me informou que havia uma lady aqui em perigo?

— Sim. Dr. Wilkes, esta é a senhorita Gillian Beaumont. Srta. Beaumont, esta é o Dr. Giles Wilkes.

— Prazer em conhecê-lo, — disse Gillian.

— Eu também. — Wilkes sorriu enquanto se aproximava dela. — Vamos dar uma olhada nisso? É sua cabeça?

James se moveu para o lado dela, franzindo a testa de uma maneira muito querida, enquanto o Dr. Wilkes examinava seus olhos, a cabeça e o pescoço.

— Preciso limpar a ferida e ver exatamente o quão profundo é o dano. Senhorita Beaumont, posso persuadi-la a sentar na cama?

— Claro. — Gillian se sentou na cama e tentou se equilibrar, enquanto o Dr. Wilkes retirava vários itens de sua bolsa de medicina preta.

O Dr. Wilkes examinou-a e instruiu James a segurar um candelabro para que ele tivesse iluminação adequada.

— Você se importa se eu perguntar como você foi ferida, senhorita Beaumont?

— Bem, eu fui empurrada com força contra uma parede, e acho que parte do teto caiu em cima de mim.

Wilkes ficou boquiaberto para ela e depois para James.

— Perdão?

— É uma longa história, mas eu a ajudei a escapar de um Hellfire Club. As coisas ficaram complicadas.

— Eu entendo. — O Dr. Wilkes franziu a testa enquanto usava uma mistura de hamamélis[3] para limpar seus arranhões. Gillian sibilou com a ardência, mas a mão poderosa de James agarrou uma das suas, enquanto ficava ao lado dela, o que a confortou um pouco.

— Ela não deve ficar sozinha esta noite. A ferida parece ser superficial, mas ela deve ser observada de perto, caso esteja com dor. Eu quero ser acordado imediatamente se for esse o caso.

— Oh, mas não posso ficar — protestou Gillian.

— Você pode e vai. — James apertou a mão dela novamente. — Se o Dr. Wilkes está preocupado, você deve fazer o que ele diz.

— Mas… eu não tenho roupas, e a senhorita Sheridan vai se preocupar sobre onde e como estou.

Era perigoso ficar. Ela estaria muito perto do homem que a tentava como nenhum outro.

— Vou mandar um mensageiro a senhorita Sheridan imediatamente. Tenho certeza de que Letty terá algumas roupas extras que pode emprestar. — James pegou seu queixo, virando a cabeça de Gillian para encará-lo. — Por favor, deixe-me cuidar de você. — Seus olhos se encontraram, e ela teve a sensação de que suas palavras não eram simplesmente sobre esta noite, mas por muitas noites a vir.

Ele nem sabe quem eu sou. Se ele soubesse, ficaria furioso com o meu engano.

— Você está confortável com isso, senhorita Beaumont? — perguntou o Dr. Wilkes.

O que ela poderia dizer?

— Se é o que você recomenda, então sim.

— Eu ficarei para vigiá-la, se você não tiver objeção. — James ainda segurava a mão dela, e calor penetrou em suas bochechas com o pensamento dele estar tão perto enquanto ela dormia.

— Eu não objeto, — disse ela, incapaz de desviar o olhar de seus olhos. Eles eram quentes e macios, um tom de marrom que a fazia pensar em canela.

— Ótimo. — James soltou sua mão, e então ele andou com o médico para o corredor.

Gillian enrolou os braços ao redor de sua cintura. Ela sabia que o que estava fazendo era errado. Ficar aqui com ele era escandaloso. Ela disse a ele para não se preocupar com sua reputação, porque estava com medo de que ele tentasse fazer a coisa honrada e oferecesse casamento, e então a desprezaria uma vez que descobrisse a verdade sobre sua situação. Uma mulher de decoro vivia e morria por causa de sua reputação, e embora Audrey não se importasse com esse nível de escândalo, isso se espalharia e faria a casa de Sheridan perder o respeito, o que prejudicaria Audrey. Gillian sentia que Audrey era sua amiga mais próxima, apesar de ser empregada e empregadora.

A porta se abriu um pouco mais tarde para dar passagem a James e uma jovem criada. A mulher segurava uma camisola e outras necessidades imediatas em seus braços.

— Senhorita Beaumont, esta é Sybil. Ela cuidará das suas necessidades. Vou te dar meia hora para que esteja vestida. — Ele parou perto da porta. O olhar incerto e quase preocupado em seu rosto era estranhamente encantador, como se ele tivesse medo de deixá-la sozinha, caso ela precisasse dele.

— Obrigada, meu lorde. Ficarei bem até você voltar — prometeu ela.

Sybil ajudou-a a trocar o vestido roxo escuro pela camisola. O tecido caro a fez se sentir envergonhada. Pertencia à irmã de James, Letty? A renda fina em sua garganta e seios era linda demais, muito cara em comparação com o simples vestido de algodão caseiro que ela sempre usava. Tinha que pertencer a sua irmã.

— Você precisa de mais alguma coisa, senhorita? — Sybil perguntou. Ela terminou de tirar o cabelo de Gillian do penteado apressado que tinha feito um pouco mais cedo naquela noite. Ela teve que correr da casa atrás de Audrey e só teve tempo para um simples coque. Muitos dos grampos ficaram emaranhados durante suas lutas anteriores, mas a serva tinha um talento para libertá-los.

— Não, estou bem, obrigada. — Era estranho estar tendo uma ajuda como esta. Ela passou a maior parte de sua vida cuidando de si mesma e de Audrey da mesma maneira.

— Se você precisar de mais alguma coisa, basta usar o cordão da campainha ao lado da cama. Nós sempre temos alguns servos que ficam acordados durante a noite porque... — A serva de repente cobriu a boca. — Eu não deveria ter falado, senhorita. Não é meu lugar para...

— Está tudo bem, Sybil. Tenho certeza que tem a ver com a mãe de Lorde Pembroke e sua doença.

A serva mordeu o lábio e assentiu. Gillian agradeceu novamente e puxou a colcha e a roupa de cama antes de subir na cama.

Ela soprou o pavio da vela e se aconchegou no colchão macio de penas. Era muito melhor do que a cama delgada em que dormia no sótão da mansão Sheridan. Suas acomodações na casa eram melhores do que muitas mulheres de serviço, mas nada se compara a um bom colchão como este. Ela fechou os olhos, sorrindo um pouco.

— Sentindo-se melhor?

Ela estremeceu ao som da voz de James. Ele entrara silenciosamente no quarto, segurando um livro e um castiçal.

— Sim. — Ela tirou o cabelo do rosto e observou-o enquanto ele fechava a porta do quarto e caminhava até uma cadeira perto da lareira.

— Ótimo. Eu não queria te acordar. Por favor, descanse. Eu estarei aqui se você precisar de mim. — Ele acenou com o livro na mão, então se estabeleceu em uma cadeira perto da lareira. Gillian se perguntou se seus ombros largos já não se cansavam dos fardos que carregava. Ele tinha tanta responsabilidade, e ela não podia deixar de sentir pena por reconhecer de que não havia ninguém para cuidar dele.

Ela ainda estava um pouco chocada por estar dormindo na casa do conde de Pembroke e ele estava em seu quarto. Apesar de seu cansaço, seus nervos ganharam vida e ela sabia que não conseguiria dormir tão cedo. Ela saiu da cama, foi até a cadeira ao lado dele e sentou-se no banco. Ele olhou surpreso.

— Eu não consigo dormir. Ainda não. Você leria para mim?

Ele olhou para o livro em suas mãos e uma mecha de seu cabelo escuro caiu sobre os olhos. Ela não conseguia desviar o olhar do rosto dele, do jeito que a luz do fogo na lareira sombreava os cumes elegantes de sua mandíbula e maçãs do rosto. Suas feições foram criadas pela deusa do amor para tentar qualquer mulher sã a ter pensamentos escandalosos. Gillian se lembrava de quão macios eram aqueles lábios, como os sentiu provocando os dela, o movimento perverso de sua língua enviando deliciosos arrepios por sua espinha.

— Você deseja que eu leia para você? — Ele levantou o livro para que ela

pudesse ver a capa, em que estava gravado *Lady Gloria e o Conde Earnest.* — Você tem certeza? — Sua voz era baixa, com um brilho sedutor em seus olhos, mas não havia humor contraindo nos cantos dos lábios. — Afinal, a última vez que eu li para você... — Seu olhar baixou para seus lábios quando parou, e então ele encontrou seus olhos. — Nós nos perdemos completamente, se bem me lembro, e não nas páginas de um livro. — Ela corou quando percebeu que ele pudesse de alguma forma provocá-la e despertar suas paixões ao mesmo tempo.

— Eu acredito que estou disposta a arriscar me perder de novo nas páginas, quero dizer, de um livro. — Tinha a sensação de que este homem poderia ler tudo para ela e iria agarrar-se a cada palavra e sílaba. Ela mordeu o lábio para não rir de si mesma.

James abriu o livro novamente, inclinando-se para ela em sua cadeira enquanto voltava para a primeira página.

— Melhor começar do começo, eu acho.

Gillian enfiou as pernas na cadeira e se apoiou no braço esquerdo para se sentir confortável. O calor do fogo e o calor entre ela e James encheram a sala, fazendo-a sentir-se macia, feminina, e muito consciente dele como homem de uma maneira que fez sua cabeça ficar tonta por razões completamente diferentes.

— Sempre parece que quando uma lady mais precisa de aventura, tal aventura vem batendo em sua porta. Para a senhorita Gloria Bellarmy, a batida foi realmente de verdade em sua porta, na forma de um estranho alto e moreno precisando de ajuda. — James continuou a ler o romance gótico, sua voz profunda pronunciando as palavras em um tom sedutor e enviando Gillian em um clima tranquilo.

Ela fechou os olhos, imaginando as cenas do livro. Mas, em vez da Srta. Gloria como heroína, era ela quem acompanhava o misterioso homem até sua bela casa, mas em ruínas, na costa da Cornualha. E era James quem a seduzia na sala de jantar, que a levava para a cama e fazia amor com uma intensidade selvagem que a excitava, em vez de assustá-la. Os sonhos eram excelentes. Ela quase choramingou em protesto quando seu corpo foi levantado de repente da cadeira, e ela acordou nos braços de James.

— Você estava dormindo, — ele sussurrou com voz rouca. — Eu pensei que deveria levá-la para a cama.

— Levar-me para a cama? — Ela murmurou, seu corpo cantarolando com o pensamento. Gillian olhou para seu rosto e lentamente enrolou os braços ao redor de seu pescoço enquanto ele a levava para a cama.

— Sim, você precisa descansar. — Ele a colocou no chão, mas quando

ela não a soltou, ele ficou pairando sobre ela. Seus rostos estavam a centímetros de distância, à luz das velas.

— Gillian. — Sua voz era rouca agora. Ele estava no limite e ela também podia sentir. A linha invisível que, se eles cruzassem, cairiam em escândalo e pecado, mas isso realmente importava? A fome que ela tinha por ele superava os pensamentos racionais que ela havia adotado antes.

— Seria tão ruim para... — Ela não terminou o pensamento, mas simplesmente baixou o olhar para sua boca tentadora. *Deus, por favor, deixe ele me beijar.* Ela tremeu em seus braços com a força de sua fome por ele.

— Seria muito ruim… e *muito bom.* — Ele apoiou um braço sobre o outro lado dela quando se inclinou ainda mais sobre a cama. — Mas prometi que seria um cavalheiro.

O corpo de Gillian já estava zumbindo ao pensar nele beijando-a novamente. Havia algo sobre ele que a privava de bom senso. Um cavalheiro que tinha um lado selvagem, um cavalheiro que amava profundamente e lutava loucamente para proteger aqueles com quem ele se importava, inclusive ela.

Danem-se as consequências. Ela moveu uma de suas mãos para sua gravata, puxando o tecido branco do pescoço, desenrolando-o até que estivesse solto o suficiente para deslizar para fora dele. Ela deixou cair no chão. Ela o olhava, e quando ele devolveu o olhar novamente, seus lábios deliciosos se dividiram em um sorriso maravilhosamente perverso. Faíscas invadiram seu corpo quando ela alcançou os botões de seu colete ao mesmo tempo em que ele alcançou sua camisola a sua cintura. Os dois riram baixinho, os rostos acariciando a bochecha enquanto corriam para tirarem a roupa do outro. Era como se a natural autoconsciência de Gillian tivesse desaparecido na noite, e tudo o que restava era uma criatura de toque, gosto e aroma, enquanto ela explorava cada pedaço do corpo de James com suas mãos e boca enquanto o despia.

No momento em que ele foi despojado de suas roupas, estava levantando sua camisola sobre a cabeça. Ela não tinha tempo de ser tímida. Ele estava rastejando em cima dela, beijando-a loucamente.

— Abra para mim, amor, — ele sussurrou contra seus lábios. Ela abriu a boca, mas ele deu um tapinha suave em seus joelhos, e ela ficou tensa.

— Calma agora, — disse ele com uma risada. — Nós vamos devagar. — James acariciou sua bochecha, e ela agarrou seus ombros enquanto ela, lentamente, abriu-se para ele. O peso de seu corpo era bem-vindo; isso a fazia sentir-se aterrada como uma árvore antiga em um jardim esquecido que crescia

profundamente no centro da própria terra. Era assim que se sentia, como ele a fazia sentir-se conectada a ele.

Eles poderiam se beijar por horas, os lábios suaves e gentis, as mãos questionadoras e os membros deslizantes enquanto eles se exploravam. Ela nunca sentiu uma necessidade em construção tão lenta dentro dela antes, uma que parecia existir e que procurava algo muito maior.

— É sempre assim? — Perguntou ela contra seus lábios.

— O quê? — Ele respondeu, sua rouca voz.

Ela passou os dedos pelo cabelo na nuca dele e ele estremeceu.

— Como… como se eu estivesse em chamas, como se eu precisasse de você de uma maneira que eu mal entendo. — Ela teria corado em sua própria abertura, mas naquele momento, ela não se importava.

— Não, nem sempre é assim. Eu sinto o mesmo, — ele admitiu, um sorriso juvenil em seu rosto deixando-a sem palavras. Perdida e sem palavras, Gillian beijou seu queixo, sua garganta, cravando as unhas em seus ombros enquanto ele lentamente entrava nela. A tensão, e a dor apareceu e brilhou dentro de seu útero como uma estrela cadente e depois se desvaneceu em uma sensação de plenitude. Ele completou-a naquele momento, fez tudo de uma maneira que ela nunca imaginou. Esta era a razão pela qual as mulheres se apaixonavam, a razão pela qual os libertinos eram perigosos. James não era um libertino. Ele era um cavalheiro, exatamente como prometera. Mas ele era um cavalheiro que sabia usar seu corpo da maneira mais maravilhosa e perversa.

— Mova-se comigo, — ele encorajou entre beijos. Gillian levantou os quadris quando ele baixou a dele, e a sensação de plenitude aumentou até que ela quase não conseguia respirar. Então ele se retirou, e ela o agarrou com mais força, pedindo-lhe para empurrar de volta. Eles compartilharam um gemido suave enquanto seus quadris se juntavam repetidamente.

— A sinto como se estivesse no céu, — ele rosnou. — No maldito Céu.

— Eu também. — Gillian ofegou quando ele empurrou de volta para ela, e uma onda de prazer, de repente, assustadoramente, tomou conta dela.

Ela inalou e gritou. Um segundo depois, James cobriu sua boca com a dele, abafando seus gritos. Então ele empurrou nela novamente e enterrou seu rosto em seu pescoço, beijando-a suavemente quando ele caiu em cima dela. Por um momento, ela temeu que não pudesse respirar, mas ele levantou o corpo e rolou para o lado. O corpo nu de Gillian começou a esfriar, e por uma segunda razão e lógica ameaçaram varrê-la, mas James levantou as cobertas e a puxou para seus braços, beijando a concha de sua orelha.

— Durma. Estou aqui para cuidar de você. — Sua promessa a seguiu até a escuridão com o sono chegando por fim.

James segurou Gillian em seus braços, observando as velas queimarem lentamente. Ele tinha sido imprudente, tomando-a desta forma, e ainda assim ele não se arrependia nem por um instante. Ela era a mulher com quem ele queria passar o resto de sua vida, mas sabia que teria problemas em convencê-la a se casar com ele. Havia segredos em seus olhos e tristeza em seus lábios, e ele desejou saber o que a enchia de medo e hesitação. Ele viveu toda a sua vida se sentindo distanciado e sozinho dos outros. Era difícil encontrar uma jovem lady na sociedade que se casaria com um homem que desejasse manter sua mãe por perto, uma mãe que sofria de um início precoce de uma doença da mente. Muitas moças que ele conheceu mencionaram que gostariam de ver sua mãe se retirar para o campo, fora da vista, fora da sociedade, mas James não podia fazer isso. Gillian pareceu entendê-lo e teve compaixão como nenhuma outra mulher que conheceu. Ela era o tipo de mulher com quem ele poderia se casar.

Ele tirou uma mecha de cabelo do seu rosto, e ela se aconchegou mais perto dele. O leve aroma floral que se agarrava a seu cabelo o fez pensar naqueles verões há muito tempo quando ele era um menino no campo. Seu pai estava vivo e sua mãe bem. Ele e Letty tinham corrido pelas mesas de chá sob as vastas copas das tendas do pavilhão que estavam cheias de amigos das aldeias e propriedades vizinhas.

Dias de verão cheios de sol quente. Era assim que se sentia ao segurar essa mulher em seus braços. Ela era uma magia estranha e maravilhosa que ele não conseguia acreditar que conseguiu capturar. Quando sua mãe adoeceu pela primeira vez e perdeu tanto de sua capacidade de acompanhar a conversa e lembrar detalhes do presente, ele prometeu que encontraria uma maneira de fazê-la inteira novamente. Sua mãe tinha segurado suas mãos nas dela, o cinza prematuro em suas têmporas dando uma elegância melancólica, enquanto ela sorria tristemente e falava com ele.

— Prometa-me, James, que você encontrará uma maneira de aproveitar os arco-íris depois das tempestades que a vida lhe proporcionar. Seu pai foi meu arco-íris capturado em um frasco. *Você não precisa se preocupar comigo. Persiga o seu próprio e maravilhoso mistério para o seu fim colorido e pegue-o antes que seja tarde demais.*

Ele não a entendera completamente; um garoto de dezesseis anos raramente queria pensar nas filosofias da vida. Mas agora ele se perguntava se Gillian poderia ser seu arco-íris em um frasco. Mas como pegá-la e mantê-la?

— Eu quero que você pertença a mim, — ele murmurou contra sua testa antes de colocar um beijo suave e demorado lá. De manhã, ele começaria a perseguir seu arco-íris até o fim maravilhoso e misterioso.

04

Gillian acordou com algo se movendo ao seu lado. Ela congelou quando percebeu que havia um homem em sua cama. Não, qualquer homem. O grande corpo nu do conde de Pembroke estava ao lado dela, o braço dele esticado em volta da sua cintura, os dedos dele enrolados contra a sua pele. Suas longas pernas estavam emaranhadas com as dela. Um leve calafrio percorreu sua parte superior do corpo, onde os cobertores caíram até os quadris. Ela piscou sonolenta e percebeu com alguma confusão que ela não estava em sua própria cama.

Pelas labaredas o que era isso?

Ela tocou a cabeça para afastar os cabelos para trás e estremeceu quando uma dor aguda floresceu em torno de sua têmpora direita. Um borrão selvagem de lembranças da noite anterior voltou para ela. Os perigos do Hellfire Club, a luta, depois a insanidade de sua fuga, e... a intimidade que ela compartilhou com James bem aqui nesta cama. Ela se abriu para ele, compartilhou-lhe seu corpo e ele com o dela.

Ela dormiu com James. Não, Lorde Pembroke. Ele nunca poderia ser James. Ela era uma criada e ele era um lorde. Ele tinha que ser mantido em sua posição e ela no dela.

Eu cometi um erro terrível.

No entanto, Gillian não podia negar o quão maravilhosa ela se sentia. Seu corpo estava saciado de um jeito que ela nunca imaginara, e quando tentou escapar do abraço de James, seu corpo protestou, querendo, em vez disso, se afundar de volta na cama quente com ele. Ela se forçou a se mover, levantando o braço em volta da cintura e colocando-a ao lado dele. Ele murmurou alguma coisa suave durante o sono e rolou de bruços para longe dela. Um suspiro de alívio escapou dela quando saiu da cama.

Demorou alguns minutos para recolher suas coisas. Seu vestido estava enrugado e ainda coberto de gotículas de sangue e pó de gesso branco, que ela fez o melhor que pôde para se livrar.

— Deus, que bagunça, — ela murmurou, então congelou quando James

se moveu na cama, jogando o travesseiro antes de se acomodar.

Quando estava vestida, ela afastou as cortinas da janela. A madrugada não passava de uma leve linha rosa sobre as árvores e os topos das casas das ruas de Londres. Ela acreditava que tinha tempo suficiente para encontrar uma carruagem e chegar na casa dos Sheridan antes que os servos despertassem para encontrá-la fora. Deixar que Sean Hartley, seu amigo e lacaio, soubesse o que havia acontecido, era uma coisa, mas ela não queria que o resto da equipe de servos soubessem de seu grave erro.

Mordendo os lábios, ela calçou as botas e as amarrou, depois se esgueirou até a porta e abriu-a. Ela entrou no corredor e checou os criados, não encontrando ninguém. Gillian sabia que eles estariam subindo a qualquer momento. A cozinheira nas cozinhas colocava o avental na cintura e verificava a massa de pão em descanso da noite anterior. Os lacaios começariam a fazer suas rondas acendendo lamparinas, e as servas em breve começariam a abrir as cortinas e a preparar as bandejas de café da manhã para James e sua família. Gillian conhecia essas rotinas muito bem porque era o mundo dela, o mundo de ordens e sinetas tocando, de bandejas de chá e de roupa suja. Seu mundo não era de camas exuberantes, vestidos finos e bailes cintilantes. Esse era o mundo ao qual James pertencia.

Pelo menos eu tenho as lembranças para me manter aquecida nos longos e solitários anos pela frente.

Gillian desceu as escadas e chegou à porta da frente.

— Senhorita Beaumont? — A voz de Dr. Wilkes a congelou em seu caminho. Ela olhou por cima do ombro e viu o médico sair de um quarto no andar de baixo.

— Bom dia, Dr. Wilkes. Como você está?

O médico sorriu.

— Bem. E como você está se sentindo? Eu gostaria de olhar sua cabeça antes de sair.

— Oh, mas...

— Por favor, — disse ele. — Eu sou médico e é da minha natureza me preocupar. Levará apenas um momento. Eu estava apenas cuidando da condessa viúva com seu remédio matinal. Ela está na sala de estar. Se você não se importa, prefiro ficar de olho nela enquanto estamos sozinhos.

— Er... sim, claro. — Gillian seguiu para a sala de estar. Uma mulher mais velha estava sentada em uma cadeira de frente para a janela, com vista para um lindo jardim. A luz roxa matutina começou nos tons brilhantes das glicínias

subindo pelas paredes ao redor das janelas. A mão da mulher estava espalhada no vidro, como se desejasse tocar as flores coloridas do lado de fora.

— Como ela está? — Gillian perguntou ao médico.

A voz do Dr. Wilkes estava cheia de compaixão.

— Um pouco mais distante hoje. Ela tem seus bons e maus dias.

A garganta de Gillian se apertou quando ela pensou em James ter que cuidar de sua mãe naqueles dias ruins quando ela mal estava presente.

— Agora, vamos dar uma olhada em você. — O Dr. Wilkes aproximou-a da janela da mãe de James para que ele pudesse examinar a cabeça dela. — Parece limpo, mas há um pouco de inchaço. Ele provavelmente irá doer. Como você está se sentindo?

— Um pouco de dolorida é tudo.

— Alguma nebulosidade ou pensamentos turvos?

— Não. — Seus pensamentos estavam turvos, mas não tinha nada a ver com ser atingida na cabeça e tudo a ver com o homem que fez amor com ela.

— Olá, — disse uma suave voz feminina, fazendo Gillian ficar tensa até perceber que era a mãe de James. Ela estava observando Gillian com curiosos olhos castanhos.

— Olá, — Gillian respondeu e olhou para o Dr. Wilkes, que ofereceu um sorriso encorajador.

— Abigail, esta é a senhorita Gillian Beaumont. Ela é amiga de James.

— Oh? — O rosto da mulher iluminou-se com um sorriso. — Você conhece meu James?

— Sim. — Gillian tentou ignorar o calor subindo ao rosto.

— Ele é um menino tão bom, sempre seguindo o pai dele. Assim como o meu Henry.

O sorriso de Gillian vacilou quando ela percebeu que sua mãe estava pensando no passado como se fosse o presente. Gillian se recuperou rapidamente, adaptando-se.

— Como é o Henry? — Perguntou a mulher mais velha.

— Henry? — Ela sorriu sonhadora. — Ele é um cavalheiro perfeito. Casei com ele quando eu tinha apenas dezessete anos. Ele tinha vinte e quatro anos e era tão bonito. Todos as minhas amigas estavam terrivelmente ciumentas. Eu não me importava que ele fosse o futuro Conde de Pembroke, no entanto. Para mim, ele era simplesmente Henry. Eu era apenas a filha de um arrendatário rural, entende? Eu nunca pensei que ele iria me notar, mas, bem, eu era uma dançarina maravilhosa. Os melhores homens amam dançar tanto quanto nós

mulheres.

Gillian sentou-se em uma cadeira ao lado da condessa viúva.

—Sério?

— Sim. Eu tinha pés pequenos e rápidos naquela época. — Ela riu. — Henry veio de Londres naquele ano e dançamos no baile de Natal de seu pai. Ele me disse anos depois que nunca se arrependeu de dançar comigo naquela noite, embora seus pais estivessem bastante escandalizados.

Gillian teve um vislumbre da adorável jovem que a mãe de James fora uma vez. Isso fez com que sua doença fosse mais dolorosa. Ela parecia uma mulher maravilhosa, e sabendo que a pessoa que ela costumava estar desaparecendo lentamente, quebrou o coração de Gillian.

— James é um bom dançarino? — Perguntou Gillian.

— James? — lady Pembroke perguntou, suas sobrancelhas levantadas em confusão.

— Sim, seu filho.

— Mas eu não tenho filho. Eu só casei há um ano. — A mulher mais velha estava agora franzindo a testa para ela, suas mãos descontroladamente puxando o xale no colo, esgaçando a extremidades do tecido. — Mas James é um nome adorável...

— Lady Pembroke, deixe-me servir um pouco de chá. — O Dr. Wilkes estava lá em um instante, acalmando-a e colocando uma xícara de chá em suas mãos.

— Eu devo ir, — disse Gillian. — Eu sinto muito por tê-la aborrecido.

O Dr. Wilkes sacudiu a cabeça.

— Bobagem. Você fez muito bem. Não há muitas jovens que teriam tolerado a situação como você.

— Tolerar? Ela precisa de compaixão — disse Gillian, surpresa por alguém ficar chateado com a mulher mais velha.

O Dr. Wilkes assentiu.

— É o que ela precisa, mas a maioria das senhoras da sua idade não sabem como lidar ou cuidar de alguém nas condições de lady Pembroke. Para a maioria das pessoas, isso os lembra muito de sua própria mortalidade e não é fácil de encarar.

— Oh, isso é... isso é horrível. Ela é muito doce.

— Ela é, não? — O médico deu um tapinha nos ombros de lady Pembroke enquanto a mulher bebia seu chá e olhava para os jardins. Gillian sinceramente esperava que em algum lugar lá no fundo, Lady Pembroke tivesse

algumas lembranças, aquelas em que ela poderia sempre ver, mesmo por um breve momento dentro de sua própria cabeça.

— Obrigada, Dr. Wilkes, por me ver ontem à noite.

— Claro. Eu estava feliz em atendê-la. Será que Sua Senhoria sabe que você está indo embora? Eu pensei que vocês dois poderiam tomar café da manhã com a Srta. Fordyce e eu em breve.

— Não! — Gillian suspirou, então se acalmou. — Quero dizer não, ele ainda estava dormindo. Eu não queria incomodá-lo e, dada a natureza escandalosa da minha chegada, não tenho certeza se poderia enfrentar a Srta. Fordyce no café da manhã. — Letty, a irmã de James, era maravilhosa, mas ela também era a protegida e ao mesmo tempo a protetora de seu irmão mais velho e tinha deixado bem claro que não queria damas com más intenções quebrando o coração de seu irmão. Esses sentimentos eram compreensíveis e muito nobres. James merecia uma esposa que adoraria se importar não apenas com ele, mas com sua família. Em outro momento, Gillian teria dado qualquer coisa para ser essa pessoa, mas James não poderia se casar com a filha bastarda de um conde, pelo menos não uma que trabalhava como serva.

— Bom dia, Dr. Wilkes. — Ela beijou o médico na bochecha, sentindo-se grata por tudo o que ele tinha feito. O homem corou e despedir-se dela antes de voltar para o lado de Lady Pembroke.

Quando Gillian saiu de casa, o sol finalmente se ergueu sobre os topos das outras casas, pintando as ruas com a clara luz da manhã. Os coches estavam começando a trafegar ao longo dos paralelepípedos, e logo as pessoas passariam em caminhadas. Gillian acenou para uma carruagem e deu uma última olhada para a casa de James. Então ela se despediu de seus sonhos de uma vez por todas.

Ela foi embora.

Quando James acordou algumas horas depois do amanhecer, a percepção foi como uma faca em seu peito. A mulher com quem ele dividiu uma noite íntima abandonou-o. Em vez de James se esgueirar como um malandro sem coração, foi ela quem fugiu. Era como se o mundo tivesse virado de cabeça para baixo para ele.

James se debruçou na beira da cama, olhando para o chão onde as roupas dele estavam em um monte amassado. Ele estava completamente nu, o que não era incomum, mas pela primeira vez ele se sentia exposto. Ele nunca tinha tido amantes, só tinha se deitado com uma outra mulher em sua vida antes da noite anterior, mas amaldiçoado fosse, se ele não sentisse como se tivesse perdido a

virgindade, ao invés de Gillian perder a dela.

— Meu lorde? — A voz de Dr. Wilkes veio através da porta fechada.

— Sim, Dr. Wilkes. Me dê um momento. — Ele saiu da cama e apressadamente vestiu suas roupas. Quando ele abriu a porta, o Dr. Wilkes estava parado ali, franzindo a testa.

— Eu queria vê-lo. Não gosto como você... — Os olhos do Dr. Wilkes se desviaram para a cama e as manchas de sangue que James tinha esquecido de cobrir em sua pressa para atender a porta.

Porra, o homem certamente sabia o que tinha acontecido.

O Dr. Wilkes limpou a garganta.

— A senhorita Beaumont foi embora. Como você perdeu o café da manhã, fiquei preocupado. — O Dr. Wilkes, sempre bom profissional, não mencionou o que ele claramente entendeu que aconteceu na noite passada.

— Existe alguma comida sobrando? — Ele perguntou.

— A cozinheira guardou alguns arenque e ovos e mais alguns pratos do aparador. Eles ainda devem estar quentes.

— Obrigado. — James sabia que ele deveria se lavar e vestir-se com roupas limpas, mas seu estômago doía. Ele não jantara na noite anterior para ir ao Wicked Earls Club de Coventry.

— Como está minha mãe hoje? - ele perguntou enquanto o médico acompanhou o ritmo dele.

— Bem o suficiente. Srta. Beaumont teve a oportunidade de conhecer sua mãe enquanto eu examinava sua ferida antes de sair.

James congelou. Gillian conheceu sua mãe? Não era de admirar que ela tivesse fugido da casa. Ser compassivo com as palavras era mais fácil do que ser compassivo pela ação. Sem dúvida, ela tinha sido dominada pela condição de deterioração de sua mãe e fugiu.

— A senhorita Beaumont ficou muito perturbada pela minha mãe? — Ele tentou manter a emoção longe de sua voz.

— Não mesmo. — O Dr. Wilkes e James desceram as escadas e se dirigiram para a sala de visitas. — Teve uma conversa agradável com sua mãe e fez com que ela falasse muito mais do que eu poderia conseguir em dias.

O coração de James deu um pequeno salto. Não era o que ele esperava ouvir.

— Verdadeiramente? Ela estava conversando com Gillian?

O médico olhou para ele por um momento, talvez notando que ele chamou Gillian pelo primeiro nome dela, depois respondeu.

— Sim, ela falou sobre seu pai e como eles se conheceram. Sempre é uma história encantadora. — Os olhos do Dr. Wilkes eram suaves, e isso fez com que James orgulhoso de que tinha encontrado um dos poucos médicos em Londres, que não deixava que a ciência governasse a sua cabeça completamente. Foi a razão pela qual James o contratou. Ele precisava de um homem que tivesse um coração para cuidar de sua mãe.

— E Gillian, como ela estava? Eu não consegui vê-la antes que saísse esta manhã.

— Ela parece bem. Aquela mulher tem um crânio forte e resistente, graças aos Céus.

Quando ele e o Dr. Wilkes entraram na sala de jantar, James pegou um prato e serviu-se de arenque, ovos e café antes de sentar-se de frente para os jardins. O Dr. Wilkes foi até a janela e olhou para a vista.

— Minha mãe está descansando? — Perguntou James.

— Sim. — O médico voltou-se para James, ainda franzindo a testa. — Meu Lorde, ela está começando a perder o controle de seus membros e está tentando andar sem que os criados possam vigiá-la. Estou preocupado que, se ela cair, não vamos... — As palavras do homem desapareceram no silêncio da sala.

James abaixou o garfo, o estômago dando um nó dolorido.

— O que você propõe que façamos?

A solenidade pesada da voz do médico aterrorizou James.

— Devemos pensar em mudá-la à propriedade de Pembroke. Eu sei que você deseja ficar perto dela, mas ela precisa viver em um lugar sem escadas. A mansão tem os quartos no primeiro andar.

O Dr. Wilkes estava certo. A propriedade no campo seria melhor para ela com menos escadas, mas isso significaria que ele não a veria com tanta frequência. Muitos dos investimentos de sua família o mantinham ocupado em Londres. Ele pensou por um longo momento. Sua mãe fez tantos sacrifícios, como todas as mães, e perder o pai foi o mais difícil para ela. James queria fazer o que era melhor para ela. Ele lhe devia o melhor cuidado por seu amor inabalável por ele e por Letty todos esses anos, apesar de sua doença. Sua garganta se apertou quando ele encontrou os olhos do Dr. Wilkes.

— Vá em frente e faça os preparativos necessários. Vou organizar as coisas aqui para que eu possa me retirar para o campo pelo resto da temporada.

O Dr. Wilkes puxou uma cadeira, sentou-se e limpou a garganta.

— Posso ser franco com você, meu lorde?

— Claro. Você pode sempre falar honestamente — assegurou James. Ele

havia contratado o médico há cinco anos e, nesse período, crescera sua admiração para ver o homem como amigo.

— Eu admiro a nobreza do seu coração, de querer ficar com ela mesmo quando seu mundo está ficando escuro dentro de sua mente. — A voz de Dr. Wilkes era rouca, e ele fez uma pausa como se precisava de um momento para dominar suas emoções. — Mas você se arrisca a se perder, meu lorde. Sua própria vida poderá ficar congelada, mas o resto do mundo está se movendo sem você. Você merece uma vida também, de alegria, de casamento e filhos. Sua mãe não gostaria que você ficasse sem vida própria pelo bem dela. — O Dr. Wilkes desviou o olhar quando terminou, com o rosto vermelho de vergonha.

Por um momento, James ponderou as palavras do amigo. Era verdade. Ele queria uma vida. Ele deixou seus medos por sua mãe prendê-lo em um lugar onde o deixou com medo de seguir em frente. Mas ele não podia simplesmente mandá-la embora para se tornar a preocupação de outra pessoa.

O Dr. Wilkes falou.

— Eu diria que a mudança de ambiente pode até mesmo ajudar sua condição de alguma forma. Garanto-lhe que farei tudo o que for necessário para manter sua mente ativa. E quando o tempo permitir, você deve se juntar a ela. Mas não antes.

— Você pode estar certo. Eu vou ficar em Londres, mas se ela precisar de mim para *qualquer coisa,* você deve me enviar uma mensagem imediatamente.

— É claro, — prometeu o Dr. Wilkes.

A mente de James foi inundada pelo pânico caótico de mandar sua mãe embora misturada com o medo de nunca mais ver Gillian. O Dr. Wilkes estava certo. Ele tinha que seguir em frente, tinha que encontrar a felicidade, e isso significava encontrar Gillian Beaumont. Ele ia começar indo para a casa do visconde Sheridan e procurá-la lá. Audrey Sheridan precisava saber onde Gillian estava.

Ele saiu da sala de jantar e foi até o escritório, onde guardava uma cópia mais atualizada de *Debrett.* Ele pesquisou página por página, procurando o nome Beaumont. Se ela estivesse conectada a algum lorde, ela estaria aqui. Com um pequeno grito de triunfo, ele encontrou o nome de Beaumont e depois franziu a testa. O conde de Morrey chamava-se Adam Beaumont e tinha uma irmã, Caroline, tal como Wainthorpe lhe dissera.

Talvez Gillian fosse uma prima distante? Alguém que não fosse intitulado e estava apenas relacionado? Ela não seria incluída no livro de *Debrett* que detalhava a aristocracia da Grã-Bretanha, se fosse esse o caso. Ele fechou o livro

e colocou-o de volta entre outros títulos dourados, depois se dirigiu para seus aposentos. Em poucas horas, ele faria uma visita a Audrey Sheridan.

Ou talvez ele devesse dizer, *Lady Society.*

— ACHO QUE VOCÊ ENLOUQUECEU, — informou Gillian à ama.

Audrey deitou-se de bruços na cama, escrevendo sua próxima coluna para o *Quizzing Glass Gazette*[4]. Um gato preto e elegante tocava com a pata na pena e em toda vez Audrey franzia a testa, cruzava uma linha e reescrevia alguma coisa em seu lugar.

— Hmm? — Audrey murmurou, claramente não ouvindo.

Gillian revirou os olhos. Ela dobrou o vestido de seda vermelho que Audrey usara na noite anterior, embora talvez estivesse inapto. Estava esfarrapado, e sua costura fora rasgado em alguns lugares, sem dúvida causada quando Audrey tinha escalado a janela.

— Eu disse que acho que você enlouqueceu, minha lady.

Os olhos de Audrey levantaram-se do papel e ela olhou para Gillian.

— Louca porque eu estou escrevendo uma exposição sobre os pecadores profanos do inferno, ou louca que eu trouxe para casa Arquimedes? — Ela olhou para o bonito gato preto na cama ao lado dela.

— Ambos, eu deveria pensar. — Gillian olhou para o gato preto. —Os Pecadores Profanos alegaram que ele era o diabo. — Gillian não era tola o suficiente para acreditar em tal absurdo, mas o gato tinha uma maneira sinistra de observá-la. Ela podia sentir seu olhar até quando ela virava as costas.

— Bobagem. Nós desmascaramos quase todos os homens durante a luta na noite passada, e é hora de deixarmos a *sociedade* saber quem entre eles não são de fato cavalheiros.

Gillian grunhiu em desacordo.

— E o que Mitten pensa de Arquimedes?

— Mitten? Ah, ela ficou um pouco aborrecida no começo, mas acredito que vai aparecer. — Audrey olhou para o gato criticamente. — Ele é um pouco como Muff, você não acha?

— Muff parece doce, — disse Gillian, pensando na ninhada de Mitten. Os dois gatos tinham estado na casa desde que eram filhotinhos. Eles se tornaram uma presença bem-vinda ao longo dos anos, mas no outono passado alguém matou Muff como uma mensagem, para machucar e dar um aviso ao irmão de Audrey. Depois da morte de Muff, Mitten tinha vagado pela casa, chorando para ele voltar. Ela finalmente desistiu e se acomodou em suas velhas rotinas, mas ela não tinha sido mais a mesma.

— Arquimedes é doce, — disse Audrey.

— Eu duvido muito disso, — Gillian respondeu quando pegou as botas de Audrey e as colocou no corredor. Sean os recolheria em breve e elas seriam polidos.

— Por que você o nomeou Arquimedes? Eu deveria pensar que Lúcifer seria mais apropriado.

Audrey inclinou-se e cobriu as orelhas do gato, como se abafasse qualquer coisa que ele pudesse ouvir.

— Só porque ele estava presidindo a festa do diabo não significa que é um gato malvado. Ele poderia ter sido atraído para lá como nós fomos, sob falsos pretextos.

Nisso Gillian não pôde evitar sorrir. Ela riu.

— Atraído sob falsos pretextos? Ele é um gato. Eles provavelmente o pegaram de algum beco na rua.

— Bobagem. — Audrey sentou-se e aninhou o felino em seu peito, esfregando o rosto contra seu pelo. — Gatos nunca vão a lugar nenhum que não escolhem. Durante a luta, ele atacou um dos homens, Lorde Augersley, antes de eu jogá-lo da mesa. No entanto, ele não lutou comigo, não foi? — Audrey perguntou ao gato. O gato piscou.

— Bom Deus. — Gillian gemeu e se dirigiu para a porta. Ela não tinha vontade de ouvir Audrey cantar os louvores de um gato demônio.

Até eu tenho limitações quanto ao que posso suportar.

— Nós realmente não vamos falar sobre isso? — O tom suave de Audrey parou Gillian quando chegou à porta. A mão dela descansou no trinco de ferro e respirou lentamente.

Ela fechou os olhos por um momento e rezou para que sua ama não perguntasse sobre James.

— Sobre?

— Ontem à noite. Jonathan me trouxe para casa, mas você não voltou até hoje de manhã. O mensageiro que trouxe o bilhete disse que você estava ferida e que James o levara para a casa dele.

Gillian estremeceu quando se lembrou do bilhete de Lorde Pembroke para a casa dos Sheridan.

— Gillian, — Audrey disse ainda mais suavemente. — Eu sei que você tem uma *tendência* para ele. Não é algo para se envergonhar.

— Não é? — As palavras saíram ácidas de sua língua quando ela enfrentou Audrey. — Eu não sou agora e nunca serei adequada para alguém

como ele. Eu sou uma *serva*, minha lady. Ele é um conde. Eu teria sorte de ser sua amante.

— James nunca tomou nenhuma amante. Nenhuma que eu saiba, de qualquer maneira. E não esqueça quem eu sou. — Audrey acenou com a pena quando se deslizou para fora da cama e enxotou Arquimedes para longe de sua carta. Gillian jurava que viu o gato lendo o jornal. Isso era o que ela delirava por ter batido a cabeça. Gatos não liam.

— Gilly, devemos falar sobre você e James.

— Ter ou não ter amantes é irrelevante. Ele e eu nunca poderíamos... — Ela fechou a boca, odiando que seus olhos estivessem subitamente começando a lacrimejar.

Audrey se aproximou e gentilmente abraçou Gillian. Então Gillian explodiu em lágrimas.

— Chore querida. Eu sempre me sinto melhor depois de chorar. Os homens simplesmente não entendem o poder de um bom choro.

Gillian fungou e soltou uma risadinha preocupada.

— Há muitas coisas que os homens não entendem.

— Essa é certamente uma verdade. — Audrey riu e soltou Gillian, mas seu rosto ficou sério novamente. — Deixe-me perguntar uma coisa, e quero uma resposta honesta, mesmo que isso te afete muito.

Gillian assentiu. Não havia muito que ela não fizesse para Audrey. Sua lealdade uma a outra era quase como a de irmãs.

— Se você fosse uma lady e James fosse um cavalheiro comum e não houvesse nenhum problema de risco social e tal absurdo do estilo, você gostaria de estar com ele?

Gillian lutou contra a negação instantânea e a necessidade de esconder seus sentimentos e emoções. Como a filha ilegítima de um nobre, ela aprendeu rapidamente que seus sentimentos e pensamentos só levariam à tristeza. Mas Audrey exigira honestidade e ela lhe prometera dar.

— Sim.

Os olhos de Audrey brilharam.

— Isso é tudo que eu precisava ouvir. — Ela girou, houve uma vibração do vestido rosa quando ela se sentou na cama e pegou a coluna lady Society.

— Você não está planejando interferir, não é? — Gillian tentou a frase e a questão cuidadosamente, mas ainda soou acusatório.

— Interferir? Céus, não. — Audrey suspirou quando ela leu sobre o papel. Então parou. — Eu simplesmente precisava saber de que lado você está,

para que eu possa lidar melhor com esse assunto, caso surgisse algo no futuro. Eu entendo seus medos. Por mais que eu queira dizer, um conde e a serva de uma lady seria uma situação bastante impossível. Mas também não desejo ver corações partidos. Então, estou avisada e preparada, como se costuma dizer. Tenha certeza, eu vou lidar com o assunto de forma adequada, caso venha a acontecer.

Gillian não confiava nessa afirmação nem um pouco. — Interferência — poderia muito bem ter sido o segundo nome de Audrey, em vez de Helen, que os pais dela tinham dado.

— Por que eu não acredito nisso? — Gillian murmurou baixinho.

— Você parece um pouco alterada, querida. Por que você não vai até a cozinha, descansa e toma um pouco de chá. Estarei aqui trabalhando no meu artigo e não precisarei de você. — Audrey não estava olhando para ela agora, mas Gillian entendia que uma demissão rápida da ama significava que ela estava tramando algo. Gillian debateu em ficar para supervisionar sua ama, mas ela finalmente cedeu.

— Muito bem. — Ela deixou o quarto de dormir e encontrou Sean no corredor quando ele pegou as botas que ela colocara para polir antes.

— Estou indo pegar um chá e um pouco de descanso. Você se importaria de vigiá-la?

O belo lacaio sorriu.

— Ela está tentando seus velhos truques, não é?

— Temo que sim. Ela sabe que eu estou zangada por fugir ontem à noite para aquele clube terrível. Ela não deveria ter ido, especialmente sozinha.

— Sim, ela é uma moça imprudente. — O sotaque irlandês de Sean sempre suavizava suas críticas. Os dois gostavam muito um do outro, e Gillian sabia que ele estava preocupado com Audrey. Assim como ele se preocupava com Gillian. Sean era o irmão mais velho que ela nunca teve.

— Eu estava esperando que ela se acalmasse. Ela estava tão ansiosa pelo Sr. St. Laurent antes, mas agora não vai querer recebê-lo quando ele vier visitar.

— Isso é verdade, — disse Sean. — Eles chegaram esta manhã, parecendo muito despenteados, os dois. Felizmente, Sua Senhoria e lady Sheridan estavam dormindo. Mas quando o Sr. St. Laurent voltou ao meio-dia para fazer uma visita, ela se recusou recebê-lo inteiramente.

Isso surpreendeu Gillian. Ela chegou em casa da casa de James e foi direto para a cama, onde ela descansou até depois do almoço. Ela tinha perdido o drama de Jonathan St. Laurent sendo rejeitado. E depois de um resgate tão

ousado?

— Acho que se fosse eu ansiando por ela, iria sequestrá-la e levá-la para Gretna Green. Não deixaria nada ao acaso. Ela precisa se casar com esse homem, mas por algum motivo, agora se concentra em afastá-lo.

Gillian suspirou.

— Sean, eu temo que você esteja lendo muitas novelas góticas se acredita que isso é a resposta a minha Lady problemas. — Ela estava propensa a envelhecer muito cedo se continuasse a se preocupar com sua senhora. Mas talvez Sean tivesse razão. Se fosse deixada por conta própria, ela poderia imaginar Audrey chegando com um fim de protestos e desculpas para negar-se a recebê-lo.

— Vamos tomar um chá. — Sean acompanhou-a descendo as escadas, as botas delicadas de Audrey dobradas sob um de seus braços quando ele abriu a porta que dava para a cozinha.

A batida súbita da aldrava na porta da frente fez ambos congelarem.

— Espere aqui e eu vou ver quem é. — Sean colocou as botas para baixo e se dirigiu para a porta. Gillian viu a luz do sol atravessar o corredor quando Sean abriu a porta. Uma silhueta alta estava ali, com o chapéu debaixo do braço.

— Meu nome é James Fordyce. Eu gostaria de fazer uma visita à senhorita Sheridan. Ela está em casa?

James! Gillian baixou até o meio da escada que dava para o salão e que descia para as cozinhas e espiou pela porta a tempo de ver James entrar no vestíbulo.

— Vou ver se a senhorita Sheridan está aceitando visitantes, — disse Sean.

Ele subiu a escada às pressas. Gillian não pôde deixar de estudar James de seu ponto de vista oculto, lembrando-se dele como tinha sido na noite anterior. Era como se tivesse sido algum tipo de sonho maravilhoso. A escuridão nebulosa, o deslizamento de membros, os gemidos e suspiros, o prazer em construção que a cegara por momentos antes que ela desmoronasse, tremendo e fraca. Eles realmente fizeram amor? Ou teria sido um sonho febril que ela acreditava ser real apenas porque desejava que fosse assim?

James olhou para o salão, sem vê-la em seu esconderijo. A calça marrom que ele usava se agarrava a suas pernas atléticas, pernas que pressionavam as dela na cama. Seus ombros largos preenchiam sua jaqueta marrom. Um colete de ouro acentuava a camisa branca por baixo, uma camisa muito parecida com a que ela havia tirado dele na noite anterior. Um rubor subiu por suas bochechas

enquanto ela tentava dissipar as lembranças da noite anterior.

Que o céu me ajude. Não tinha sido um sonho, e ela nunca seria capaz de fingir que tinha sido. Isso estava queimado em seu coração.

Audrey desceu as escadas um momento depois e cumprimentou James com um abraço. Gillian se encolheu. Ela sabia que sua ama era carinhosa por natureza, mas não podia ignorar o brilho em seus olhos verde enquanto os observava tocarem-se. Ela sabia que não havia nada entre eles, é claro, mas era *ela* quem queria estar abraçando James assim.

— James! Venha para a sala de visitas. Vou mandar servir um chá.

Gillian se encostou na parede perto das escadas dos fundos que levavam aos aposentos dos criados quando eles passaram, prendendo a respiração enquanto escutava a voz de James desaparecer lentamente enquanto se afastavam cada vez mais.

Eu tive uma noite gloriosa e maravilhosa. É mais do que a maioria das mulheres já teve. Eu deveria estar agradecida pelo que tenho. Um lugar seguro para repousar minha cabeça, uma empregadora que me protege e amigos.

Mas depois de compartilhar uma cama com o conde de Pembroke, ela sabia que sua vida nunca seria a mesma.

05

James não se sentia cômodo para se sentar, mas quando Audrey fez sinal para que ele se sentasse enquanto servia chá, o fez como cavalheiro e se sentou na cadeira mais próxima. Ele levou um momento para estudar a lady diante dele. Ela tinha os olhos brilhantes e bem, sem nenhum indício dos horrores sombrios que enfrentara na noite anterior. Ela, como Gillian, era como nenhuma outra mulher que ele conhecesse. Ele estava acostumado a encontrar criaturas bobas que se concentravam apenas no título e na riqueza de um homem. Essas duas pequenas Amazonas com seus espíritos guerreiros o surpreenderam... e o fascinaram.

— Como você está depois da noite passada? Temo que, devido ao caos, não poderíamos evitar nos separar. Eu confio que o Sr. St. Laurent a acompanhou em segurança para casa?

— Oh sim, nós estávamos bem. — Ela estendeu uma xícara de chá e ele aceitou, tomando um gole só depois que ela tomou primeiro de sua própria

xícara. O pekoe[5] laranja era um que ele não bebia com frequência, mas ele gostava das sutis notas de especiarias em sua língua. Audrey tinha excelente bom gosto para chá.

— E a senhorita Beaumont? Ela chegou em segurança esta manhã? — Ele esperou, estudando-a, esperando que ela traísse pelo menos uma dica sobre o paradeiro de Gillian ou a natureza do seu conhecimento. — Senti falta de vê-la partir mais cedo.

Os lábios de Audrey se curvaram em um pequeno sorriso.

— Sim, ela chegou. Obrigada por cuidar tão bem dela, James. Gillian é muito querida para mim, uma das minhas melhores amigas.

— Ela é? — Ele sentou-se para a frente, ansioso para descobrir mais. Gillian estava continuamente se mostrando misteriosa, levantando mais perguntas do que fornecendo respostas.

— Sim, nos conhecemos há três anos. Desde que tínhamos dezesseis anos. Eu confio a ela todos os meus segredos. — Audrey olhou-o de perto no olho. — *Todos* eles.

Ele colocou a xícara na mesa laqueada entre eles e olhou em volta para garantir que eles não seriam ouvidos.

— Ela sabe da sua… ocupação?

Audrey assentiu.

— E eu espero que você mantenha esse conhecimento escondido também, meu lorde.

— Ninguém ouvirá isso de mim, mas temo que seu segredo não é mais seguro. Depois da noite passada, está claro que homens como Gerald Langley estarão querendo vingança. Você deve tomar cuidado. Vocês duas. Langley viu o rosto da Srta. Beaumont, e temo que possa fazer algum dano a ela. — Ele levantou a xícara aos lábios, planejando suas próximas palavras cuidadosamente. Estava bem claro que Audrey protegeria sua amiga de qualquer ameaça que surgisse, mas ele esperava que ela o visse como um aliado. — Existe alguma maneira de vê-la novamente?

Audrey olhou fixamente para ele novamente.

— Isso depende. Quais são suas intenções, James? Como Lady Society, eu não sou a única a desafiar as convenções da *Ton* com meus artigos expositores. Eu faço outras coisas também.

James assentiu.

— Sim, eu soube que você é uma casamenteira. E eu estou aqui, implorando para você me ajudar a ganhar a Srta. Gillian Beaumont, e logo. —

Ele orou para que a borda do desespero não se mostrasse em sua voz.

Ela colocou a xícara na mesinha, o tilintar da louça pareceu alta na sala silenciosa. Ela juntou as mãos no colo, o vestido verde pálido farfalhando ao se aproximar dele. A intensidade de seu olhar era como um raio de sol da tarde, e ele piscou.

— Eu devo lhe fazer uma pergunta. Honestidade é importante, então seria sábio para você me dizer apenas a verdade.

Ele inclinou-se também, sentindo a necessidade de sigilo naquele momento.

— Claro. — Nunca ocorreu a ele esconder seus sentimentos ou mentira, não quando se tratava da Srta. Beaumont.

— Você a ama?

— Amor? — Ele ecoou. A palavra o encheu com um calor suave em seu peito. Mas ele não era um tolo. Se ele dissesse que sim, Audrey não acreditaria nele. Ela queria honestidade, e ele a daria.

— Eu não a conheço há tempo suficiente para ter certeza de que seja amor, mas sei que a partir do momento em que a conheci, algo parece se encaixar quando estou com ela. Como peças do quebra-cabeça se encaixando ou como o mar e a praia se juntam. Eu me sinto amarrado a ela de uma maneira que desafia uma explicação mais racional. Ela é inteligente, compassiva e corajosa. Tudo o que eu quero de uma companheira em minha vida.

Os lábios de Audrey se curvaram ligeiramente.

— E linda?

— Claro. Mas a beleza não é apenas a do rosto e das formas. Ela se estende muito mais profundamente na mente e na alma. Essa beleza cresce com o tempo ao invés de desaparecer.

Audrey recostou-se na cadeira, uma expressão pensativa no rosto.

— Depois de um breve encontro, dificilmente você pode conhecê-la bem. E se suas suposições sobre ela fossem perdidas? — Os olhos de Audrey eram afiados.

— Receio não entender.

— Se você escolhesse ficar com ela e isso ameaçasse desmoronar sua vida, o que aconteceria então? Você se arrependeria disso? Você a abandonaria, desejaria nunca tê-la conhecido?

James abaixou a cabeça, pensando em sua resposta. Ele olhou para os restos de seu chá na xícara antes de falar novamente.

— E a vida de Gillian? — Ele perguntou.

— Perdão? — Audrey não parecem compreendê-lo, então ele continuou.

— Bem, você disse que estar com ela poderia desmoronar minha vida, mas seria similarmente a dela? Se assim for, então eu não teria escolha a não ser poupá-la da dor. Mas se você está falando somente da minha vida... bem. Eu acredito que há certas pessoas na vida que valem a pena sobreviver a tempos difíceis. Para mim, Gillian é essa mulher. Eu realmente acredito que ela vale *alguma coisa*.

Audrey sorriu, mas havia uma sugestão de tristeza que a preocupava.

— Eu devo avisá-lo. A vida de Gillian não foi fácil, e ela tem segredos próprios. Segredos que ela acredita que vão machucar qualquer homem que ela amar se eles forem descobertos. Você é corajoso o suficiente para encará-los quando ela lhe disser a verdade?

James franziu a testa. A verdade? Isso implicava que Gillian estava mentindo, e por isso estava se afastando dele.

— Ela está apaixonada por outra pessoa? Existe outro homem com quem...

— Não, claro que não! — Audrey assegurou.

Uma onda de alívio inundou-o.

— Então sim, eu posso enfrentar qualquer verdade, desde que eu tenha uma chance de conquistá-la.

— Ótimo. — Ela bateu palmas de alegria e se inclinou para frente. — Então aqui está o que você deve fazer. Você receberá um convite de minha irmã para participar de uma festa na casa de campo daqui a uma semana. Você vai aceitar. Gillian estará lá. Você terá sua chance de conquistá-la então.

— Uma semana. — Ele murmurou as palavras, ainda franzindo a testa.

— Você pode ser paciente, não pode, meu lorde?

— Claro. — Ele quase confessou que se sentia como se estivesse esperando a vida inteira por Gillian, mas não sabia que era ela a quem estava esperando até que a viu na loja da costureira.

Ele ainda podia ver seu rosto quando puxou a cortina, pensando que era sua irmã que tinha pedido ajuda. Em vez disso, ele vislumbrou Gillian em um lindo vestido roxo, as costas dela expostas, os olhos cinzentos arregalados e os lábios adoráveis. Ele queria segurá-la em seus braços e beijá-la afastando todas as preocupações que apareciam em seu rosto. Ela parecia ser uma alma gêmea. Uma mulher que passou toda a sua vida se preocupando e cuidando de outras pessoas como ele.

É verdade que ele pertencia ao Wicked Earls Club, mas ao contrário dos

outros membros, ele não se perdia em jogos de azar, vinho ou mulheres. Ele apenas queria desaparecer na escuridão do clube exclusivo. Era a única maneira de escapar dos fardos, e ele se desprezava por que precisava dessa fuga. Quando ele estava com Gillian, sentia como se pudesse respirar novamente. Ela bania as sombras de dentro dele. Por uma mulher assim, ele faria qualquer coisa.

— Nos veremos em uma semana. — Audrey levantou-se, e ele sabia que ela estava educadamente dispensando-o. Não que ele se importasse. Ele tinha muito a pensar e ainda tinha outros caminhos a seguir. Queria ver se poderia encontrar com Lorde Morrey e perguntar se ele conhecia Gillian de alguma forma. Audrey deixara claro que a lady tinha segredos, mas James não conseguia imaginar nada tão ruim. Ela era muito doce para ter verdadeiros segredos condenatórios.

Ele pegou o chapéu de um lacaio na entrada. Audrey o acompanhou até a porta e ele parou quando entrou na tarde ensolarada.

— Senhorita Sheridan, se você a vir, diga a ela: — Ele não queria parecer tolo e sentimental. — Diga-lhe que estou pensando nela.

— Eu direi, — prometeu Audrey.

James desceu correndo os degraus até a rua, onde convocou uma carruagem. Ele foi até a casa de Jonathan St. Laurent, a poucas ruas de distância, esperando encontrá-lo em casa. Depois da missão desesperada da noite anterior, sentia que ele e Jônatas eram como irmãos de armas quando se tratava de resgatar donzelas em perigo. Ele gostaria de ter perguntado a Audrey mais sobre o motivo dela ter ido lá ontem à noite e como sua batalha com Langley havia começado e levado aos eventos da noite anterior, mas tinha a sensação de que ela manteria seus segredos.

Quando chegou à casa de Jonathan, ele ensaiou sua visita de uma dúzia de maneiras diferentes. Quando ele se estabeleceu em uma, finalmente levantou a aldrava e bateu na porta.

O mordomo que o recebeu permitiu-lhe entrar e pediu-lhe que esperasse enquanto ele averiguava se Jonathan poderia recebê-lo. Ele não demorou muito.

— Por aqui, meu lorde. — O mordomo acompanhou-o a uma sala onde Jonathan estava de pé próximo a uma janela, mas ele não estava sozinho. Godric St. Laurent, o duque de Essex, estava ao lado dele e os dois irmãos conversavam em voz baixa. Godric tinha uma mão no ombro de Jonathan, dando-lhe um tapinha fraternal antes de se virar ao ver James.

— Pembroke, como diabos você está? — Godric veio e apertou sua mão.

— Estou bem, Sua Graça e você? — James sorriu para o duque.

— Bem, bem. Oferecendo a meu irmão conselhos sobre as mulheres. Ele ainda é um filhote jovem. — O duque cutucou James no braço conspiratório. Jonathan se virou para encará-lo e Pembroke quase empalideceu. O homem tinha um olho negro e não sorria de todo.

Sua noite, parecia, que tinha sido muito mais difícil do que a de James. Mas isso não era surpreendente. Jonathan estava em grande desvantagem, enfrentando vários homens ao mesmo tempo.

Era muito boa sorte ele não ter ficado mais machucado.

— Não tão jovem, — Jonathan soprou, mas a afeição por seu irmão era clara em sua voz.

— Sim, bem, mas é jovem o suficiente para não pegar o que quer.

— E algumas damas se opõem a serem sequestradas. Sua esposa certamente se opõe. — Jonathan riu. O duque também riu e o som dos irmãos foi tão semelhante que fez James sorrir de novo.

— Sim, as esposas primeiro se opõem. Mas é assim que as fazemos esposas, quando elas estão se opondo.

Jonathan revirou os olhos e olhou para James.

— Como isso parece ser a lógica secular, hein?

Godric encolheu os ombros.

— Funcionou para mim e vai funcionar para você. Confie em mim, eu conheço esse pequeno espirito muito bem. Ela não vai ficar sentada esperando uma proposta. Você pode pedir perdão mais tarde.

Jonathan sacudiu a cabeça e suspirou.

— Você não a conhece como eu. Eu não vou viver o suficiente para alcançar o estágio de perdão se eu a deixar zangada.

James não tinha certeza de qual mulher eles estavam discutindo, mas suspeitava de que deveria ser de Audrey. Apenas um homem apaixonado por uma mulher teria entrado no clube ontem à noite como Jonathan o fez. *Como eu fiz…*

— Bem. — Godric ficou por trás de James. — Eu entendo que vocês tiveram uma noite interessante. — Godric olhou entre James e seu irmão mais novo.

— Sim, nós tivemos. Uma noite muito interessante — James respondeu com cuidado, sem saber o quanto Godric sabia.

— Por mais que eu adorasse ficar, é melhor voltar para minha esposa. Ela é mais insistente, discutimos planos de um berçário.

— Vocês estão esperando? — James sorriu com o pensamento de um dos

bandidos mais infame de Londres atendendo a um berçário de bebê.

— Sim, no próximo inverno. — O sorriso do duque era largo, e seus olhos eram quentes. — O bebê nascerá em janeiro.

James bateu em Godric no ombro.

— Meus parabéns, então! Lady Essex deve estar entusiasmada.

— Nós dois estamos, — Godric disse com uma risada. — Mas dane-se se sua delicada condição a impede de causar problemas. Milorde, Emily tem talento para isso.

As palavras de Godric renderam uma risada de Jonathan.

— O nome do meio de Emily é *problema*. Ela quase me deu um tiro, por sua causa, meu próprio irmão, não menos. — O duque franziu o cenho de maneira zombeteira. — Porque você tentou *seduzi*-la. E se eu não soubesse que você era meu irmão, teria acabado por lhe dar um soco.

— Bem, eu não sabia que ela estava apaixonada por você. Não se pode culpar um homem por tentar quando ele acha que tem uma chance.

Godric cruzou os braços.

— Sim, bem, ela está feliz e casada agora comigo. E você tem sua própria esposa para pegar.

Nesse momento, Jonathan assentiu com a cabeça sobriamente e murmurou algo que soou suspeitosamente como:

— Pegarei de fato.

— Por que você não se junta a nós para tomar uma bebida no Berkley hoje à noite? — Godric sugerido para James.

— Eu ficaria feliz. — Eles fizeram suas despedidas ao duque e logo foram deixadas em paz. Quando ele se foi, Jonathan exalou, seus ombros caindo.

O ar da derrota parecia diferente dele. James estava acostumado com os sorrisos e risos de Jonathan e contos divertidos sobre seu irmão e seu grupo de amigos, o *League of Rogues*[6], como Londres tinha começado a chamá-los graças às representações de Audrey em sua coluna Lady Society. Mas esse homem quieto e sóbrio era inquietante.

— Então, sobre ontem à noite, — disse James finalmente. — Como diabos você descobriu sobre o Hellfire Club?

Os lábios de Jonathan se contraíram.

— Eu poderia perguntar o mesmo a você. Fiquei de olho na senhorita Sheridan. Ela está sempre no meio do problema.

Ah, então ele estava certo em assumir que Jonathan tinha sentimentos por Audrey. Não podia deixar de se perguntar o que o outro homem achava da

ocupação secreta de Audrey como colunista do *Quizzing Glass Gazette.*

— Você sabe então que...

— Ela é Lady Society? Sim, descobri uma hora antes de acabamos naquele clube infernal. Fui atrás dela, mas quando vi... — Ele parou abruptamente, fechando toda a emoção em sua expressão.

James franziu os lábios. Jonathan estava escondendo alguma coisa, mas o quê? E porquê?

Jonathan logo se recuperou.

— No entanto, parece que saímos de lá sem um mal maior. Para nós, de qualquer forma.

— De fato. — James fez uma pausa e, em seguida, decidiu sair diretamente e fazer a pergunta queimando dentro dele.

— Você conhece a senhorita Beaumont?

— Gillian? Quero dizer sim. — Ele sorriu. — Eu conheço a senhorita Beaumont.

James quase cantou de triunfo.

— O que você sabe dela? Tenho tentado descobrir mais alguma coisa, mas ninguém parece conhecê-la, e a senhorita Sheridan não me revelou nada quando a visitei antes de vir para cá.

Mais uma vez, o rosto de Jonathan se fechou.

— Oh, quero dizer, eu a conheço, mas não de uma maneira que seria útil para você, temo. Quão bem alguém conhece realmente alguém?

— Você estava lá comigo naquele clube. Ela estava lá com a senhorita Sheridan. Ambas estavam em perigo, e não sei por que todo mundo está calado sobre a senhorita Beaumont. — Ele fechou os dedos contra seus lados. — A mulher é um mistério sangrento e está me enlouquecendo de preocupação por ela.

A expressão de Jonathan se transformou de emoção em especulação.

— Você gosta dela, não é?

James não negou isso.

— Se eu pudesse encontrá-la, provavelmente pediria a ela que se casasse comigo, mas ela continua desaparecendo em cada encontro.

Jonathan riu ao se aproximar de uma mesa ao longo de uma parede e pegar uma garrafa de conhaque. Ele serviu dois copos e segurou um para James.

— Bem, isso é algo que você tem que se acostumar. Mulheres como ela raramente ficam paradas e certamente não perdem tempo esperando para serem resgatadas. O melhor que podemos fazer é correr para acompanhar.

James bebeu seu conhaque e fez uma careta. Ele não gostava do pensamento de que ele não conseguia alcançar Gillian. Isso significava que ele poderia não estar lá para protegê-la quando ela mais precisasse dele.

— Você vai à festa na casa de campo em Rochester Hall semana que vem?

— Não tinha pensado em ir, mas meu irmão estará lá e me convenceu que eu deveria.

— Bom, podemos sofrer juntos. A senhorita Sheridan disse que eu devo ser convidado, mas já passou algum tempo desde que eu participei de uma festa em casa, onde devemos ficar por vários dias. — Ele havia recusado muitas ofertas nos últimos dois anos. A doença de sua mãe havia piorado e ele tivera medo de deixá-la.

Jonathan rolou o copo entre as palmas das mãos e encarou a janela novamente. A frente da rua fora estava cheia de pessoas e coches.

— Você já se sentiu como se fosse uma pessoa presa em alguma coisa olhando para este mundo? Como se seu rosto estivesse pressionado contra o vidro? Tudo que você ouve é abafado, e o que você vê é borrado. E o mais enlouquecedor de tudo, você não pode se aproximar. — A melancolia na voz de Jonathan estava queimando profundamente em James.

— Mais do que você imagina. — Do seu jeito, ele entendia. Muitos homens da idade dele, com títulos como o dele, eram casados ou tinham amantes. Eles estavam vivendo suas vidas, para o bem ou para o mal.

Mas eu não. O Dr. Wilkes estava certo. Eu não estou realmente vivendo.

Desde que sua mãe adoecera, ele se acostumou a se isolar do mundo. Era mais fácil não encarar as coisas que ele sabia que estava perdendo. Uma esposa, filhos, uma vida. E ele se sentia culpado por sua mãe ter perdido a dela tão cedo na vida. Gillian mudara tudo isso.

Ela despertou seu coração sonolento, como um raio errante. Ela o ressuscitou, lembrando-o de tudo o que ele poderia ter. Ele sabia que ela nunca mandaria sua mãe embora.

— Jonathan, conte-me tudo sobre a senhorita Beaumont. *Por favor,* eu preciso saber.

Jonathan olhou para ele.

— Eu posso lhe dizer as pequenas coisas de sua cor favorita, a maneira como ela toma seu chá, seus livros favoritos, mas não posso lhe dizer muito mais do que isso. Ela tem suas razões para sua privacidade.

— Então, como tenho dito, — James resmungou. — Diga-me tudo o que

puder.

Jonathan deu um aceno de cabeça em direção à porta.

— Muito bem, que tal um jogo de bilhar enquanto falamos?

James o seguiu. Por fim, ele teria mais peças no quebra-cabeça que formou Gillian Beaumont.

06

Gillian desceu da carruagem atrás de Audrey e enfrentou a vasta entrada do Rochester Hall.

— Acho que esta é uma ideia terrível.

— Bobagem. Eu teria que participar e você ficaria triste por uma semana inteira, e agora você me deve isso. — O sorriso de Audrey era muito doce, e o estômago de Gillian vibrou com os nervos. Sua ama estava tramando algo novamente.

Gillian deixou o capuz de sua capa cair para trás, mesmo que uma brisa fria brincasse com suas saias e fizesse voar seu cabelo.

— Mas agir como uma lady quando eu não sou uma...

— Silêncio. Você é uma lady nascida de um nobre. Suas circunstâncias depois disso não fazem de você menos que uma lady.

Gillian franziu a testa. Ela tinha certeza de que sua ama havia perdido seus sentidos. Quando Audrey lhe disse dois dias antes que poderia precisar de Gillian para desempenhar um papel maior em seus futuros empreendimentos, ela se preocupou com o que isso poderia implicar. Quando lhe disseram que ela deveria atuar como uma lady na festa em casa da irmã de Audrey, Gillian rezara para que ela estivesse brincando. Mas como de costume, com Audrey, ela não tinha estado.

— Horatia vai colocá-la em um quarto perto do meu, e os criados que sabem sobre você foram informados da situação.

— A situação? — Gillian soprou. — O que exatamente você disse a eles?

— Que você está aprendendo a representar o papel de lady, para que possamos ser atrizes em uma peça, que alguns amigos em Londres estão fazendo para uma festa em casa por algumas semanas. Eles foram informados de que você está me ajudando no ato e, portanto, deve desempenhar o papel de uma lady na história. Horatia sabe que é porque estamos aperfeiçoando nossa atuação em espionagem. Ela não gosta que eu seja espiã, mas a convenci de que nós

ficaríamos perto de Londres, então ela acha que é seguro o suficiente.

— Espiã? Minha lady...

— *Audrey.* É melhor você ter o hábito de me chamar assim. O resto dos convidados acharão curioso demais se você sempre me chamar de *minha lady.* Nos próximos dias, você é uma lady. Não se esqueça. — Audrey deixou cair seu próprio capuz quando chegaram à entrada de Rochester Hall. A porta abriu-se e vários jovens lacaios correram para a carruagem para buscar suas valises.

— Você é a Srta. Beaumont, — Audrey lembrou em um sussurro. — Não se esqueça, não importa o quê.

Senhorita Beaumont. Deus, que bagunça.

— Audrey! — Horatia apareceu na porta, uma mão estendida e a outra descansando em seu estômago inchaço. Seu primeiro filho nasceria em um mês, e ela estava positivamente brilhando. A Liga dos Ladinos e suas esposas estavam a caminho de formarem uma liga de s bebês bandido, que o céu ajudasse a todos. Além de Horatia e Emily, a duquesa de Essex, só souberam há uma semana que a cunhada de Audrey e Horatia, Anne, daria à luz na mesma época que Emily.

— Irmã! — Audrey abraçou Horatia, e Gillian permaneceu há uma pequena distância, observando as irmãs com uma pequena quantidade de inveja. Ela nunca teria um vínculo familiar próximo e íntimo como aquele.

— Senhorita Beaumont. — Horatia chamou Gillian e lhe deu um pequeno abraço e sussurrou: — Não se preocupe, tudo está preparado. Simplesmente divirta-se e relaxe.

— Obrigada. — Gillian se forçou a olhar para Horatia com a cabeça erguida. Se ela fosse fazer o papel de uma lady, ela teria que convencer a todos.

— Vocês estão na ala leste, junto com a maioria dos outros convidados.

— Quantos convidados estão vindo? — Gillian perguntou, então se amaldiçoou interiormente. Essa era a pergunta de uma serva, não era? Uma lady não se importaria nem se atreveria a investigar o assunto.

— Cerca de trinta. Principalmente algumas famílias locais e alguns outros convidados. — Horatia de repente estremeceu e colocou a mão sobre o ventre inferior para baixo.

Audrey segurou a mão da irmã.

— Horatia? — Ela e Gillian trocaram um olhar preocupado.

— É o bebê. Ele está chutando meu... Perdoe-me, devo voltar as minhas instalações. — Horatia apressadamente se dirigiu por um corredor.

— Você quer que a ajudemos? — Audrey gritou.

— Não. Ficarei bem — Horatia assegurou e rapidamente correu pelo

corredor mais próximo.

— O bebê estava chutando? — Audrey inclinou a cabeça em perplexidade. — Seja o que for o que acontece?

Gillian riu. Sua ama sabia muito pouco sobre bebês e parto.

— Às vezes, um bebê pode estar posicionado de uma maneira que, quando se movimenta, pode acelerar a necessidade de uma lady para se aliviar.

— Oh, eu entendo! — Audrey corou e olhou na direção que sua irmã tinha ido. — Isso soa horrível.

— Pode ser desconfortável, me disseram.

Audrey voltou-se para ela enquanto esperavam que os lacaios trouxessem a bagagem.

— Como você sabe muito sobre bebês?

A pergunta fez Gillian sorrir.

— Minha mãe estava aberta a compartilhar esses detalhes comigo. Sua mãe, minha avó, era parteira. Ajudamos uma vizinha com o nascimento de um bebê antes que o médico pudesse chegar.

— Como eu não sabia disso? — Audrey colocou o braço em Gillian, e seguiram os lacaios carregando suas malas para seus quartos na ala leste.

— Porque eu não tenho certeza se deveria estar compartilhando isso, com você sendo tão escrupulosa em tais assuntos. Você provavelmente nunca vai querer ter um filho.

— Eu não sou escrupulosa! — Audrey se opôs.

— Você é, — Gillian insistiu. — Lembre-se daquela vez que você espetou o dedo na sua agulha e viu o sangue

— Oh silêncio! Não me lembre. Foi tão mortificante. Tem sido difícil esquecer o quão tola eu me senti acordando no chão. E na frente de Emily e Anne, não menos. — Audrey mordeu o lábio, franzindo a testa para a lembrança, e Gillian deu um tapinha na sua mão.

— Eu gostaria que lady Essex e lady Sheridan estivessem aqui hoje à noite, — admitiu Gillian.

— Assim como eu. Mas elas estão viajando para Brighton com seus maridos. Algo a ver com a compra de alguns garanhões. Emily está mais interessada em se juntar a Cedric e Anne na criação desses novos cavalos árabes.

— E Ashton e Rosalind? — Gillian perguntou, querendo saber sobre os outros amigos de Audrey que não poderiam perder a festa.

Elas pararam na abertura de um corredor que levaria aos seus quartos.

— Na Escócia, para verem os irmãos de Rosalind e suas famílias. Eles

são os tais demônios, sabe, embora eu queira dizer isso com amor, é claro. Ela está tentando persuadi-los a visitá-los, mas suponho que um castelo na Escócia seja muito mais interessante do que uma casa de campo chata no sul da Inglaterra. Você não concorda? Eu iria a tais passeios maravilhosos se tivesse a chance de correr por um castelo. Você acha que poderia ser assombrado? Os castelos são sempre assombrados, não são?

Gillian riu.

— Suponho que haja um fantasma ou dois em qualquer casa antiga. Mas nós realmente precisamos nos mover e ver se sua irmã precisa de ajuda com qualquer coisa.

Audrey olhou-a com um olhar severo.

— Ela tem uma frota de criados e você não é um deles. Agora vá e vista aquele vestido que eu comprei para você, aquele com a faixa branca ao redor da cintura e as pequenas flores brancas nas mangas e na bainha. Será perfeito para esta noite. Você vai ficar atraente.

Gillian cedeu aos desejos de sua ama, mesmo sabendo que ela não tinha razão para se trocar e ficar atraente, não havia razão alguma. O pequeno pensamento fez seu coração doer.

Elas se separaram e Gillian encontrou seu quarto mais abaixo no corredor. Era estranho pensar que ela estaria dormindo neste quarto, com suas cores impressionantes e grande cama de dossel. Ela se acostumara com a peculiaridade dos aposentos dos empregados, e ter tanto espaço para si era inquietante.

Ela tocou a colcha azul, os dedos traçando o fio de ouro. Ela caminhou até a janela, feliz por ver a vista dos jardins, mas seu coração parou quando viu que havia dois homens em um pequeno gramado aberto, balançando tacos de críquete enquanto conversavam.

James.

James Fordyce estava aqui conversando com Jonathan St. Laurent. Por um longo momento, Gillian não conseguiu superar o choque de vê-lo aqui. Ela acreditava que nunca mais o veria, que tudo o que aconteceu entre os dois estava no passado, mas agora...

— Oh! — Ela ofegou quando percebeu que Audrey tinha que ter sabido que James estaria vindo. Ela sempre soube de tais detalhes. Não havia outra explicação. A desculpa de Audrey de que era para melhorar sua espionagem era uma mentira.

Sua ama a levou direto para isso. Ela a traiu. Gillian saiu correndo da sala e foi direto para a porta de Audrey, batendo nela.

— Sim? — A voz de Audrey veio de dentro, e Gillian não esperou a ordem de entrar. Ela entrou e olhou para Audrey.

— Ele está aqui.

— Quem? — Perguntou Audrey. Seus olhos castanhos estavam arregalados e sem culpa.

— Lorde Pembroke. Ele está aqui.

— James? Mesmo? — Os olhos de Audrey se iluminaram, e então seu olhar se estreitou. — Oh querida, você terá que vê-lo, não é? Isso vai complicar as coisas...

Gillian olhou para ela, sem palavras por um momento.

— Você... nós — Ela respirou instável. — Você não o convidou a vir aqui por mim, não é?

— O quê? Não, claro que não. Você me disse que queria esquecê-lo, seguir em frente. Somos amigas e eu respeito isso.

— Sim, — Gillian murmurou. — Claro. — Será que ela realmente acreditaria que Audrey não tivesse se intrometido? Ela honestamente não tinha certeza.

— Suponho que teremos que ter certeza absoluta de que ele acredita que você é uma lady, não é mesmo? — Audrey cruzou as mãos, pressionando os dedos em conjunto de forma contemplativa.

Gillian recostou-se contra a porta fechada.

— Talvez eu devesse fingir uma doença pelo resto da festa.

— Bobagem! Devemos enfrentar isso de frente. Você o viu? Vamos lá e ter um pequeno encontro e acabar logo com isso. Você pode dizer olá, ele pode dizer olá e depois podemos voltar para nossos quartos.

— Eu não acho.

— Pegue seu xale e vamos embora, — Audrey ordenou.

Gillian voltou ao seu quarto e escolheu um xale branco que acentuava o vestido azul escuro que ela usara na viagem da carruagem. Ela se juntou a Audrey no corredor, e elas andaram de braços dados. Gillian tinha vindo a esta casa algumas vezes no ano anterior e sempre se perdia na beleza da arquitetura e nas estátuas de mármore do grande salão. O marquês de Rochester tinha um gosto primoroso.

— Onde você o viu? — Perguntou Audrey.

— Nos jardins. Eu acho que eles estavam jogando cróquet.

— *Eles?* — Perguntou Audrey. — Alguém estava com James?

— Sim. Ele estava com o Sr. St. Laurent.

Audrey parou bruscamente, o rosto empalidecendo. Parecia que ela ia desmaiar.

— Você não sabia que ele estava vindo? — Perguntou Gillian.

— Não, me disseram que ele *não* viria. — Audrey respirou lenta e levantou a cabeça. — Muito bem. Vamos encarar o encontro juntas.

— Sim, — disse Gillian. — Vamos enfrentá-los e depois fugir de volta para casa com nossas caudas enfiadas entre as pernas.

— Bobagem. Somos damas de qualidade, Gillian. Nós não fugimos. Nós caminhamos rapidamente para longe daquilo que nos aflige. — Audrey declarou isso com uma dignidade zombadora e pomposa, que Gillian não poderia deixar de rir. No entanto, ela se preocupou com sua ama. O que aconteceu entre ela e Jonathan? Foi algo perto do que ela e James...? Gillian baniu o pensamento. Certamente sua ama não seria tão imprudente.

Elas saíram de casa e caminharam ao longo do caminho, perto de uma linha de casas em sucessão. Havia uma série de jardins murados, que foram revestidos por portas de madeira que poderiam ser bloqueadas quando não estiver em uso. Gillian sabia desde sua última visita aqui que o cozinheiro em Rochester Hall usava os jardins para cultivar melões, uvas, pêssegos, nectarinas e até flores exóticas como orquídeas e cravos para decoração. Os cravos eram, é claro, o favorito dela, e a última vez que estivera aqui, o cunhado de Audrey permitira que ela levasse uma flor aos seus aposentos. Ela manteve a flor em um copo pequeno de água durante vários dias, tendo-a à luz do sol que se derramava pela janela da pequena da câmara dela. Foi sua pequena alegria aquela semana.

À frente deles, Jonathan e James estavam guardando seus tacos de críquete enquanto um lacaio corria para recolher os wickets[7] no gramado.

— James! — Audrey acenou para os dois homens perto do pequeno jardim. Jonathan bateu a cabeça enquanto se endireitava da porta rasa do pequeno barraco. Ele franziu o cenho e esfregou o topo da cabeça, depois se virou e sorriu hesitante para Gillian quando ela e Audrey se aproximaram.

— Senhoras! — James tirou o pó de suas mãos na calça e sorriu. — Senhorita Beaumont, estou feliz em vê-la de novo e por parecer tão bem.

— Obrigada. — Gillian quase parou de olhar para baixo e em vez disso encontrou seu olhar. Ela tinha que agir como se fossem iguais. Ela ficou chocada com a vitalidade dinâmica que ele exalava naquele momento. Ele estava olhando para ela como se estivessem completamente sozinhos, de volta ao seu quarto, onde o mundo lá fora não tinha influência.

— Gillian, vou checar os abacaxis. Horatia me perguntou se eu poderia

fazer isso.

— Abacaxi? — Ela não se lembrava de Horatia pedindo-lhe para fazer tal coisa.

— Sim. Os *abacaxis.* — Audrey deu-lhe um olhar compreensivo e um ligeiro aceno de cabeça para James.

— Oh... sim... — Gillian se recuperou e jogou junto. — Espero que estejam crescendo bem.

— E é exatamente isso que devo investigar. — Audrey disse-lhes adeus.

Jonathan observou-a ir embora e saiu em outra direção com uma desculpa meio resmungada. Gillian estava sozinha com James novamente. Isso não fazia parte do plano que ela e Audrey tinham acordado, mas não conseguia encontrar nada em si mesma para se importar com a natureza escandalosa do momento. Vê-lo novamente a fez esquecer que ela queria evitá-lo.

— Você saiu antes que eu pudesse dizer adeus, — disse James, dando um passo mais perto. Seus olhos castanhos a aqueceram e, por um instante perigoso, ela quis se jogar nos braços dele. Implorar para beijá-la, fazê-la esquecer suas preocupações, sua vida entediante, chata e tranquila.

— Sinto muito. Você estava dormindo tão pacificamente e eu não queria acordá-lo.

— Mas essa é a melhor parte da manhã, acordar ao lado de uma mulher adorável. Eu senti falta disso imensamente. — Suas palavras doces e o brilho suave em seus olhos quando ele se aproximava fez seu coração se acelerar. Ela não podia acreditar que eles estavam aqui, juntos, conversando sobre a noite em que compartilharam e como ele sentiu sua falta na manhã seguinte.

Ele enfiou a mão no bolso do colete e tirou um cravo vermelho.

— Para você. Eu ouvi dizer que é o seu favorito. — Ele franziu o cenho quando notou que as pétalas estavam um pouco amassadas. — Eu sinto muito, estava esperando que chegasse mais cedo, quando soubesse que você estaria aqui.

Ela aceitou a flor, sua mão tremendo ligeiramente. Ele carregou a flor até agora que a viu?

— Como você sabia que era a minha favorita?

Ele mordeu o lábio e sorriu timidamente.

— O Sr. St. Laurent cedeu à minha mendicância e me deu alguns detalhes sobre sua vida, seus gostos e desgostos. — Mas ele não tinha contado a James que ela era uma serva? Ela queria abraçar Jonathan, mas não deveria estar se sentindo surpreendida. Ele já tinha sido um servo e sabia quais dificuldades enfrentavam.

James estendeu a mão para ela em um convite silencioso. *Recuse. Vá embora. Seja sensata.*

Gillian enterrou a voz sob uma onda de esperança tola em seu peito. Ela colocou a mão na dele, e ele a levou por uma trilha do jardim, longe das casas de sucessão e jardins murados.

— Então você sabe do que eu gosto e do que não gosto?

— Sim. Vamos ver. — Ele colocou sua mão em seu braço, trazendo seus corpos ainda mais perto. — Você gosta de andar, mas não consegue fazer tanto quanto gostaria, adora o Natal e adora ler mais do que qualquer outra coisa. Você não pode suportar o gosto de pato, e não consegue desenhar ou tocar instrumentos.

— Desenhar? Céus, vocês lordes têm padrões tão elevados. O que eu não daria para ser medida como um homem. Eu sou perspicaz? Eu sou boa com números nos negócios?

James riu.

— Sempre achei que a educação de uma lady nas artes era um pouco tola.

Quer dizer, é muito impressionante ver o bordado da minha irmã, mas me dá muito pouco espaço para discutir com ela. Graças a Deus, Letty é uma leitora como você. — Ele olhou em sua direção, um sorriso malicioso nos lábios. — Se você fosse um cavalheiro, o que faria com o seu dia?

Ela ponderou a questão. Os pássaros nas árvores batiam as asas de leve quando os dois trituravam cascalho sob as botas, dando a sensação estranha de que esse momento poderia durar para sempre, e ela assim o queria.

— Suponho que gostaria de estar no comércio. Eu não sou de ficar parada. Eu abriria uma loja, uma livraria e gostaria de executá-la imensamente.

— Eu gosto disso. — James riu. Sua voz rica e profunda lembrou-a demais da noite em que ele fizera amor com ela.

— E você? — Perguntou Gillian. — Se você não estivesse administrando sua propriedade, o que você faria?

— Isso é simples. Eu viria trabalhar na sua livraria. Eu prometo que posso receber ordens muito bem. — Ele piscou-lhe, e ela corou.

Ele ficou sombrio quando chegaram a um lance de escadas que levavam a um terraço, como se soubesse que logo se separariam. Gillian subiu alguns degraus, mas ele virou as costas para encará-la.

— Gillian, eu quero… te *conhecer.* Acho que se você me desse a chance, eu poderia cortejá-la corretamente. Mas se você continuar fugindo para longe de mim, eu... — Ele segurou-lhe as mãos. — Você não sente o que eu sinto? — Ele olhou para suas mãos e entrelaçou seus dedos com os dela. — Quando estou com você, é como se meu coração fosse atingido por fogo e luz, e ainda assim sinto uma tranquilidade que nunca soube que era possível. Diga-me, estou enganado? Eu sou o único que sente isso entre nós? — Quando ele olhou para ela, seus rostos estavam em um nível ainda mais perto porque ela tinha dado um passo à frente dele na escada.

— Eu... — Mil frases estavam na ponta da sua língua, mas ela estava com medo de expressá-las. Ela não podia deixar essa loucura continuar. — Não importa o que eu sinto. O que importa é que eu não sou mulher para você, Lorde Pembroke. Eu sinto muito.

A luz da esperança queimando em seus olhos diminuiu. Ela ficou maravilhada com a forma como, mesmo em tristeza, ele parecia maravilhosamente bonito.

— Quem vai dizer que você não é? Existe outro? Se assim for, então eu vou... — Ele ofegou com as palavras. — Eu vou ceder. Mas se não for isso...

Ela deveria ter mentido, dito a ele que pertencia a outra pessoa, mas não

podia.

— Não há outro.

Seus olhos se iluminaram novamente e seu coração se sacudiu.

— Então você sente *algo* por mim. Se você não sentisse, rejeitaria meu desejo de cortejá-lo com rapidez.

Gillian não podia enganá-lo, pelo menos não em relação aos sentimentos dela.

— Eu admito, são os meus sentimentos por você que tornam minha resistência tão difícil.

Antes que ela pudesse reagir, ele a puxou para seus braços, beijando-a. A lembrança de estar em seu abraço, pele a pele, voltou para ela. Seus beijos alimentaram aquele fogo gentil dentro dela, aumentando-o para um rugido. Na sequência de um beijo como esse, ela era impotente em resistir.

— Por favor. Deixe-me cortejá-la. — Sua mão deslizou lentamente para baixo de sua coluna, segurando-a, gentil, mas possessivo.

— James... — Ela suspirou seu nome, mas nenhuma outra palavra saiu.

— Lembrou-me de como viver, Gillian. Me dê uma chance de te mostrar o que é isso em troca. É tudo que eu peço a você. Uma chance.

Uma chance. Uma chance de viver. Era tudo que ela sempre sonhou, mas nunca esperou, mas nunca poderia durar. Poderia ser apenas uma linda ilusão que um dia seria exposta pela mentira que era.

— Por favor, meu amor. — James a beijou novamente, com uma ternura que trouxe lágrimas aos seus olhos.

— Eu… sim… você pode me cortejar. — No momento em que as palavras saíram de seus lábios, ela sabia que estava condenada, mas o seu desejo de experimentar a vida superou o conhecimento do que logo se desabaria à sua volta.

Ele riu em triunfo quando se afastou para olhá-la.

— Então vamos caminhar.

— Agora? Os convidados ainda estão chegando.

— Eu não dou a mínima para eles. Eu só quero estar com você. — Seu deleite juvenil e o calor de seus braços em volta dela atrapalhavam seu bom senso.

— Eu… suponho que ninguém sentiria nossa falta se estivéssemos fora por muito tempo.

— Ninguém sentirá nossa falta. Esse é o benefício de uma grande festa em casa. — Ele agarrou a mão dela, e eles saíram correndo em direção aos

estábulos, rindo como crianças.

Pela primeira vez em sua vida, Gillian se sentia livre.

A SENHORITA VENETIA SHARPE estava no terraço dos fundos do Rochester Hall, de frente para os jardins, e ofegou ao ver algo absolutamente escandaloso. James Fordyce, o conde de Pembroke, estava beijando uma mulher. Não beijando a mão dela nem mesmo a saudação um tanto ousada que os franceses faziam com os beijos nas bochechas. Não, este foi um abraço apaixonado com bocas abertas e mãos errantes.

— Bom Deus! — Ela cobriu a boca. Ela olhou para eles por mais um momento antes de perceber que eles poderiam vê-la. Ela se escondeu atrás da parte da casa perto da porta que levava de volta para dentro. Espiando pela esquina, ela vislumbrou Pembroke e a mulher correndo juntos, de mãos dadas, em direção aos estábulos. Venetia olhou ao redor e viu um jovem lacaio do lado de dentro da porta. Quando ela se aproximou dele, ele abriu a porta para ela, e ela apontou de volta para os jardins.

— Você conhece aquela mulher, a lady que está com o conde de Pembroke? — Venetia, como a filha de um visconde rico, sabia que os servos estavam cientes de quase tudo na casa e poderia contar sobre qualquer fofoca pelo o preço certo.

O lacaio olhou para os pés de botas.

— Vamos, você deve me dizer. Ela é uma convidada aqui para a festa. Eu realmente deveria saber o nome dela para não parecer tola quando nos encontrarmos para jantar esta noite.

Suas palavras parecem relaxar o jovem.

— Essa é a senhorita Gillian Beaumont.

— Gillian Beaumont? — Venetia bateu em seu queixo. Ela conhecia quase todo mundo de importância em Londres, e ela só conhecia uma família que levava o nome de Beaumont. O conde de Morrey e sua irmã, Caroline.

— Ela é de Londres? Ou ela é do campo? — Ela perguntou ao lacaio. Mais uma vez, seu olhar desviou-se dela.

— Eu não sei com certeza, senhorita, — ele disse se desculpando. — Eu sou novo aqui, sabe. Só comecei na semana passada. Eu só sei que o nome dela é Srta. Beaumont porque ela foi apontada para mim. Eu ajudei a levar seu baú de viagem de seu coche.

— Hmm... — Venetia voltou para a janela, franzindo a testa.

Lorde Pembroke era considerado um grande problema, e Venetia passou três temporadas fazendo o seu melhor para chamar sua atenção, mas sem

sucesso. Então, naturalmente, ver o homem com quem ela queria se casar beijando uma mulher nos jardins como um homem beijaria sua amante era perturbador.

Venetia fechou as mãos em punhos, mas manteve a compostura. Ela sabia que deveria escrever para Leticia Fordyce e informá-la das ações imprudentes de seu irmão. Ela também escreveria para Lorde Morrey e educadamente perguntaria se ele tinha algumas primas no campo. Venetia precisava saber quem era sua competidora. Ela queria ser a condessa de Pembroke, e faria qualquer coisa para garantir isso para seu futuro.

07

Gillian riu quando seu cavalo a galope estava à frente de James ao longo de um campo de flores silvestres e grama cor de trigo. Um final de verão que durou este ano, deixando o campo brilhando de cor e vida. O trovão de cascos atrás dela a fez olhar por cima do ombro. James estava sorrindo montado em um cavalo preto. Seus olhos se encontraram, e ele bateu o chicote no flanco do cavalo. A besta levou o comando bastante a sério, e James subitamente correu ao lado dela.

— Primeiro a chegar na estrada ganha! — Ele gritou.

Gillian debruçou-se sobre o próprio cavalo, apertando as rédeas com força, ouvindo a respiração firme e lenta da égua.

— Vamos lá, você pode vencê-lo, — ela sussurrou no ouvido do cavalo. Então ela deu a sua égua um chute e o cavalo acelerou o passo. Apenas o suficiente para avançar.

O fim da estrada chegou cedo demais. Ela riu enquanto controlava o cavalo até que ele estivesse bufando e pisoteando no lugar.

James guiou o cavalo para perto do dela, os joelhos se tocando em um leve roce.

— Você ganhou. — Ela teve ao cavalariço para dar-lhe uma sela normal em vez de uma sela de amazona já que para ela a equitação era mais confortável com as pernas apoiadas em ambos os lados. Suas saias foram levantadas muito escandalosamente, mas ninguém podia vê-las aqui.

— Eu acredito que você se segurou, — disse Gillian, sem fôlego com sua própria excitação.

— Claro que não! Um homem nunca iria perder de bom grado.

— Um cavalheiro pode, — ela respondeu com um sorriso conhecedor. Ele sempre foi um cavalheiro com ela e sem dúvida a deixaria vencer.

— Talvez. Depende do quanto ele gosta da lady contra o qual ele está competindo. — Ele guiou seu cavalo para mais perto dela e, em seguida, olhou em volta. — Por que não os levamos até aquele bosque de árvores e deixamos que eles pastem um pouco?

— Tudo bem. — Gillian começou a desmontar, mas James já estava fora de sua sela e gentilmente pegou sua cintura para ajudar a colocá-la no chão.

Eles ficaram perto por um momento, os corpos pressionados um contra o outro, sua respiração aquecendo sua pele antes de soltá-la. James pigarreou e deu um passo para trás, e ela recuperou o controle, limpando o vestido para soltar um pouco de poeira do passeio. Eles andaram puxando suas montarias até as árvores que ele havia apontado e enrolaram as rédeas de seus cavalos em um galho baixo.

Eles se moviam pelo campo, lado a lado, sem falar enquanto a brisa passava pelo prado. As nuvens brancas acima deles subiam e subiam umas sobre as outras. Gillian estudou os céus e olhou para James. O vento provocou seu cabelo castanho escuro e um leve sorriso apareceu em seus lábios. Nunca em sua vida ela tinha visto algo tão bonito como o sol do fim da tarde iluminando em insinuações de vermelho e dourado em meio aos fios cor de chocolate de seu cabelo.

Ele de repente pegou a mão dela.

— Diga-me algo sobre você, sobre sua infância. — Ela não usava luvas, e a sensação de sua pele contra a dela trouxe de volta flashes de sua maravilhosa noite juntos.

— Minha infância? — Ela viu quando ele acariciou seu dedo indicador em intrincados padrões sobre a palma da mão. A intensidade de seu foco e o toque sensual e terno encheram seu coração com novas fomes proibidas. Ela prometeu que uma noite seria tudo o que poderia ter com ele, mas o destino lhe dera mais alguns dias. Ela poderia se dar uma chance e aproveitá-los?

— Sim. Conte-me qualquer coisa. Estou desesperado para te conhecer, seu eu *verdadeiro*. — Seu tom era suplicante, e ela descobriu que não queria negar-lhe qualquer coisa. Ela encontrou seu olhar com um medo repentino. Ele poderia saber que ela estava disfarçada de lady?

— O meu verdadeiro eu?

— Sim. Todo mundo tem um rosto público, mas quem somos quando estamos na sociedade nem sempre é quem realmente somos. — Suas

observações sobre a sociedade e as pessoas era um crédito para a profundidade de seu caráter.

— Oh. — Ela mordeu o lábio pensando se poderia haver um James diferente, que ela nunca conheceu. — Então devo supor que o mesmo é verdade sobre você. Você deveria dizer primeiro.

Sua risada baixa a fez sorrir.

— Sempre um passo à frente de mim. Muito bem. — Ele se aliviou em uma posição sentado e relaxado na grama, e ela se juntou a ele. A grama de ouro do prado havia crescido a ponto de, quando se sentaram, subir até os ombros e se sentir estranhamente segura e escondida do mundo. James ainda segurava a mão dela quando ele começou a falar.

— Meu pai adorava mapas. Ele os colecionava. Ele tinha mapas de todo o mundo e eu costumava entrar em seu escritório quando era menino para olhar para eles. Ele tinha um globo grande, um em um eixo que eu poderia mover com cuidado para girar em círculos preguiçosos. Eu adorava ver os continentes voando diante dos meus olhos, as letras douradas dos nomes dos países piscando em luz dourada e... — Ele parou abruptamente, olhando para o céu.

— E o quê? — Ela incitou.

— Eu costumava fechar os olhos e por um breve instante fingir que podia voar. — Ele apontou para um pássaro circulando na distância. — Assim, como um falcão, sobrevoando o mundo. — Ele espiou para ela debaixo de suas escuras pestanas de ouro, com o rosto ligeiramente corado. — Parece tolice, suspeito.

— Não! Isso soa maravilhoso. Sempre adorei observar os falcões no prado, como eles parecem pairar no vento enquanto procuram por ratos. É um sentimento poderoso, imaginando a capacidade de voar. Até mesmo Leonardo da Vinci teve tais sonhos. Você viu os esboços de seu aparato voador?

James assentiu.

— De fato eu vi. Bastante extraordinário — Ele levantou sua mão aos lábios, pressionando um beijo em sua palma antes que fechasse os dedos, como se estivesse selando seu beijo lá. — Sua vez, — disse ele, observando-a com muita atenção.

Um rubor penetrou em suas bochechas e ela sentiu um nó repentino na garganta. Ela nunca se acostumaria com esse homem observando-a dessa maneira, sendo vista como algo diferente de uma serva.

— Meu pai — Ela limpou a garganta, tentando enterrar o fluxo de emoções que ele trouxe. — Ele não esteve por perto durante a maior parte da minha infância. Ele tinha deveres que o mantinham longe. Mas quando ele

estava por perto, costumava me interrogar. Ele pagou para que eu tivesse excelentes professores. Eu não fui enviada para nenhuma universidade; em vez disso, ele queria que minha educação fosse especial. Ele costumava dizer que nenhum filho dele, independentemente do sexo, teria falta de educação. — Ela fez uma pausa, sorrindo um pouco com a lembrança.

— Um homem que acredita na educação das mulheres. Eu teria gostado dele.

— Você teria, — ela concordou. — Meu pai foi mantido longe de minha mãe e de mim devido a negócios, então não o víamos muito, exceto algumas vezes por semana. Costumávamos nos sentar para o chá da tarde e ele me fazia perguntas. Cada vez que dei a resposta correta, ele me dava uma fatia de abacaxi. Essa fruta era tão rara que não conseguíamos comê-la com muita frequência. No entanto, ele sempre tentou encontrar um e trazê-lo consigo quando chegava em casa. Lembro-me de como ele costumava rir quando o cozinheiro franzia a testa e resmungava em cortá-lo. Tem um exterior tão espesso e espinhoso. — Ela sorriu, ainda capaz de ver o rosto de seu pai como ele entregava-lhe suas fatias de abacaxi.

— Ele parece um homem maravilhoso.

— Ele era, — ela concordou. Seu pai havia sofrido tanta tristeza depois de perder sua primeira esposa, e ele realmente amara sua mãe e ela. Ela só desejava que ele se casasse com sua mãe, mas o casamento teria sido para além do escandaloso. Sua mãe nasceu em um bordel e foi criada para agradar aos homens. Ela nunca teve uma chance de viver uma vida de qualidade, a não ser como amante de um homem. Mas seu pai a encontrou em um cassino de jogo uma noite e levou-a para sua própria vida feliz. Tão feliz quanto poderia ser, de qualquer maneira. Ela voltou sua atenção para sua história, tentando banir sua mágoa.

— Ele sempre se dava uma fatia quando eu fazia uma pergunta também. — Ela riu. — Eu desejo... — Sua garganta apertou, e por um momento ela foi incapaz de continuar.

— O que você deseja? — James estendeu a mão e segurou seu queixo, virando o rosto para ele. A verdade de quem ela realmente era quase saiu, mas ela manteve o controle.

— Eu gostaria de ter tido mais tempo com ele antes que morresse.

— Quantos anos você tinha quando ele morreu? — James passou a ponta de seu dedo polegar acima de seu queixo. Ela estremeceu quando pequenos pulsos de calor queimaram dentro dela.

— Apenas quinze. Depois que ele se foi, eu sabia que tudo mudaria. Eu cresci em um pequeno casulo seguro, mas quando morreu minha mãe e eu lutamos para sobreviver porque ele não tinha criado uma mesada para nós. Ela sempre foi delicada, e não tinha a constituição necessária para sobreviver sem ele. Ela o amava muito. — Ela não pôde deixar de pensar na mãe de James, como era sozinha e perdida, como sua doença havia roubado dela tantos anos de sua vida muito cedo. Apesar de ser tão diferente de James, ela compartilhou mais com ele do que ela percebeu.

— Eu tinha dezesseis anos quando meu pai morreu, — disse James em voz baixa. — Mesmo que minha mãe ainda esteja viva, eu me sinto um pouco órfão. A culpa disso me mata às vezes. — Sua voz estava rouca quando ele encontrou seus olhos, e então desviou o olhar, como se tivesse medo de que tivesse revelado muito de seu coração para ela. Ele inclinou a cabeça para trás, se aquecendo ao sol. — Não seria maravilhoso ficar aqui assim? — Ele se inclinou para trás em seus cotovelos com os pés calçados com botas esticado para fora e cruzados nos tornozelos.

— Sim, seria, — ela concordou. Ela não queria pensar sobre sua vida sem James ou como terminaria quando a festa da casa acabasse e ambos voltariam para suas vidas. Um desespero repentino a encheu, e ela se inclinou, colocando a mão em seu peito.

— Beije-me, *por favor,* — ela sussurrou.

— Eu pensei que você nunca pediria. — Ele estendeu a mão e enrolou ao redor de seu pescoço, puxando sua cabeça para baixo da sua. Seus lábios se encontraram com um fogo divino, e ela tremeu com a doçura disso. Seu corpo ganhou vida ao toque dele, exigindo tudo o que ele poderia dar a ela. James pareceu sentir sua urgência e a rolou para baixo dele na grama. Ele a beijou com uma intensidade selvagem, e suas coxas se separaram para permitir que ele se deitasse em cima dela.

— Eu corri da última vez, foi rápido demais. Não vou cometer esse erro novamente, — prometeu. — Você merece o melhor que um homem pode dar à sua mulher.

Sua mulher. Essas duas palavras transformaram seu coração em seu peito. Apesar dela constantemente dizendo que eles não poderiam estar juntos, tudo em suas ações disse-lhe que ele se casaria com ela amanhã, se pudesse. Ela não ousou pensar muito sobre o quão maravilhoso isso a fazia se sentir, porque ela não podia deixar isso acontecer.

Ela enrolou os braços em volta do pescoço dele e puxou a cabeça dele

para a dela. Mas ele não a beijou por muito tempo. Seus lábios se moveram pela garganta, clavícula e finalmente até as curvas dos seios. Pela primeira vez ela amaldiçoou a camada protetora de suas roupas, assim como a dele.

— Malditos vestidos de viagem de carruagem, — ele murmurou.

Ele desceu pelo corpo dela, empurrando suas saias até seus quadris. Rindo baixinho, ele passou pela montanha de anáguas e roupas de baixo até encontrar seu centro quente. Ele acariciou seu botão sensível, provocando-a implacavelmente antes de finalmente deslizar um dedo nela, torturando-a com prazer. Gillian jogou a cabeça para trás, gemendo com a deliciosa invasão. Ela arqueou os quadris, instando-o a empurrar mais fundo.

— Você é tão adorável, — ele respirou quando se inclinou sobre ela. — Tanto que dói. — O ar entre eles despertou com um raio invisível quando ele se inclinou para baixo e a beijou. Sua mão ainda estava entre suas coxas, e ela ofegou por um clímax. Ele soltou as calças e se moveu se deitando sobre ela, se deslizando nela, enchendo-a com cada centímetro. Quando seus quadris se encontraram e ele finalmente entrou dentro dela, seus beijos se tornaram vorazes. Seu domínio exigente de sua boca fez seu corpo tremer de fome.

— James, por favor, pare de me provocar. — Ela agarrou seus ombros, se pressionando debaixo dele, desesperada para encorajá-lo a se mover.

— Eu poderia ficar assim para sempre, — ele murmurou em seu ouvido. — Você é única para mim, amor. Nunca poderá haver mais ninguém.

Suas palavras correram através dela como um vento maravilhoso, varrendo-a com uma emoção explosiva. Ela sentia o mesmo, o desejo de ficar assim para sempre, de prendê-lo e mantê-lo apenas entre eles. *Se apenas…*

A percepção de que esse momento terminaria foi dissipada quando ele começou a se mover dentro dela. Deixou de ser Srta. Beaumont ou Gillian, a serva de uma lady, e tornou-se um ser de sentimento e emoção, de luz e calor. A racionalidade foi obliterada quando ela enrolou os braços ao redor dele.

Quando seus corpos se juntaram, a paixão pulsou profundamente dentro de seu coração, movendo-se para fora até que encheu sua cabeça ao ponto de ruptura. Com um rugido surdo, ela se despedaçou em um milhão de estrelas brilhantes. No entanto, ele não parou. Ele continuou a empurrar dentro dela enquanto ela tremia ao redor do membro dele, as consequências ondulando através da parte mais secreta dela. Ela podia sentir o gosto do sal em sua pele, a doçura de sua boca, e concentrou-se em segurá-lo dentro dela, sentindo-se uma só carne com ele de uma maneira que nunca sonhara. Ele gozou com um grito baixo e enterrou o rosto no pescoço dela, cobrindo-a com beijos sem fôlego.

Suas suaves respirações se misturaram, e ela não pôde resistir a saboreá-lo, sabendo que não poderia durar.

— Um dia desses, — ele arquejou, tentando recuperar o fôlego, — Vou te desnudar lentamente e tomar o meu tempo, fazendo-a desmoronar em meus braços uma e outra vez.

O brilho suave de alegria de seu amor foi ofuscado por suas palavras.

— Isso é ruim? Eu não deveria ter...? — Deus, ela era uma criatura devassa o que era muito básica. O que ele deveria pensar dela, sendo excitada tão rápido?

— Não! — Ele riu quando ele se levantou e sentou-se ao lado dela. Mas quando ele viu o rosto dela, sua risada morreu e ele segurou sua bochecha. — Não, é maravilhoso. Você é tão livre comigo. Você sabe como isso é raro?

Gillian sacudiu a cabeça.

— Você deve ter estado com muitas mulheres.

— Eu não tenho estado com mulheres, — disse James. — Não totalmente. Antes de você, só houve uma outra mulher.

— O quê? — Ela sentou-se um pouco ao lado dele. Suas pernas ainda estavam emaranhadas, mas ela não tentou se afastar.

— Eu suponho que não é muito malandro admitir, mas eu só estive com uma mulher antes de você. Ela era uma garota da aldeia perto da minha propriedade. Eu era um menino. Meu pai acabara de morrer e ela me confortou. Depois disso eu nunca... — Ele fez uma pausa, parecendo lutar por palavras. — Eu não sou um santo. Eu gostei das paixões com as mulheres desde então, apenas não totalmente. Eu nunca me senti apto o suficiente para qualquer uma dessas mulheres quererem se abrir daquele jeito de novo. Até você.

Gillian olhou para ele. Ela passou a semana passada convencendo-se de que ele iria seguir em frente, que ele poderia estar com muitas outras mulheres, que o que eles tinham compartilhado só tinha sido especial para ela.

Eu estava tão errada sobre ele. Muito errada.

— Gillian? — Ele sussurrou seu nome, linhas de preocupação se agravaram em seu rosto. — O que é isso?

— Eu... — Ela corou e colocou a mão em seu peito, brincando com os botões de seu colete. — Estou honrado que você compartilhou isso comigo.

Sombras cobriam seus olhos.

— Mas você ainda hesita em me deixar cortejá-la?

— Não. Quero dizer que sim, gostaria, mas nunca funcionaria entre nós. Você deve confiar em mim quando digo que não posso ser a mulher destinada a

ser a condessa de Pembroke.

— Então nunca haverá uma condessa de Pembroke enquanto eu estiver vivo, não se não puder ser você. Ouça-me, Gillian. — Ele segurou seu rosto em suas mãos, seus olhos e voz tão cheio de confiança. — Eu não sou um homem que se importa com sua reputação. Só porque eu tenho um título e moro em Londres não significa que me importo em parecer ser correto para a *sociedade*, porque não é assim. — Ele acariciou as pontas de seus dedos sobre suas bochechas. — Eu só vim aqui hoje esperando encontrá-la. Tudo o que a está preocupado, eu tenho certeza de que não importa.

Mas teria. Ele simplesmente não percebeu o quanto. Mas Gillian sabia que uma serva e um marido titulado que se casassem manchariam sua reputação e destruiriam as perspectivas de casamento de sua irmã. Qualquer ambição política que ele pudesse ter também morreria. Ele seria expulso, condenado ao ostracismo.

— Se você não vai me conceder um cortejo para sempre, vai me conceder essa semana na festa da casa?

Uma semana. Ela poderia correr esse risco? Ter sete dias maravilhosos para estar com ele do jeito que uma lady estaria com um cavalheiro? Para viver uma fantasia, mesmo que apenas por um tempo, sabendo que ela nunca teria outra chance? Era um risco, mas ela não queria recusar. Que lembranças eles poderiam fazer em uma semana que durariam por toda a vida.

Ela assentiu. Ela não poderia ter recusado, não *queria* recusar.

— Excelente, — ele disse e deu um beijo em sua testa. — Vamos nos colocar em ordem e voltar. O jantar será em breve e você precisará de tempo para se preparar.

Gillian quase disse que precisava de muito pouco tempo, mas não podia esquecer que agora, como lady, havia expectativas quanto ao cabelo e ao vestido. Ela teria que ter o melhor aspecto em termos de cabelo e roupas. Ela nunca ficou mais agradecida do que naquele momento pelas belas roupas que Audrey insistira para que ela trouxesse consigo.

— Sim, claro. — Ela tomou um último olhar de desejo em todo o prado dourado e a floresta além, e então de volta para James. *O* James *dela.*

Uma semana para fingir que ele é meu. Será o suficiente.

O JANTAR FOI um assunto terrivelmente monótono da perspectiva de James. Ele teve que passar a noite inteira ao lado de uma jovem conhecida, senhorita Venetia Sharpe. Ela era uma garota boa o suficiente, mas suas claras ambições sempre o fizeram sair correndo. Ele não desejava se casar com uma

mulher que o levasse a uma carreira política, porque isso elevaria ainda mais seu próprio status.

Ele procurou Gillian mais abaixo na mesa, e seus olhares se encontraram brevemente. Ele sorriu para ela enquanto se lembrava de como eles fizeram amor no prado. Um rubor avermelhou suas bochechas e ela devolveu seu sorriso, embora logo abaixou a cabeça e se virou para falar com sua companheira.

— Meu lorde? — Venetia se inclinou mais perto, seu aroma era perfumado. Não era desagradável, por qualquer meio, mas não era o doce aroma de rosas e algo feminino e natural de Gillian.

— Er… sim. — Ele pegou o cálice de vinho pelo que parecia ser a centésima vez naquela noite. Seus sentidos já estavam começando a ficar instáveis. Ele teria sorte de ficar sóbrio depois de um jantar como este.

— Comecei recentemente uma correspondência com sua irmã, Letícia. Ela é uma mulher adorável, e quando voltarmos a Londres, espero que você e ela possam se juntar a mim para um passeio no parque.

James ficou tentado a elogiar a mulher por sua descarada tentativa de se conectar mais firmemente a ele. Se ele fosse visto cavalgando com Venetia e sua irmã, isso faria com que as línguas ficassem abanando, dizendo que ele provavelmente se casaria com a garota.

— Isso soa bem. Tenho certeza de que Letícia ficará feliz em cavalgar com você. — Ele cuidadosamente optou por não confirmar sua presença nessa atividade particular. Ele se inclinou para a frente e olhou para o comprimento da mesa de jantar e em Gillian novamente. Pelo menos vinte pessoas estavam aqui em Rochester Hall para a festa.

Gillian estava sentada entre Charles Humphrey, o conde de Lonsdale e Jonathan St. Laurent. Ela parecia estar falando animadamente sempre que Jonathan se dirigia a ela, mas cada vez que Charles falava ela corava e olhava rapidamente para o prato de jantar.

Um lampejo de ciúme passou por ele. O homem era belo na aparência e mais amável. Ele era um dos amigos de James, mas também era um bandido maldito e um sedutor imprudente. James não queria que sua mulher chegasse perto de um homem assim. Gillian olhou ao redor e chamou sua atenção, oferecendo um pequeno sorriso. Desta vez, quando ela corou, ele sabia que era por sua causa.

Um cotovelo espetou-o nas costelas. Venetia olhou para ele em choque, parecendo inocente demais.

— Minhas desculpas. — Ele percebeu então que o zumbido nos ouvidos,

um que tinha sido irritante, tinha sido a voz de Venetia.

— Meu Lorde, eu realmente *devo* dizer-lhe que a sua distração é muito perturbadora. — Seu anúncio chamou a atenção dos convidados em torno dele, e seu rosto inflamado. Do outro lado da mesa, Lucien Russell, o marquês de Rochester, seu anfitrião, tentava esconder uma risada atrás da taça de vinho. Sua esposa, Horatia, estava franzindo a testa para ele, mas então ela estremeceu e tocou sua barriga.

James sabia que muitos homens teriam fechado suas esposas por pelo menos dois meses antes do parto, mas Lucien não. Ele havia confessado a James mais cedo naquele dia que o pensamento de sua esposa deitada em uma cama por dois meses era inconcebível. Isso os deixaria loucos.

— Eu realmente sinto muito, — disse James a Venetia. Ficou aliviado quando o próximo prato chegou e todos olharam para o gostoso pudim de pão e para uma torre de geleias vermelhas e azuis que eram carregadas. Várias pessoas aplaudiram ao ver, e James aproveitou a oportunidade para roubar outro olhar em direção a Gillian.

Dez pessoas os separavam, e ele mal podia suportar. Se ele tivesse que sobreviver uma semana inteira sem se sentar ao lado dela em uma refeição... Talvez ele pudesse convencer Horatia a mudar os assentos todas as noites. Isso poderia lhe dar uma chance de se sentar mais perto de Gillian pelo menos uma vez sem ofender a Srta. Sharpe. Ela claramente estendera o chapéu para ele e não seria dissuadida.

Quando o jantar chegou ao fim, James estava pronto para fugir para a sala de bilhar junto com o resto dos cavalheiros. Ele encontraria um jeito de chegar a Gillian hoje à noite, assim que as lamparinas fossem apagadas e a maioria dos criados tivesse ido dormir.

Ele parou no corredor enquanto as damas se retiravam da sala de jantar e seguiam para a sala de estar. Gillian olhou em sua direção. Ele sorriu de novo, tentando ignorar aquela onda juvenil de esperança toda vez que ela sorria de volta.

— É melhor você se cuidar, Pembroke, — disse Lucien quando se juntou a James no corredor.

James olhou para Lucien.

— Perdão? — O diabo ruivo estava sorrindo.

— Eu vejo que você está de olho em uma lady, mas outra está firme em você.

James suspirou e depois riu.

— As garras da senhorita Sharpe são longas, de fato. Eu pensei que não sobreviveria depois do terceiro curso.

Lucien deu um tapinha no ombro dele.

— Venha e jogue um pouco. Você pode esquecer tudo sobre senhoras intrigantes.

A sala de bilhar estava cheia de cavalheiros servindo copos de vinho do porto, e pelo menos quatro homens estavam cercados por uma caixa lacada, pegando charutos. Charles ergueu um para o nariz e cheirou, depois sorriu e jogou para James. James pegou quando ele e Lucien se juntaram a Charles.

— Temos uma longa noite pela frente, devo pensar, — disse Charles.

— Como assim? — Perguntou James.

— As damas vão acordar tarde amanhã. Elas estavam todas um pouco animadas demais. Isso significa que ficaremos acordados para ficarmos de olho nelas. — O tom de Charles dava uma pitada de malícia.

— Verdade. — Os olhos de Lucien se desviou para a porta. James percebeu que ele tinha que estar pensando em sua esposa e sua condição.

— Lady Rochester ainda tem um mês antes do nascimento, não é? — James não tinha certeza de como ser delicado quando se falava de sua condição.

— Antes do nascimento, sim, mas... — Os olhos do homem estavam sombreados de preocupação. — Ela estava tendo dores hoje e eu não gosto de estar muito longe dela.

— Daí o nosso papel de vigias noturnos. — Charles riu. — Jonathan, traga aquele porto para cá.

Jonathan retirou um conjunto de copos, assim como a garrafa, e os carregou em uma bandeja. Ele os colocou na mesa perto do bilhar.

Lucien pegou um copo vazio e serviu-se de uma boa quantidade de vinho do porto.

— Excelente

A porta da sala de bilhar se abriu e Gillian entrou correndo, respirando com dificuldade. Suas bochechas estavam vermelhas e seu peito se erguia contra o corpete apertado. James franziu a testa. Algo estava errado. Gillian não era o tipo de mulher que invadiria uma sala de bilhar.

— Meu lorde! — ela gritou para Lucien. — Lady Rochester, a água dela se rompeu. — Ela olhou para Lucien e todos os homens na sala saltaram ficando de pé.

— Horatia? — A taça escorregou da mão de Lucien e quebrou a seus pés.

— O bebê está chegando mais cedo. Você deve buscar o médico

imediatamente.

— Cedo? — A palavra era um sussurro áspero. Até os homens sabiam um pouco sobre os bebês e que um bebê que nascesse cedo teria que lutar para sobreviver.

— Sim. — Gillian virou-se para James, em seguida, seu olhar rogando-lhe para ajudar. Lucien estava chocado demais para reagir.

— O que podemos fazer? — James perguntou, seu coração acelerado.

— O médico. Precisamos do médico — repetiu Gillian.

— Eu vou buscá-lo, — Jonathan se ofereceu.

— Sim, vá agora, Jon, — disse Charles. — Depressa.

Jonathan correu da sala. Charles olhou para James e acenou na direção de Lucien em um comando silencioso, que James imediatamente entendeu. Tanto ele como James agarraram Lucien pelos braços e o sacudiram para se mover.

— Vamos lá, meu velho, vamos lá para cima e ver o que podemos fazer, — Charles murmurou suavemente para Lucien. O ladino, outrora famoso, que enfrentara um duelo contra o seu melhor amigo, estava agora pálido e abalado. O resto dos homens voltou para suas bebidas e charutos, sabendo que era melhor ficarem fora do caminho, a menos que fossem chamados.

James, Charles e Lucien seguiram Gillian pelas escadas até um quarto de dormir.

— Ela está na cama descansando, meu lorde, — disse Gillian. — Mas pediu para você entrar.

James ficou um pouco surpreso. Os homens geralmente ficavam fora do caminho, ou pelo menos ele tinham lhe dito que era a coisa certa a fazer. Mas se Lucien se preocupava com Horatia do jeito que James fazia a respeito de Gillian, não queria que nenhuma mulher que ele amasse enfrentasse esse momento sozinha.

Lucien estava tremendo quando se virou para o amigo.

— Charles, você ajudou quando sua irmãzinha Ella nasceu, não foi?

— Eu ajudei. — A maneira normalmente jovial de Charles tinha desaparecido. — Foi um parto tardio nos anos férteis de minha mãe, e temíamos que nem ela nem Ella sobrevivessem. Tive a sorte de testemunhar o que foi feito uma vez e aprendi com uma das criadas como ajudar.

— Até que o médico esteja aqui, você poderia nos ajudar? Nós não temos ninguém treinado no parto aqui. Minha mãe está visitando meu irmão Lawrence e sua esposa, Zehra, em Londres. Eu não quero que Horatia encare isso sozinha se você souber o que fazer.

— Claro. — Charles e Lucien entraram no quarto e fecharam a porta.

Gillian se virou para James.

— O que posso fazer? — Ele perguntou a ela. — Deve haver alguma coisa.

Ela assentiu.

— Faça com que os lacaios tragam água fervente e tantos panos limpos quanto puderem. E uma lâmina, que esteja limpa e esterilizada pela beira do fogo. Nós precisaremos disso se o bebê vier em breve.

Ele engoliu em seco.

— Uma faca?

— Sim. Há um cordão que deve ser cortado quando o bebê chegar.

— Certo… Bem, eu vou pegar a faca e o resto. — Ele a agarrou pelos quadris e a pressionou contra ele, deu um beijo desesperado em seus lábios antes que corresse para encontrar os servos.

08

Gillian tocou seus lábios, perdida na súbita onda de emoções que sentiu no beijo de James. Então um grito do quarto atrás dela a fez voltar para dentro. Horatia estava agachada ao lado da cama e gemendo apenas com uma camisola.

Lucien segurava uma de suas mãos, o outro braço em sua parte inferior das costas. Ela ofegou e soltou várias respirações rápidas e depois relaxou. Audrey estava por perto, as mãos se contorcendo nervosamente.

— Dói muito? — Audrey perguntou a sua irmã mais velha.

— *Ah!* — Horatia apoiou-se na mão de Lucien.

Ele estremeceu.

— Pelos dentes de Deus! Onde uma mulher encontra tanta força?

— Eu acho que é seguro dizer que dói muito, — disse Charles a Audrey. — Por que você não vê se consegue algumas lascas de gelo ou panos frios embebidos em água?

— Certo. — Audrey virou-se para Gillian. — Você ouviu isso?

— Sim, minha lady, posso buscá-los, — assegurou Gillian.

— Obrigada. — Audrey abraçou-a e, em seguida, virou-se para a irmã.

— Eu acho que preciso me deitar... recuperar o fôlego, — Horatia ofegou. Lucien ajudou-a a subir na cama. Deitou-se de lado por um momento antes de gemer e, em seguida, rolou de costas, as pernas para cima. Gillian correu para

cobrir as pernas entreabertas com um cobertor.

— Lucien, você tem uma cadeira de parto preparada? — Perguntou Charles.

— Não, nós não estávamos prontos. — O rosto de Lucien estava pálido como o mármore.

— Tudo bem. — Charles olhou para Horatia. — Você pode se deitar de costa para o nascimento, se quiser. Se você sentir a necessidade de empurrar, empurre, — Charles disse. — Se você precisa se levantar novamente e se mover, nós vamos ajudá-la, — ele instruiu. Havia uma ternura ali que Gillian nunca tinha visto no conde de Lonsdale antes. Ele geralmente estava focado em seduzir mulheres e se meter em encrenca, embora não necessariamente nessa ordem, mas agora ele estava focado em ajudar Horatia a iluminar uma criança saudável.

Lucien se sentou ao lado de Horatia. Ele segurou uma das mãos dela e acariciou seu cabelo levando-o para trás, murmurando suavemente para ela. Charles se aproximou de Horatia do outro lado, segurando a mão livre e verificando o relógio de bolso. Gillian saiu e encontrou algumas criadas no andar de cima esperando.

— Precisamos de um pouco de gelo da casa de gelo, quebrados em lascas e um pouco de água fria e panos.

— Sim, senhorita. — As servas mergulharam em reverências e correram para longe. Quando Gillian voltou, Audrey e Charles olharam em sua direção.

— James e algumas servas estão vendo o que precisamos.

Charles suspirou com cansaço.

— Ótimo. Porque o bebê está chegando rápido. O médico pode não chegar a tempo e precisaremos estar prontos para fazer o parto da criança sem ele.

— Todos nós? — Audrey disse, com os olhos arregalados. Destemida como era, a ama de Gillian ficava um pouco tonta ao ver sangue. Isso não seria fácil para ela.

— Audrey, você *deve* ficar, — implorou Horatia. Seu corpo foi então tomado por uma contração particularmente dolorosa.

— Claro que sim — prometeu Audrey, embora seu rosto estivesse lívido e pálido.

Charles embolsou o relógio e olhou para os outros.

— Há muito pouco tempo entre suas dores, — disse Charles, e então ele tocou o rosto e a testa de Horatia. — Horatia, você sentiu dores o dia todo?

Ela mordeu o lábio e assentiu.

— Sim, eu apenas pensei que o bebê estava inquieto e chutando. Eu não sabia que estava chegando, não até logo depois do jantar.

— Tudo bem. Os bebês às vezes vêm sem avisos. Como você está se sentindo?

Horatia ofegou.

— Como se eu precisasse empurrar... — Ela terminou em um gemido, seu corpo curvando-se para frente. Então ela relaxou e encarou Lucien, ofegante. — O berçário, você terminou o berço? Eles têm as roupas prontas?

— Sim, — Lucien falou, pressionando beijos em sua mão. — Eu deveria saber que você estava pronta para ter nosso filho tão cedo. Como eu não vi isso? — Ele abaixou a cabeça, seu cabelo brilhando à luz do fogo. Gillian sofria por ele naquele momento, sabendo como deveria estar com medo por sua esposa e filho.

— Saber? Como ela poderia saber? — Audrey perguntou a Gillian.

— Algumas mulheres sabem intuitivamente que o bebê está chegando e tentam preparar tudo. É um pouco como os pássaros quando começam a construir seus ninhos na primavera.

— Oh. — Audrey olhou para sua irmã, suas sobrancelhas juntas. Gillian tocou no braço de Audrey.

— Tudo vai dar certo, — disse Gillian, rezando para que fosse. Um parto prematuro pode ser difícil e perigoso para a mãe e a criança.

— Horatia, se você sentir a necessidade de empurrar, então empurre. Gillian, preciso de você aqui — disse Charles.

Gillian aproximou-se da cama e Charles apontou para as pernas de Horatia.

— Puxe o cobertor e observe-a por mim. Mantenha as pernas abertas e eu lhe direi o que procurar. Normalmente uma mulher ficaria de lado, mas acho que Horatia está mais confortável de costas.

— Sim, meu lorde. — Gillian se ajoelhou na frente das pernas de Horatia e levantou os cobertores para cima.

— Estou com medo — disse Horatia de repente, os joelhos começando a se fechar, mas Gillian segurou os joelhos e os manteve abertos. Então Gillian olhou para Lucien.

— Distraia-a, meu lorde. Isso pode ajudar.

— Distrair…? — A voz de Lucien flutuou um momento, e então ele acariciou o rosto de Horatia. — Lembra-se daquela noite no jardim à meia-noite quando falamos sobre as estrelas?

Horatia riu, embora o som estivesse tenso.

— Sim. Eu lembro que me senti tão segura com você.

Lucien riu.

— Você estava segura, muito segura. Você sabe que eu faria qualquer coisa para te proteger.

Outra dor do parto veio e Horatia soprou e virou um olhar vingativo para Lucien.

— Você fez isso comigo! Oh! — Ela agarrou seu ventre, e depois de alguns momentos relaxou um pouco.

Horatia olhou para o marido.

— Me desculpe, eu não queria… Eu sei que você só quer ajudar. Eu faria o mesmo por você.

— Eu sei, amor, eu sei. E você está muito segura agora. Charles sabe o que fazer e Gillian também.

— Conte-me uma história, — ela implorou a Lucien. — Uma boa.

Ele sorriu para Horatia.

— Eu já te contei sobre a época em que Cedric e eu fomos pegos voltando às nossas residências em Cambridge uma noite? Nós mal podíamos andar pelas festanças da noite, e nós estávamos arrastando uma estátua de Sir Isaac Newton, que tínhamos roubado de outra faculdade...

E assim, ela relaxou quando Lucien contou sobre suas travessuras durante a universidade, acalmando-a. Cada vez que ela tinha uma dor de parto, todos na sala prendiam a respiração até que passasse.

Gillian relaxou quando Lucien manteve a atenção de sua esposa. Charles treinou Gillian para vigiar a cabeça da criança. Quando surgiu um pedaço de cor escura, Gillian queria chorar de alívio.

— Eu o vejo. O bebê!

Charles se agachou sobre a cama ao lado de Horatia, segurando sua outra mão.

— Ótimo. — Gillian sabia que deveria ser pela dor, porque os dedos de Horatia estavam deixando marcas vermelhas irritadas em sua pele como ela apertava, mas Charles não reclamava.

— Lucien, segure a mão dela, não solte.

— Eu não vou soltar, — respondeu Lucien, nunca tirando os olhos de sua esposa.

Charles usou a outra mão para roçar os dedos na testa de Horatia.

— Agora, Horatia, empurre tudo quanto puder e com *força*. O tempo é

importante agora. Você está em trabalho de parto há muito tempo e não queremos que a criança fique presa, pois ela pode sufocar.

— Sufocar? — Horatia e Lucien disseram em alarme.

— Sim, então é melhor você empurrar forte! — Charles disse com firmeza.

Horatia torceu o rosto em um rosnado com um grito gutural e empurrou.

James e um lacaio subiram correndo as escadas, com uma faca aquecida, água e toalhas nos braços. O próximo grito de Horatia tomou o ar, e James quase tropeçou, mas se conteve quando chegou ao topo da escada. Quando chegou ao quarto de Lucien, quase entrou apressado, pensou melhor e bateu na porta. Audrey abriu a porta, o rosto branco quando pegou os itens do lacaio. Quando ela viu a faca, apenas empurrou a cabeça para James entrar.

— Eu não acho que deveria.

— Minha irmã não se importa — interveio Audrey. James a seguiu para dentro, os olhos baixos até que ele viu Gillian aos pés de Horatia.

Puta merda…

Charles correu para James e pegou a faca.

— Esteja pronta para pegar o bebê, Gillian.

James se pressionou contra a parede, sentindo-se inútil e atrapalhando, mas não conseguiu sair. Ele estava fixado em Gillian quando ela alcançou sob a tenda de cobertores e da camisola de Horatia cobrindo suas pernas e de repente tirou um pequeno bebê de pele azulada. Era pegajoso, ensanguentado e imóvel. Ele não sabia muito sobre crianças, mas não deveria estar chorando?

— Eu preciso de uma toalha, — disse Gillian, olhando em volta.

James foi finalmente capaz de se mover e correu para ela no mesmo momento em que Charles tomou a faca. James teve um momento de escrúpulo infantil e fechou os olhos enquanto Charles cortava o cordão e Gillian embrulhava o bebê com as toalhas, retirando gentilmente o sangue de suas minúsculas feições.

— Está tudo bem? — Voz fraca de Horatia veio da cama. — Não está chorando...

Gillian mostrou o bebê para os outros, sem saber o que fazer. James viu imediatamente o rosto azul do bebê e ouviu os sons suaves e baixos de que ele estava respirando. Charles pegou o embrulho dos braços de Gillian e segurou a criança perto, sussurrando para ela e pressionando seu peito. James se juntou a ele, inclinando-se para observar a criança, rezando em voz baixa.

— Vamos, pequenino. Respire. *Lute.* — James desejou dar cada pulsar de

sua própria força para a criança. Seu rosto era tão pequeno, mãos minúsculas fechando e abrindo enquanto seus pequenos pulmões lutavam para respirar. Todos no quarto ficaram em silêncio, exceto Horatia, que de repente começou a chorar. O olhar de Lucien estava dividido entre a esposa e a criança que Charles segurava.

— Vamos lá, — Charles rosnou, olhando para a criança. — Vamos, *respire.*

— Por favor, pequenino, lute! — James falou com todo o seu coração.

O bebezinho de repente beliscou seu próprio rosto e soltou um grito ensurdecedor. James relaxou; o som do grito vacilante de um bebê era a coisa mais bem-vinda que ele ouvira durante todo o dia.

— Se ele é capaz de gritar assim, eu diria que tem uma chance de lutar, — disse Charles com alívio. Ele caminhou até a cabeceira da cama e caiu sentado contra ela, ainda embalando a criança. Horatia e Lucien estavam com os olhos arregalados e ansiosos quando Charles entregou o bebê para eles.

— Ele? — Perguntou Lucien.

— É um menino. Você é pai. — Charles sorriu. — E acabei de ganhar dez libras de Jonathan.

— Danação, isso significa que devo a Godric pelo menos trinta — disse Lucien. — Eu tinha certeza de que era uma menina. Apenas garotas causam tanto problema.

Horatia deixou a cabeça cair de volta nos travesseiros, gemendo.

— Vocês homens são estúpidos e estavam apostando no meu filho? Vocês acham que isso foi por *diversão?*

Charles e Lucien olharam para o chão.

— Bem, foi muito divertido, até este momento, — admitiu Lucien.

Horatia soprou.

— Espere até eu recuperar minha força. Você merece um bom chute na bunda!

— Linguagem, meu amor, olhe a linguagem. Não pode estar ofendendo a audição delicada do nosso novo bebê.

Charles soprou.

— Deus, ele não tem nenhuma chance com a Liga como seus tios. — O conde estufou o peito com orgulho. — Apenas espere até que os outros o vejam! Que rapaz forte ele será!

James não pôde resistir em sorrir enquanto ouvia suas brincadeiras. Ele se aproximou de Lucien.

Lucien olhou para baixo, maravilhado com a criança.

— Ele será o mais forte de todos eles. Você não vai, meu querido menino? — Então, ele beijou a cabeça do bebê antes de colocá-lo nos braços de Horatia. Ela sentou-se contra a cama. Um sorriso pairava em seus lábios apesar de sua óbvia exaustão e frustrações.

— Obrigada, obrigada a todos, — disse ela aos ocupantes da sala. — Vocês salvaram a nós dois. Eu não sei o que teria acontecido se...

James apenas assentiu. Havia um nó na garganta. Ele olhou para Lucien e Horatia enquanto seguravam o filho, e então viu Gillian observando-os, uma mão cobrindo sua boca. Quando ela desviou o olhar, seus olhos se encontraram e se seguraram.

— Você esperaria por mim lá fora? Preciso ficar com Sua Senhoria, ainda há um pouco de placenta para ela expelir e então eu sairei.

— Claro, — ele prometeu e saiu. Algo o incomodou no fundo de sua mente, no entanto. Algo que ela disse.

Depois da meia hora, a porta se abriu e Gillian emergiu. Quando ela o viu, seu rosto se iluminou com um sorriso cansado.

— A mãe e a criança estão bem? — Ele perguntou.

Ela assentiu.

— Quando o médico chegar, teremos certeza. Um bebê prematuro como ele enfrentará algumas semanas difíceis, mas se ela o aquecer e mantiver o berço próximo ao sol, acho que ele ficará bem. Minha mãe disse que a luz do sol pode curar muitas doenças em crianças.

— Agradeça a Deus. — James abriu os braços, e Gillian entrou neles, escondendo o rosto contra seu peito. Seu corpo tremeu contra o dele, e ele percebeu que ela devia estar muito perto de Horatia para se preocupar tanto assim. James pressionou o queixo no topo da cabeça dela.

Ele não tinha certeza de quanto tempo ele a segurou, mas eventualmente ele a ouviu dizer:

— Leve-me para a cama?

James sorriu para si mesmo.

— Seria o meu maior prazer.

Ele a pegou pela mão e eles desceram as escadas em direção ao seu quarto na ala Oeste. Ele planejara fazer amor com ela esta noite e finalmente tomar seu tempo fazendo isso.

Gillian tentou não tremer quando James fechou a porta e colocou o trinco no lugar. Quando ele se virou para ela, estava sorrindo.

— Eu não estou correndo desta vez. — Sua voz era suave e provocante.

— Eu não quero que você se apresse. — Ela ofereceu as costas para ele, que veio por trás dela, suas mãos pousaram sobre seus quadris antes que se deslizasse lentamente até as costas atadas. Ele passou os dedos pelos laços do vestido. Seu toque gentil a provocou.

— Talvez você queira se mover um *pouco* mais rápido? — Ela sugeriu, sua voz ofegante.

A risada baixa de James fez sua pele formigar em antecipação. Ele se inclinou e deu um beijo em seu ombro nu.

— Um pouco mais rápido, então. — Ele mordeu seu pescoço enquanto seus dedos puxavam o vestido. Logo caiu em uma poça a seus pés. Ela saiu de suas anáguas e depois trabalhou em seu espartilho. Ela não podia resistir a inclinar-se para trás para esfregar seu traseiro contra ele.

— Deus, como você me tenta, — ele rosnou.

Gillian estremeceu de desejo ao som estrondoso. Ele sempre foi tão controlado, tão cavalheiro, mas quando estava com ela, assim, sempre parecia à beira de perder o controle, e ela gostava disso. Isso significava que ele não estava escondendo nada dela, estava sendo ele mesmo. E era assim por causa dela.

Ela se virou para encará-lo, vestindo apenas a camisa e a gravata. Ele pegou as mãos dela e pressionou beijos em suas palmas.

— Se eu deixar você me desnudar, não serei capaz de me conter, e quero você saciada e exausta muito antes de ter meu próprio prazer com você. — Seu sorriso se transformou positivamente diabólico, e Gillian não conseguia parar o fluxo de calor úmido entre suas coxas em resposta.

— É assim mesmo? — Ela inclinou a cabeça, oferecendo-lhe o pescoço. Ele lambeu seus lábios e agarrou-a pela cintura, colocando-a na cama. Ela caiu para trás, amando o jeito que ele se lançou sobre ela. James a enjaulou com seu corpo enquanto acariciava seu pescoço. Então ele se sentou de volta, enquanto ela erguia sua camisola para cima e para fora de seu corpo.

Estar presa embaixo dele, completamente nua, a fazia se sentir muito vulnerável, mas não com medo. Estar com ele nunca a encheu de medo.

James segurou um dos seios dela, sua mão acariciando o bico sensível. Gillian arqueou as costas, pressionando o peito mais profundamente em sua palma. Ele deu um gemido baixo. Seus quadris se esfregaram contra ela, e ela podia sentir a pressão dura de sua excitação entre suas coxas.

— James, eu não quero ir devagar. — Gillian agarrou seus braços,

puxando o tecido fino e branco de sua camisa.

— O que você quer? — ele perguntou, pegando seu outro seio agora, massageando-o antes que se inclinasse e tomasse o mamilo em sua boca. A sensação da boca dele em sua pele a fez gemer. A fome aguda ardia entre suas coxas, a dor de sua necessidade subindo a um passo febril.

— Eu preciso de você! Não seja gentil, não desta vez — implorou Gillian. James rasgou o colete, a camisa e puxou a calça para baixo o suficiente para se libertar. Gillian se abaixou, pegando seu eixo e guiando-o para ela.

O impulso foi profundo, tão profundo que ela jurou que podia senti-lo em todos os lugares dentro dela de uma só vez, como se não houvesse uma parte dela que não estivesse conectada a ele.

— Olhe para mim, — disse ele. — Eu quero ver seus olhos. — James retirou seu membro e empurrou novamente e novamente. Gillian soltou um suspiro quando ela segurou seu olhar.

Eles fizeram amor freneticamente, como se o mundo pudesse acabar em breve ao redor deles. Ondas de êxtase construídas em um ritmo que combinava com seus corações batendo rapidamente. Era como nada que Gillian tivesse experimentado, essa união desesperada de corpos. A sensação de seus olhos sobre ela, devorando sua visão enquanto ele a possuía de um modo que a fazia se sentir selvagem e ainda segura.

A turbulência de suas emoções esta noite, vendo James falar com aquela mulher durante o jantar, e então vendo Horatia e seu filho em perigo e James segurando o bebê, desejando que ele tivesse... Ela foi levada a um estado de desespero, uma necessidade de estar com ele de uma maneira que nunca se arrependeria, mesmo que nunca durasse. Todas as reservas que tinha sobre negar mais alguns dias com ele tinham acabado.

— Ah! — Ela ofegou em doce agonia quando um clímax rugiu através dela. Segundos depois, James sussurrou seu nome, um olhar de admiração e choque em seu rosto quando ele gozou.

Ele abaixou a cabeça até a testa tocar a dela, e fechou os olhos, respirando com dificuldade.

Gillian o segurou, seus braços enrolados ao redor de seu corpo. Ele era um homem tão bom, um homem maravilhoso, um homem pelo qual ela estava perdidamente apaixonada.

— Você está bem? — Ele perguntou, sua voz baixa e áspera. — Eu não te machuquei?

— Não, — ela o assegurou. — Isso foi notável. — Ela acariciou as

pontas de seus dedos ao longo das suas costas, do seu pescoço, brincando com seu cabelo escuro.

— Isso é bom. — Ele se moveu de modo que eles rolaram de lado. Ele chutou as calças para baixo do corpo e tirou as roupas restantes antes de ajudar a puxar a manta para trás e se cobrirem.

— Eu continuo tentando seduzi-la lentamente, — disse ele, sorrindo para ela.

— Talvez... acha que eu não preciso ir devagar?

— Hmm. — Ele franziu os lábios em uma carranca falsa, e ela riu. — Devo apagar as velas?

— Ainda não. Eu quero deitar aqui em seus braços e olhar para você. — Gillian aconchegou-se ao seu corpo magro, musculoso, agarrando-o como se ele fosse precioso.

— Eu não vou discutir com isso. — Ele passou um braço ao redor dela e dobrou o outro atrás da cabeça. Eles ficaram ali por alguns momentos silenciosos antes de falar.

— Eu estava com tanto medo hoje à noite por Horatia e seu filho. — Ela prendeu a respiração, com medo de confessar uma coisa como esta. E se ele não quisesse falar sobre isso?

— Assim como eu. Eu nunca estive perto de um nascimento antes. Foi muito assustador.

— Eu estive uma vez. Uma vizinha que morava ao lado de minha mãe entrou em trabalho de parto e ajudamos antes que o médico chegasse.

— Você não fala muito sobre ela, — disse James.

— Quem? — Gillian levantou a cabeça para olhar para ele e encostou o queixo no seu peito.

— Sua mãe. Você me contaria sobre ela?

Gillian ficou em silêncio por um longo momento e deu um beijo em seu peito antes de falar.

— Eu a amava muito, mas ela não era forte. Ela escolheu ficar com meu pai porque achava que isso lhe daria uma certa vantagem, o que aconteceu por um tempo, mas depois de sua morte, ela não sabia qual seria o custo de morar sozinha.

— Seu pai não deixou provisões para você?

— Tenho certeza de que ele tinha planos em algum momento, mas nunca nos contou nada antes de morrer. — Não era bem a verdade. Seu pai havia lhe dado alguns pequenos fundos antes de morrer, mas ele não poderia ter deixado a

propriedade ou mesmo uma simples porção de terras para elas, não sem a aprovação de seu herdeiro, seu meio-irmão, tendo o poder de rescindir a generosidade de seu pai. Gillian engoliu em seco e continuou.

— Eu era sensata, sempre fui sensata, e encontrei uma maneira de sobreviver, mas a morte dele afetou minha mãe, e ela morreu de tensão. Às vezes... — Lágrimas queimaram seus olhos, e ela parou. James enfiou os dedos pelos cabelos dela. O toque era reconfortante e ela desejou continuar.

— Às vezes me sinto aliviada por não carregar mais fardos, que devo confiar apenas em mim mesma. Mas, ao mesmo tempo, detesto sentir esse alívio.

Ele segurou sua bochecha e seu sorriso mudou para um de tristeza.

— Eu sei como você se sente. Eu amo minha mãe, mas às vezes eu sinto o peso mais terrível de seus cuidados me esmagando. E penso em como a mulher que ela era, a mulher que eu amava, se foi e quase não sobrou mais que uma concha e sinto sua falta. Isso me faz sentir tão vazio por dentro.

Ele fez uma pausa, sua voz pegando. O Dr. Wilkes me convenceu na semana passada a mandá-la para minha propriedade no campo. Ele está preocupado com o fato de que ela venha a cair. Eu não queria, mas ela precisa de um lugar mais seguro, com menos escadarias. Há um aperto no meu peito quando penso em tudo. Torna difícil respirar. A única vez que esqueci minhas preocupações é quando estou com você. É como se eu pudesse respirar de novo. — A seriedade de James cortou o coração de Gillian. Ela sentia o mesmo por ele.

Ela subiu no corpo dele até ficarem cara a cara, e ela o beijou, deixando toda sua tristeza, sua alegria, *tudo* fluir dos lábios dela para os dele. Como ela poderia negar a esse homem qualquer coisa? Ele era o mundo dela. Por enquanto.

Mas talvez por enquanto fosse tudo o que ela precisava.

09

Letty Fordyce esperou nervosamente na porta de entrada da moradia do Conde de Morrey. Havia uma carta dentro de sua bolsa, cheia de mexericos lascivos, mas Letty precisava de respostas, e talvez esse fosse o único lugar onde ela pudesse consegui-lo.

O mordomo apareceu.

— Minhas desculpas pela espera. Sua Senhoria vai recebê-la agora.

Letty seguiu o criado para uma sala no segundo andar. Ela entrou na sala de visitas e ficou impressionada com a atratividade geral do mobiliário. O conde de Morrey tinha bom gosto. Uma figura se levantou de uma cadeira quando ela se aproximou mais da sala. O homem era alto, com cabelos escuros e olhos cinzentos marcantes que faziam seus joelhos estranhamente fracos quando ele sorria para ela. Seu rosto também era atraente, mas seus olhos prenderam sua atenção. Eles a lembravam de alguém, mas ela não conseguia identificar quem era.

— Lady Letticia? — Sua voz era baixa e suave, e a cadência de sua voz tinha uma pitada de familiaridade e intimidade que a fez estremecer. Ele falava como um amante não que ela soubesse como um deveria soar, mas aqueles em suas fantasias soavam assim, *sorriam* assim.

Oh céus…

— Meu lorde, lamento muito incomodá-lo, já que não tivemos nenhum conhecimento real até este momento. — Ela tentou acalmar ainda a agitação súbita no peito. Quando um homem a fez se sentir tão estranha? Talvez fosse porque era sua primeira vez com o homem e o embaraço por trás de sua missão deve ter feito isso.

— Está tudo bem. Por favor sente-se. Diga-me porque você veio. Admito que sua carta de hoje foi muito intrigante. O que faltava em detalhes compensava com uma sensação de mistério.

Ela se deslizou para o sofá e ele retomou a seu lugar na cadeira de frente para ela.

— Esta será uma questão bastante desagradável, pelo menos temo que possa ser. Você conhece uma mulher chamada Gillian Beaumont?

O olhar aguçado de Morrey subitamente se suavizou.

— Gillian? — Ele falou o nome suavemente, como se tivesse sido visitado por um fantasma do passado.

— Sim. Sabe, meu irmão, o conde de Pembroke, recentemente tomou uma *tendência* para essa mulher. Ela disse que seu nome é Gillian Beaumont. Eu nunca a conheci antes, e ela não é uma das *haute ton*[8] Você é o único Beaumont que eu conheço. Eu pensei que talvez ela seja uma prima distante ou uma parente campesina. Eu só quero saber mais sobre ela, se por acaso as afeições do meu irmão por ela cresçam.

Morrey ficou em silêncio por um momento.

— Eu conheço apenas uma mulher chamada Gillian Beaumont.

— E ela é parente? — Letty perguntou esperançosamente. Gostava

bastante de Gillian, mas uma carta que chegara naquela tarde, dirigida por uma conhecida, Venetia Sharpe, levantara algumas preocupações. Venetia insinuara que James e Gillian tinham sido vistos em um abraço amoroso inadequado em um ambiente muito público.

— Não, não é prima. Ela é, creio eu, a filha ilegítima do meu falecido pai.

— O quê? — Letty olhou para Morrey, atordoado por sua resposta franca.

— Sinto muito, minha lady. Eu deveria ter respondido com mais tato. Ouvir o nome dela me deixou chocado. Sabe — ele fez uma pausa, com os olhos sérios, — eu tenho procurado por ela há vários anos.

O aperto de Letty aumentou em sua bolsa.

— Você está *procurando* por ela? — Ela não entendia.

Morrey se levantou e caminhou até a lareira, apoiando uma das mãos na bancada.

— Apesar do fato de que nos conhecemos a apenas meros minutos, vou confiar em você, Lady Letticia, porque eu gostaria de contar com a sua ajuda. — Ele olhou para ela, um sorriso triste paira sobre seus lábios. — Minha mãe morreu quando eu era jovem e minha irmã era uma mera criança. A solidão de meu pai era imensa e ele procurou consolo com uma amante, uma mulher chamada Elizabeth Brookstone. Ela não era da nobreza, mas sim a filha de um cavalheiro que tinha caído em tempos difíceis. Como meu pai estava morrendo, ele confessou o caso e a existência de uma criança, Gillian. Ele me disse que pretendia lhe deixar uma propriedade sem estar vinculado ao título e que tinha inquilinos, e isso lhes daria uma pequena renda, mas ele estava doente demais para convocar seu advogado para fazer essas mudanças. Eu tentei conseguir um advogado a nossa casa a tempo, mas ele chegou uma hora depois que meu pai faleceu. Enquanto meu pai estava morrendo, ele me pediu para cuidar delas. Mas, na minha dor após a sua morte... — Morrey pausou. — Eu falhei. No momento em que eu estava pronto para encontrá-las, minha meia-irmã e sua mãe sumiram, e eu não tinha informações para encontrá-las. Chegou a notícia de que a amante de meu pai havia morrido e minha irmã para sobreviver havia encontrado serviço, mas não consegui encontrá-la. Presumi por todos estes anos que ela estava se chamando Brookstone como sua mãe, mas agora sei que ela deve ter tomado o nome de Beaumont. É possivelmente meu pai que insistiu nisso quando ela nasceu. Eu sinceramente não sei.

— Ela encontrou serviço? — Perguntou Letty.

— Sim. Como serva de uma lady.

Seu irmão estava apaixonado por uma serva? Levou um momento para

Letty entender isso. Mas quanto mais ela pensava sobre isso, mais fazia sentido. Gillian as vezes ficava nervosa, insegura, hesitante, mas Letty e James forçaram suas interações iniciais sobre ela.

Ela tentou nos evitar. Ela sabia que não era apropriada, mas pedimos que ela viesse conosco para a livraria e a confeitaria de Gunter.

Letty não poderia culpar Gillian por esse erro, mas como ela e James haviam renovado sua amizade na festa da casa dos Rochester? Certamente Gillian ainda estava disfarçado de lady?

— Você disse que sabe onde ela está agora? — Morrey deixou sua vigília junto à lareira e se aproximou dela.

Ela teve que se inclinar para trás para olhar para ele. *Deus, ele é muito alto.*

— Eu acredito que sim. Ela está na propriedade rural do Marquês de Rochester.

— Mas você não sabe onde ela estará depois disso?

Letty sacudiu a cabeça.

Morrey suspirou.

— Eu conheço Rochester, mas não bem o suficiente para mostrar-me em sua casa sem aviso prévio. Certamente, não durante uma festa.

— Se meu irmão está — Letty parou — ligado a ela de alguma forma, tenho certeza que ele saberá como alcançá-la. Eu poderia perguntar para você.

Morrey apertou as mãos dela e ela se deleitou com o calor daquele toque. Havia algo sobre Morrey que a encantava. Não era simplesmente a linha elegante de sua mandíbula ou a prata luminosa de seus olhos. Havia uma sugestão de calor em seu rosto que sugeria que, se ele sorrisse, ela estaria completamente perdida em sua expressão.

— Por favor, escreva para mim quando souber. Eu desejo conhecê-la para cumprir minha promessa ao meu pai.

Letty olhou para as mãos unidas antes de soltá-la lentamente.

— Não o incomoda que ela tenha nascido em tais circunstâncias? Que ela passou vários anos trabalhando como criada? A maioria dos homens não gostariam de ter nada a ver com ela, imaginando que a reputação da família fosse arruinada. — Letty esperava que ele fosse um homem de palavra e verdadeiramente desejava para ajudar Gillian.

Os lábios de Morrey se afinaram.

— Não posso julgar a menina por ter nascido. Meu pai claramente se importava com a mãe e a criança. Eu sou humano o suficiente para entender a

tentação e suas consequências. Se fosse eu, gostaria que alguém cuidasse da mulher que eu amei tanto quanto de qualquer criança que tenha vindo deste elo, não importando as circunstâncias de seu nascimento. — Ele sorriu levemente. — Se eu tenho uma segunda irmã lá fora, quero conhecê-la.

A garganta de Letty se apertou.

— Isso é incrivelmente nobre vindo de você.

Ele riu.

— Nobre? Eu prefiro esperar que me faça humano. Deus sabe que eu não sou nem de longe tão nobre quanto gostaria de ser.

— Vou escrever assim que tiver novidades, — prometeu ela.

Morrey a acompanhou até a porta da frente de sua casa, mas pegou a mão dela antes que ela pudesse sair.

— Seu irmão está apaixonado pela minha meia-irmã? — Ele perguntou.

— Eu acredito que sim.

— E ela o ama?

Letty encolheu os ombros.

— Eu não saberia dizer. Ela jurou em nosso primeiro encontro que não tinha planos para ele. Então, para eles estarem juntos na festa da casa é intrigante.

Morrey pareceu sentir seus pensamentos.

— Você não aprova essa partida?

— Não é que eu *desaprovo*, mas ele não a conhece, não conhece seu passado ou suas circunstâncias. Um relacionamento precisa da verdade para sobreviver. E temo que a situação prejudique a posição de James. Nós somos de uma casa nobre, e podemos resistir a algum escândalo, mas não tenho certeza se poderíamos resistir se ele se casar com uma serva. De fato, o que eu mais questiono são os motivos dela, porque ela continua com uma farsa como essa, se é realmente isso que está acontecendo. Depois que eu souber mais, posso formar uma opinião melhor. Eu odiaria apressar o julgamento, mas meu irmão James é muito bondoso. Não deixarei que uma serva caçadora de fortunas se beneficie dessa gentileza se ela não tiver sentimentos reais para com ele.

— Eu entendo. — Morrey estudou a rua atrás dela por um momento antes de olhar de volta para ela. — Espero que algo possa dar certo se eles realmente se amam.

— Eu também, Lorde Morrey, eu também.

Letty não queria privar ninguém de amor, mas um escândalo poderia destruir mais do que apenas as reputações de James e Gillian. Isso poderia

destruir o futuro de Letty também.

Três dias gloriosos haviam passado na festa em casa, e Gillian nunca estivera tão feliz. Ela ignorou os sussurros no fundo de sua mente que tudo teria que terminar e, em vez disso, focou no presente. Ela e James estavam sentados na biblioteca, lendo lado a lado, a mão direita entrelaçada à dele. O resto dos convidados estavam espalhados pela casa e pelo terreno, passando o tempo livre como desejavam. Gillian tentou seduzir James de volta à cama, mas ele apenas riu e disse a ela que mesmo os piores libertinos não faziam essas coisas até depois do anoitecer. Ela sentiu que ele estava brincando com ela, mas não tinha certeza de como provocá-lo de volta. Ela desejou poder ser tão despreocupada quanto ele, ver o mundo com tal promessa. Mas a realidade de suas circunstâncias a alcançaria muito cedo.

James se inclinou e beijou sua bochecha, e a pressão suave de sua boca nela a fez estremecer. Ela se inclinou para mais perto dele.

— Talvez possamos usar minha cama depois de tudo. — Ele riu, mas então congelou, olhando para a janela atrás deles.

— O que foi? — Ela começou a girar, mas James já estava ficando de pé.

— Um cavaleiro acabou de chegar à casa. Um cavaleiro vestindo as cores da *minha* família.

Ela o seguiu enquanto ele caminhava para as portas da biblioteca e corria para o corredor.

Por que um cavaleiro virá aqui de Pembroke? Era uma viagem de duas horas a cavalo, de acordo com James.

Gillian parou quando James chegou ao saguão de entrada à sua frente, assim que um lacaio de Rochester abriu a porta da frente. Ela só conseguia pensar em uma razão pela qual um cavaleiro viria aqui. Uma razão muito terrível. Gillian correu pelo corredor para alcançar James quando ele recebeu uma carta do mensageiro. James rasgou o lacre de cera e desdobrou o pergaminho, seus olhos examinando as linhas rabiscadas apressadamente antes cambalear, encostando-se contra a parede, apoiando-se contra ela com uma mão.

— James, o que aconteceu? — Ela chegou a ele, segurando o outro braço para apoiá-lo. Ele engoliu em seco e piscou, seus olhos excessivamente brilhantes.

— Minha mãe… ela está morrendo. Eu devo partir imediatamente.

Gillian podia sentir sua dor como se fosse dela mesma.

— Morrendo?

— Ela tem pneumonia. O Dr. Wilkes disse que ela estava desaparecendo

rapidamente. Não há muito tempo. — Suas mãos tremiam quando ele embolsou a carta.

Não havia como ele viajar sozinho nessa condição, mas ele não ficaria aqui também.

— Eu irei com você. Eu poderia ter um coche pronto rapidamente, — ela sugeriu.

James sacudiu a cabeça.

— Não há tempo para um coche. Eu devo ir a cavalo é muito mais rápido. E você não deve vir. Não seria apropriado para...

— Pendure o decoro. Por que as coisas sempre devem ser tão complicadas com a nobreza? Ela é sua mãe e você a ama, e eu te amo, então devo ir com você.

Ela quase apertou a boca. Ela disse isso em voz alta? Ele se virou para ela, atordoado por um momento, e agarrou-a pelos ombros.

— Você me ama?

Não havia sentido em negar isso.

— Eu amo, mas agora não é hora de tais declarações. Nós devemos partir imediatamente.

A dor em seu olhar a cortou, mas ela não vacilou. Quando você ama alguém, enfrenta seus dragões e faz o melhor para matá-los.

— Traga dois cavalos, — disse James a um lacaio que aguardava, e o rapaz saiu correndo. Ela e James foram para fora esperar, e felizmente eles não tiveram que esperar muito.

Dois cavalariços surgiram do lado de fora com um par de cavalos. Gillian falou rapidamente para um lacaio que ela conhecia chamado Will.

— Diga a Audrey tudo o que aconteceu. E peça desculpas a Sua Senhoria por nós levarmos seus cavalos. Nós os devolveremos o mais breve possível.

— Claro. Seja cuidadosa! — Will disse e correu para dentro da casa.

Gillian montou seu cavalo com a ajuda de um cavalariço, colocando as saias bem acima dos joelhos. Dane-se as consequências.

James montou e verificou como Gillian estava se saindo.

— Pronta?

Ela assentiu.

— Eu vou conseguir, prometo.

Eles cavalgaram em um ritmo tão ofuscante que Gillian lutou para respirar. O crepúsculo rastejou ao longo dos céus, roubando a luz pouco a pouco. Gillian temia que eles perdessem a luz antes de chegarem à casa de James, mas a

sorte prevaleceu. Eles cavalgaram ao longo de uma estrada de cascalho que levava a um belo castelo. O luar inicial iluminou o caminho quando ela e James passaram pelos jardins e pararam nos degraus de pedra que levavam a um conjunto de grandes portas de madeira de carvalho. Gillian saiu de sua sela, com as pernas e as costas doendo com as horas na sela e a tensão da situação. Um lacaio correu para encontrá-los.

— Onde ela está? — Perguntou James.

— O quarto da China. Dr. Wilkes e Lady Letticia estão com ela.

James passou por ele para o salão. Gillian seguiu atrás. Ela teve apenas um momento para vislumbrar o belo mundo que James chamava de lar, as tapeçarias flamengas, as estátuas de mármore e os espessos tapetes orientais. Ele estava quase correndo quando chegou à porta e a abriu. Gillian estava bem atrás dele, mas congelou ao ver sua mãe deitada na cama. O Dr. Wilkes e Letty estavam por perto, os dois olhando surpresos para ela e James.

— Você veio. — Letty sufocou as palavras e correu para abraçar seu irmão.

A garganta de Gillian se apertou e ela se deslizou de volta para o corredor. Se ele precisasse dela, a chamaria, mas ela não iria se intrometer em algo tão pessoal, a menos que fosse solicitada. Mas ela esperaria o tempo que ele precisasse, e ela estaria ali por ele.

10

James se ajoelhou ao lado da mãe, segurando a mão dela. Sua respiração era superficial e seus olhos estavam vidrados, mas ela virou a cabeça quando ele entrou no quarto.

— Meu menino. — As palavras escaparam de seus lábios em um sussurro fraco.

— Estou aqui, mãe, estou aqui. — Ele passou os dedos sobre sua bochecha, sentindo a febre que se reuniu as pontas dos dedos. Seu corpo e alma se encheram de um profundo pavor.

— Onde está seu pai? — sua mãe perguntou. — Eu quero vê-lo.

O coração de James sangrou. Sua mãe ainda não conseguia se lembrar, não podia passar daquele período de sua vida quando seu pai ainda estava vivo.

— Ele está fora caçando, mãe. Tenho certeza que ele estará de volta em breve. — Pela centésima vez, ele desejava que seu pai realmente estivesse de

caça, que ele não tinha morrido. Outro soluço escapou de Letty quando ela ficou de joelhos no outro lado de sua mãe e enterrou o rosto na cama.

— Letty, — sua mãe murmurou, acariciando-a com a mão o seu cabelo escuro. — Eu acho que o seu pai vem tarde... — Lady Pembroke parecia divertida, apesar de sua fadiga. — Provavelmente parou para descansar no pavilhão de caça... — Seus olhos de repente se iluminaram, e James apertou sua mão com mais força. — Eu deveria sair e encontrá-lo. Às vezes ele gosta quando eu vou buscá-lo... — Ela sorriu fracamente, os olhos fixos em algo que ele nunca veria, e então a luz se apagou, suas pálpebras se fecharam e ela foi se desvanecia pacificamente.

James assistiu, seu coração se despedaçando enquanto ele olhava para sua mãe. Parecia que ela estava apenas dormindo.

Letty começou a chorar. Dr. Wilkes se aproximou da cama, levantando o pulso da lady de Pembroke. Então, depois de um momento, ele cuidadosamente colocou-o de volta e deu um suspiro pesado.

— Meu lorde, sinto muito mesmo. — O Dr. Wilkes aproximou-se dele e colocou uma mão gentil em seu ombro. James mal conseguia segurar a dor. Ele queria gritar, enfurecer-se, obliterar o silêncio à sua volta. Ele olhou fixamente para o rosto de sua mãe, levantou-se e puxou Letty para ele. Ele agarrou sua irmã firmemente, desejando poder absorver sua dor em si mesmo.

— Está tudo bem, — disse ele e beijou a coroa de seu cabelo. Mas não ficaria bem. Eles haviam perdido a mãe cedo demais, assim como o pai deles. E ele não estava lá, não estava cuidando de sua mãe. Ele tinha estado em uma festa boba.

Quando Letty finalmente se acalmou em seus braços, ela se afastou para olhá-lo, seus olhos vermelhos e seu rosto brilhando com marcas de lágrimas.

— James, eu... — Ela mordeu o lábio, se segurando.

— Por que você não vai ao seu quarto e descansa? Eu vou cuidar da minha mãe agora, — ele prometeu.

Ela assentiu, ainda tremendo quando saiu do quarto. Ele se virou para encarar o Dr. Wilkes, sua mente e coração entorpecidos por enquanto. Ele teria que enfrentar sua dor em breve, mas ele precisava manter a compostura por mais algum tempo.

Gillian ficou tensa quando Letty emergiu do quarto. Seus olhares se encontraram.

— Ela está…?

— Sim. — Letty fungou, as lágrimas brilhando em suas bochechas. —

Meu irmão prometeu que cuidaria dela.

— E ele vai. Ele ama tanto vocês duas. — Gillian queria dizer alguma coisa, qualquer coisa que pudesse ajudar, mas ela sabia pelo olhar no rosto de Letty não era a coisa certa.

Letty enxugou as lágrimas.

— Minha mãe acabou de morrer. Você não acha que deve ao meu irmão a verdade sobre quem você realmente é? Se este é um jogo que você está fazendo para ganhar um título e dinheiro, eu não vou deixar você machucar o James. Não depois de perder a nossa mãe.

— A verdade? — Gillian repetiu, seu coração batendo em suas costelas. Letty sabia de alguma forma quem ela realmente era. O medo amarrou em seu estômago.

— Sim. A *verdade.* Se você não contar a ele quem você realmente é, eu vou. E então você pode explicar para ele o que realmente quer e por que o enganou. — O aviso de Letty permaneceu no salão muito tempo depois ela que ela saiu.

Gillian pressionou as costas contra a parede ao lado da porta. Como ela descobriu isso?

Depois de quinze minutos, a porta se abriu e James entrou no corredor. Ele se virou para ela, e seus olhos, aqueles lindos olhos castanhos que enchiam seu coração de amor, estavam cheios apenas de vazio.

— Gillian... — Ele abriu os braços, e ela correu para ele, segurando-o com força.

Tome meu amor, tome minha força, ela rezou.

O corpo de James tremeu contra o dela, como uma casa de pedra sólida vibrando com o trovão de uma tempestade distante.

— Sinto muito, — ele sussurrou entrecortado. — Eu sinto muito, eu não posso

— Não se desculpe. Estou aqui. — Ela deu um beijo em seu pescoço, segurando-o.

Um bom tempo depois, James enxugou as lágrimas dos olhos. Com um sorriso triste, ele suspirou.

— Eu não sei como te agradecer por vir comigo hoje. — Ele abriu a mão para ela, e ela colocou a mão na dele.

— Não há necessidade de me agradecer. Eu queria estar aqui por você.

Ele respirou instável.

— É tão estranho, mas sinto um alívio terrível que ela se foi. Eu a amava

muito, com todo o meu coração, mas... — Ele lutou por palavras, e ela não o empurrou. — Quando ela começou a se perder, pouco a pouco, dia a dia, enquanto desaparecia, eu já tinha começado a dizer adeus. Era como se eu estivesse preparado para este dia anos atrás. — Ele passou o polegar sobre o dorso da mão. — Isso soa louco?

— Não, — disse Gillian. — A coisa mais difícil que enfrentamos quando crianças é quando perdemos um dos pais. Não é fácil perdê-los sem um adeus, mas é ainda mais difícil saber que o fim está chegando e sentir que você os está perdendo enquanto eles ainda respiram. Eu gostaria de poder fazer mais para confortar você. — Ela se inclinou para ele novamente, abraçando-o com força, e ele a abraçou de volta. Aquele único momento era algo que ela nunca esqueceria, ela e James juntos contra um mundo que parecia determinado a quebrar seus corações a cada passo.

É por isso que eu o amo, esse homem forte e corajoso que abriu seu coração para mim. Como eu não poderia?

Ele beijou a coroa do cabelo dela, e eles lentamente se separaram. James limpou a garganta, parecendo tímido.

— Eu acredito que nós poderíamos tomar um pouco de chá, e eu preciso escrever uma carta para Lorde Rochester e explicar a nossa saída abrupta.

Ele tentou se manter composto; ela podia ver isso. Ele queria esconder sua dor e agir normalmente, mesmo que seu coração estivesse quebrado. Ela não o forçaria a enfrentar sua dor; ele faria isso em seu próprio tempo.

— Não se preocupe com Lorde Rochester. Eu falei com um lacaio enquanto saíamos. Por que não encontramos um lugar quieto para conversar? — Ela sugeriu.

— Er... sim.

Ele a levou para uma linda sala azul e amarela, onde se sentaram perto do fogo, sem falar por um longo momento. Gillian reservou um tempo para memorizar a maneira como a luz refletia em seu cabelo escuro, revelando aqueles tons ocultos de calor. Suas mãos descansaram em seus joelhos enquanto ele olhava sem ver as chamas.

— James, eu sei que este é o pior momento para trazer tal assunto, mas... — Ela limpou a garganta. — É hora de você descobrir a verdade sobre mim. Eu quero que você ouça isso de mim, não de mais ninguém. — A última coisa que ela queria fazer era adicionar mais lenha à sua dor, mas Letty lhe diria se ela não o fizesse.

— Gillian, você não precisa

Ela levantou a mão.

— Eu te devo a verdade, James. A partir do momento em que nos encontramos na loja da modista de Madame Ella, eu deveria ter sido sincera com você.

Ele olhou para ela agora, um olhar de preocupação em seus olhos, como se sentisse que a confissão dela seria o fim.

— Eu não sou quem você pensa que sou. Desejo de todo meu coração que eu fosse, mas não sou.

Ele inclinou a cabeça.

— O que você quer dizer? Não fale em enigmas.

— Eu não sou uma lady. Eu sou... — Ela teve que inspirar, uma respiração forte. Ela não podia simplesmente dizer que ela era uma serva de uma lady. Isso se tornaria muito pior. Em vez disso, ela decidiu explicar em um caminho menos direto. — Meu pai era Lorde Morrey.

Seus olhos se arregalaram.

— Seu… mas… Morrey teve um filho e uma filha, Lorde Adam Beaumont e lady Caroline, sua irmã.

— Eu também sou filha do falecido Lorde Morrey. Ele tomou uma amante depois que sua esposa morreu. — Ela esperou, se perguntando se ela teria que dizer ou se ele compreenderia.

— Você é ilegítima?

Ela mordeu o lábio, sabendo que deveria continuar.

— Depois que meu pai morreu, tive que sustentar a mim mesma e a minha mãe, mas ela morreu pouco depois do meu pai e eu tive que trabalhar.

James pigarreou.

— Por trabalhar, você quer dizer...

— Eu era e ainda sou, a dama de companhia de uma lady. De Audrey Sheridan.

Seus olhos eram escuros e insondáveis, e ele não disse nada. O silêncio cresceu entre eles.

Ela limpou a garganta e continuou.

— Eu nunca quis enganá-lo. Naquele dia em que nos conhecemos pela primeira vez, fui para experimentar o último pedido da Srta. Sheridan. Nós duas somos quase do mesmo tamanho, e então você... — Ela não pôde continuar, mas estava claro nos olhos de James que ele iniciara inocentemente o que havia começado. — Eu tentei ficar longe de você, mas você me puxou de volta, como o mar rola para a praia.

Nunca houve qualquer armadilha quando eles se encontraram. Ela só agora percebia que a atração entre eles *sempre* estaria lá, pelo menos para ela, e sabia disso, com uma certeza melancólica, que sentiria o aperto de seu coração todos os dias que teria que viver sem ele.

— A serva de uma lady. — Ele olhou para ela, o rosto inexpressivo.

Ele está furioso. Ele tem que estar. Eu o enganei. Como ele poderia não me desprezar?

Ela ergueu o queixo um pouco, tentando de tudo para não chorar.

— Sim. Você deseja que eu vá embora?

— Sair? — Ele piscou como se estivesse acordando de um transe. — Gillian, eu te amo. A última coisa que eu iria querer é que você me deixasse, mas...

Mas… aquela única palavra queimou como um terrível fogo em seu coração.

— Mas, — ele continuou, com a voz ainda rouca de emoção, — minha mãe acaba de morrer, eu me casaria com você amanhã, mas preciso organizar o funeral, e devemos esperar um tempo para um luto adequado. O luto deve ser observado. As pessoas fofocarão o suficiente, mas se esperarmos, isso ajudará.

Desta vez foi Gillian quem piscou.

— Você quer se casar comigo?

— Claro. — Ele se levantou, caminhou até a lareira, e depois voltou.

— Mas você não pode. Eu nem sou filha de um cavalheiro. — Era sua dor conversando, tentando desesperadamente agarrar-se a algo ou alguém. Ele não queria se casar com ela, não podia. Era uma loucura; era inaceitável.

— Você é filha de um conde.

— Eu sou a filha *bastarda* de um conde, — ela respondeu.

Ele se inclinou para segurar o rosto dela em suas mãos, sorrindo um pouco.

— Minha querida. Meu amor. Nunca me importou quem você *pensava* que fosse. O que importa é que eu *sei quem* você é.

Ela tremeu sob o toque dele enquanto ele acariciava a ponta do polegar sobre seus lábios, os olhos procurando os dela.

— E quem eu sou?

— A mulher do meu coração. Eu nunca me senti assim com mais ninguém. Só com você. Eu lutarei contra o mundo para estar com você se for preciso. Eu enfrentei o clube de Hellfire e o gato do diabo para estar com você. Você honestamente acha que eu deixaria a *sociedade* ficar no meu caminho?

— Mas eu não posso ser a única a destruir sua reputação. Você não está pensando claramente. — Ela fechou os dedos em torno de seus pulsos, agarrando-se a ele quando percebia que deveria partir.

Ele abaixou a cabeça para a dela, roçando-lhe os lábios em um beijo que enviou notas de música através de sua alma. Mas ela estava com muito medo de abraçar essa alegria. Sua vida nunca foi destinada a ser uma felicidade. Assim não.

— Eu devo mandá-la de volta para a casa de Rochester.

E aí estava a decisão de deixá-la partir.

— Claro. Eu entendo — ela sussurrou, baixando os cílios enquanto lutava contra as lágrimas. — É a coisa certa a fazer.

— Gillian, — ele rosnou. — Olhe para mim.

Ela fez isso.

— Tenho que mandá-la para sua casa para que tenha tempo de preparar um enxoval apropriado. Você deve informar de sua renúncia à sua empregadora. Eu confio que ela não vai ficar com raiva porque eu a estou roubando?

Gillian ainda não podia acreditar que ela estava ouvindo isso, que ele a queria, mesmo depois de saber a verdade.

— Ela ficará chateada por me perder, mas feliz também. Ela sabe o que eu sinto por você.

James levantou-a e a puxou para seus braços.

— É melhor que saiba. Foi ela quem me convidou para a festa, afinal.

— O quê? — Gillian ofegou. — Mas ela disse que não. — Bem, na verdade ela não tinha dito, mas não parecia surpresa genuinamente por James estar na festa em casa de Rochester.

— Eu fui à casa de Sheridan na semana passada antes da festa, na manhã seguinte ao incidente do Hellfire Club.

— Eu me lembro, — confessou Gillian. — Eu estava me escondendo na entrada dos servos e vi você entrar.

Ele esfregou as mãos para cima e para baixo nas costas dela.

— Tão perto, e ainda assim, eu não tinha ideia de que você estava lá.

— Por que você veio naquele dia? — Ela perguntou.

— Para encontrar você. A senhorita Sheridan era a única conexão que eu tinha com você. Eu implorei para ela me dizer onde você estava, *quem* você era. Ela não traiu sua identidade, mas disse que eu poderia ir à festa e conquistá-la.

Gillian sacudiu a cabeça em descrença. Até aquele momento, Gillian acreditava que a ambição de Audrey de ser espiã era uma tarefa tola, mas agora

ela estava começando a achar que poderia ser esperta o suficiente para enganar o rei da França.

— De fato. — James enfiou os dedos pelos cabelos dela e a beijou, uma torrente de paixão escorrendo de seus lábios. Quando suas bocas finalmente se separaram, ele pressionou sua testa na dela. A tristeza voltou a seus olhos, e ele a apertou em um abraço feroz como se só ela pudesse confortá-lo.

— Você vai esperar por mim? Eu preciso me concentrar em organizar o funeral.

— Se você realmente me quer, eu vou esperá-lo pelo tempo que você precisar, — ela jurou.

Se James estivesse disposto a enfrentar a condenação da sociedade por ela, ela faria tudo o que pudesse para ser digna dele, mesmo que tivesse que esperar para sempre.

11

Duas semanas se passaram desde que a mãe de James tinha morrido, mas ainda sentia sua presença no sobrado depois que ele e Letty voltaram a Londres. Sentia falta dela a cada respiração, mas uma parte dele sentia-se aliviada por não estar mais sofrendo. Ela não era a mesma por vários anos, e ele desejou que se não pudesse tê-la curado, ele poderia pelo menos ter sua dor terminada. Enquanto seu coração ainda estava quebrado, ele sabia que ela estava com seu pai agora, e ali, juntos, eles poderiam ser felizes.

James permaneceu no hall de entrada com o chapéu na mão enquanto se preparava para o dia que mudaria para sempre sua vida. Ele iria reivindicar Gillian para ser sua. Publicamente, da maneira que ela merecia. Ele sabia que ela prometera esperar, e eles escreviam um para o outro todos os dias reafirmando seu compromisso, mas seu estômago estava apertado com nós.

— James... — A voz de sua irmã o fez virar. Letty desceu as escadas, parecendo bastante amável em um simples vestido lilás matutino próprio para o luto e um xale. Era a hora habitual do dia para ela visitar suas amigas, mas, dada a morte de sua mãe, ela permanecia em casa pelos próximos meses.

— Ah, Letty, estou feliz que esteja aqui. Eu preciso falar com você. — Ele não tinha dito oficialmente a sua irmã ainda que ele pretendia se casar com Gillian. Parte dele temia que ela ficasse zangada com ele durante a partida de matrimônio. Desde que descobrira a história de Gillian, suas maneiras pareciam

estranhamente tensas sempre que ele mencionava o nome dela na conversa.

— E eu preciso dizer algumas coisas também. — Ela chegou a ele na parte inferior da escada. A dor e preocupação eram tão claras em seus olhos que sua respiração ficou presa. Isso não augurava nada de bom.

— Letty, o que...

— Por favor, deixe-me falar primeiro, — ela implorou.

James assentiu, seu corpo agora apertado de ansiedade.

— Eu forcei Gillian a contar a verdade sobre suas circunstâncias. Veja, eu visitei seu meio-irmão, Lorde Morrey, e acontece que ele está procurando por ela desde que seu pai morreu. Ele quer conhecê-la, apoiá-la. Ele não tem vergonha da conexão deles. — Ela suspirou, os lábios curvando-se ligeiramente. — Ele é muito maravilhoso, na verdade. Mas eu estava chateada, e temo que eu tenha feito uma bagunça das coisas. Quando mamãe morreu, eu estava sofrendo terrivelmente, e eu a vi e... — Sua irmã parou, fungou e continuou. — Eu temia o pior sobre suas intenções. Eu disse a ela que deveria confessar sua situação para você, ou eu faria.

James não sabia o que dizer, mas não estava zangado. Ele entendia a dor de Letty e a necessidade de atacar. Ele poderia ter reagido dessa maneira, mas ele não reagiu. Gillian estava ali por ele. Ela tinha feito algo que ele nunca imaginou ser possível: ela tomou parte de sua dor e carregou parte sobre seus próprios ombros. Sua força e apoio tornaram a perda mais suportável. Na época, ele se sentiu culpado por compartilhar esse fardo, mas depois percebeu algo que enchia seu coração de esperança. Quando se conhecia a pessoa que estava destinada a ser sua parceira por toda a vida, não se poderia forçar aceitarem a dor de um só, eles simplesmente compartilhariam isto de bom grado. Ele nunca poderia ter escondido seu coração de Gillian, porque pertencia a ela. Ela sempre veria quando ele estava mais sombrio, mais ferido, e ela estaria lá para ajudar. Não porque ela precisava, mas porque queria.

E farei o mesmo por ela. Toda dor, toda alegria, tudo, nós compartilharemos juntos.

— Letty, por favor, não fique zangada. Eu não estou bravo com você, — disse ele. Ele segurou o queixo e levantou o rosto, odiando as lágrimas que cobriam seus cílios.

— Você não está?

— Não. Mas devo lhe contar uma coisa e ouvir a sua verdade sobre isso. É minha intenção casar com Gillian. Isso te causará mais dor?

Letty sacudiu a cabeça.

— Eu sempre gostei dela, você sabe disso. Eu só queria te proteger. Tantas mulheres anseiam por um título e eu temia que alguém tirasse proveito de seu coração aberto.

James deu uma risada gentil.

— Você sempre foi feroz em questões do coração, e eu te admiro por isso. Mas fique tranquila, ficarei bem enquanto eu tiver Gillian.

— Então estou feliz. — O sorriso de Letty era brilhante como o sol. Quem quer que se casasse com ela algum dia nutriria sorrisos desse tipo.

— Vou visitá-la. Você se importaria de vir?

— Não, mas dê a ela meu amor quando a vir. Será uma alegria tê-la aqui quando estiverem casados.

— Você quer dizer isso a ela? — James colocou o chapéu na cabeça e puxou as luvas de equitação.

— Claro, — Letty assegurou. — Agora é com você! Eu sei que está ansioso para vê-la. — Letty empurrou-o em direção à porta. Ele não pôde deixar de sorrir. Ele estava realmente ansioso pelo resto de sua maravilhosa vida com Gillian começar.

Audrey correu para a sala de estar.

— Ele está aqui!

Gillian se levantou e jogou de lado o bastidor que ela estava fingindo se importar. Na verdade, ela estava pregando a mesma peça várias vezes desde que um mensageiro a informou que James estava vindo para pedir formalmente a mão dela. Ela mal podia acreditar que haviam passado duas semanas, mas os dias pareciam se arrastar e passar rápido demais sem que ela pudesse vê-lo.

Cedric, o irmão mais velho de Audrey, sentou-se em uma cadeira perto do fogo e dobrou o pergaminho. Ele olhou para Gillian.

— Você tem certeza que quer se casar com ele? Eu gosto imensamente do nobre, é claro, mas se você me disser que não quer e eu o enxoto. — Cedric sorriu para ela de uma forma que fez tremer seu coração de alegria. Ele havia entendido a situação imediatamente quando Gillian explicou sua renúncia. Ele mudou de empregador para irmão honorário em um piscar de olhos. Os Sheridans sempre a trataram como uma família, e agora ela sentia mais do que nunca que era parte disso.

— Não se atreva! — Audrey disse, batendo no braço do irmão.

— Meu lorde, — disse Sean Hartley quando apareceu na porta. — Os Lordes Pembroke e Morrey estão aqui para vê-los e a Srta. Beaumont, é claro.

A garganta de Gillian se contraiu e ela teve que lutar para manter a calma.

— Você disse Lorde Morrey?

Audrey olhou para ela, empalidecendo.

— Você disse que ele não sabia sobre você.

— Ele não sabe, — disse Gillian. O que tudo isso poderia significar?

— Você ainda deseja que eu os deixe entrar? — Perguntou Sean.

Cedric estudou Gillian.

— Cabe a você, minha querida.

— Eu... Sim, deixe-os entrar. — Ela simplesmente teria que encarar a situação e rezar para que Lorde Morrey não estivesse aqui para arruinar sua chance de felicidade. Ela fizera o melhor que podia para permanecer invisível, para evitar chamar atenção para a família de Lorde Morrey. Depois que ela se casasse, até o nome dela mudaria. O que mais ela poderia fazer?

Gillian permaneceu de pé, com o coração aos pulos, quando ouviu vozes ecoarem no corredor. Sean abriu a porta e James entrou primeiro. Seu sorriso tranquilizador aliviou sua preocupação, mas apenas por um momento. O segundo cavalheiro, Lorde Morrey, era alto, de cabelos escuros, e tinha os mesmos olhos cinza-prateados dela que não eram vistos em Londres. *Nós temos os mesmos olhos, assim como o nosso pai.* Ele era bonito, elegante, mas um espécime masculino que teria feito sua ama desmaiar se ela já não estivesse obcecada com Jonathan St. Laurent.

— Lorde Pembroke, Lorde Morrey, — cumprimentou Cedric.

— Lorde Sheridan, — os dois responderam educadamente.

— Gillian, você deseja que eu permaneça? Ou eu devo me retirar para o meu escritório? Quando Lorde Pembroke e Lorde Morrey estiverem prontos, eles podem discutir seu dote comigo.

— Dote? — Gillian estava confusa. — Eu não tenho dote.

— Bobagem, — disse Cedric. — Eu providenciarei um para você.

— Na verdade... — Lorde Morrey limpou a garganta, sua expressão ilegível. — Eu acredito que este é meu dever, como parente mais próximo.

Cedric cruzou os braços.

— Você está aqui para reconhecer que ela é uma relação sua, então?

— Eu estou, — disse Morrey, franzindo a testa para Cedric. — Na medida em que eu sou capaz. Espero que ninguém tenha a impressão de que pretendia deserdá-la.

— Bem, — Cedric começou, — que maravilha de homem. Ela está prestando serviço a esta casa por anos. Onde você estava quando ela precisava de ajuda?

— Meu lorde! — Gillian corou até a raiz dos cabelos, enquanto observava Cedric defendê-la. Não era necessário.

— Você entendeu mal. Eu tenho procurado por ela, — Morrey disse para Cedric, então enfrentou Gillian — já há algum tempo. Meu pai, *nosso* pai, desejou que eu cuidasse de você e de sua mãe. Lamento não a ter encontrado depois que ele morreu, mas quero compensar isso agora e fazer tudo o que puder para ajudá-la. — Ele estava sorrindo, mas havia uma tristeza nele. — Parece que estou atrasado, no entanto. Lorde Pembroke me informou que vocês dois devem se casar. Então, o mínimo que posso fazer é dar-lhe um dote e oferecer a mim e a minha irmã como sua família.

— Mas... — O mundo de repente se inclinou ao redor dela, e ela agarrou as costas da cadeira mais próxima para ficar de pé. James estava lá em um instante, pegando-a pela cintura. — Obrigada.

— Claro, — ele sussurrou de volta.

— Lorde Morrey, se você reconhecer qualquer ligação comigo, isso causará um escândalo.

Morrey sorriu, emprestando um brilho juvenil a seus olhos muito sérios.

— Ah, mas pensei nisso. James mencionou sua preocupação com o escândalo e acredito que talvez tenhamos encontrado uma solução deliciosa. Não temos, Pembroke?

— Eu acredito que sim. — James olhou para Audrey. — Ambrose Worthing, um amigo meu, foi capaz de contar com a ajuda de Lady Society. É minha esperança fazer o mesmo.

Gillian viu Audrey de repente se enrijecer.

— Lady Society? — Cedric riu. — Seria melhor fazer um acordo com o diabo. Você colocará seu pescoço em apuros com aquela mulher, seja ela quem for.

— Eu não penso assim, — disse James. — Lady Society é bastante esperta e sempre defendeu as questões do coração, especialmente aquelas que fogem da convenção. Ela lembra a seus leitores que devemos temperar nossas tradições com compaixão.

— Ela também tem uma maneira de descobrir os segredos mais inconvenientes e trazer brilho sobre eles para todos verem, — rebateu Cedric. — Eu lhe digo, você está brincando com fogo se espera conseguir sua ajuda.

— Valeria a pena se ela me ajudasse a convencer a sociedade a aplaudir em vez de condenar meu casamento com Gillian. Eu acho que ela concordaria que é uma causa que merece ser defendida.

Gillian relaxou quando percebeu que ele não revelaria a identidade secreta de Audrey na frente de seu irmão.

— Qual é a sua solução? — Cedric pressionou a dizê-lo.

Morrey ainda estava sorrindo.

— Nós entraremos em contato com Lady Society através do *Quizzing Glass Gazette*, informando-a de nossa situação e pedindo-lhe ajuda. Esperamos que Lady Society escreva sobre a nova e encantadora lady de Londres, a Srta. Gillian Beaumont, supostamente uma prima do campo, uma antiga conexão familiar que minha irmã e eu estamos empolgados em renovar os laços. É claro que, se ela acredita que tem meios mais eficazes de alcançar o público, nós nos submetemos à sua expertise.

— Sua irmã não se opõe? — Gillian perguntou, segurando o fôlego.

— Claro que não. Espero que também esteja aberta para nós... irmã — disse Morrey, e a ternura em seu tom a chocou. Por um momento, Gillian não conseguiu respirar. Uma alegria tão forte pareceu explodir dentro dela que ela teve que se acalmar para não cair em lágrimas. Ela esperava que Morrey quisesse lhe pagar para escondê-la, desacreditá-la ou ignorá-la, no mínimo. Mas para recebê-la tão abertamente? Estava além de qualquer coisa que ela já sonhara.

— Obrigada, meu lorde, — ela disse, com os olhos nebulosos.

Morrey continuava a observá-la de perto, o sorriso caloroso aumentando com a resposta dela.

— Você nos receberá como irmãos dignos. O pai nos ensinou que a família é importante e você faz parte da nossa.

Cedric sorriu.

— Bem dito! Fico feliz em saber que você aprendeu direito isso, Morrey.

Morrey se aproximou de Gillian e estendeu a mão.

— Eu sei que você não precisa da minha bênção para casar com Pembroke, mas mesmo assim a dou, junto com um dote honrável.

— Eu realmente não preciso disso, — disse James. — O coração de Gillian é tudo o que eu realmente preciso.

— Por favor. Permita-me fornecer-lhe para que você possa regar sua esposa com presentes. Depois de todos os anos de serviço, acredito que ela não merece nada menos, — insistiu Morrey.

Regá-la com presentes? O pensamento era tão estranho que era risível.

— O que você acha, amor? — Perguntou James. — Os melhores vestidos, os melhores sapatos, uma sala inteira apenas para seus chapéus?

— Sim! Claro que ela quer isso! — Audrey exclamou. — Gillian, você vai ter um quarto para seus próprios chapéus! — Os olhos de sua amiga brilhavam com malícia e alegria com o pensamento de todos aqueles chapéus tolos sendo empilhados em um quarto.

Gillian suspirou e riu.

— Talvez possamos estender a biblioteca para incluir mais romances em vez disso?

James sorriu para ela.

— Tudo bem para os romances, mas pelo menos insisto nos vestidos e sapatos.

Ela mordeu o lábio.

— Porque eu sou simples?

James olhou para ela espantado.

— Longe disso! Você é a mulher mais linda que eu já conheci. Mas eu gostaria de oferecer a você o melhor para deixar toda mulher com ciúmes.

— Oh. — Certamente seria necessário acostumar-se à ideia de alguém estar com ciúmes dela.

— Então tudo o que resta é escolher uma data? — Perguntou James. — O Natal seria adequado a você?

— Isso não é muito cedo depois da morte de sua mãe?

James sacudiu a cabeça.

— Oficialmente sim, o que significa que as pessoas vão falar, tenho certeza, mas eu sou solteiro, um bom partido, pelo menos foi o que me disseram, por isso não será surpresa para eles que eu tenha sido precipitado. Qual é o ponto em esperar? Eu lhe disse que não me importava com o escândalo. — O humor cintilou em seus olhos quando ele enrolou um braço em volta da cintura dela.

— O Natal seria maravilhoso, então. — Ela inclinou o rosto para o dele, aquecendo-se no sol de seu sorriso.

James roubou um beijo rápido. Cedric e Morrey pigarrearam fortemente, mas por causa do decoro do que qualquer objeção real.

— Eu vou pedir chá, vieram cavalgando pela rota de Rotten Row...

Ele pressionou um beijo demorado em sua mão.

— Você será cortejada corretamente, assim como prometi.

O coração de Gillian estava subitamente tão cheio de amor, uma alegria tão avassaladora que ela mal conseguia aguentar. Em questão de semanas, ela passou de órfã e dama de companhia de uma lady para ter dois irmãos protetores.

— Viu? Eu prometi que as coisas boas viriam depois que nos conhecêssemos por todos esses anos, — Audrey disse com um brilho nos olhos. — Coisas muito boas.

Gillian sorriu para a amiga e pronunciou as palavras que nunca poderiam transmitir a profundidade de sua gratidão. *Obrigada.*

— Isso é o que as irmãs são uma para a outra, — disse Audrey. Ela deu de ombros, como se dar alegria fosse um simples dever e não o maior presente que alguém poderia receber. Lady Society realmente poderia fazer milagres. Ela dera a Gillian um amor como nenhum outro, um homem que realmente se importava com ela, alguém que a queria como parceira na vida.

James estava olhando para ela, aquele olhar de esperança ainda em seus olhos, mas havia algo mais. Não apenas esperança, mas uma promessa de amor e uma vida juntos. Ele era seu maravilhoso e perverso conde, afinal de contas, e ele faria todos os seus sonhos se tornarem realidade.

Epílogo

Um mês depois

Gillian estava na sala de jantar da casa de James, seu vestido de noiva farfalhando nos tapetes enquanto ela caminhava ao redor da longa mesa. Os convidados chegariam a qualquer minuto da igreja para participarem da festa do café da manhã, mas ela tinha alguns momentos preciosos para admirar nas criações da cozinheira. A mesa estava cheia de bolos e outras iguarias, e havia uma abundância de flores de laranjeira que enchiam o ar com seu aroma, fazendo a sala parecer mais um jardim. Por muito tempo ela esteve do outro lado desse tipo de vida, aquela que deveria ser invisível e inaudível, trabalhando nas horas que antecede a madrugada e até tarde da noite para melhorar a vida de outra pessoa. Agora ela era quem teria tudo o que desejasse. Era estranho em vez de consolá-la pensar, e ela sabia que levaria algum tempo para se acostumar a ser uma lady ao invés de serva de uma lady.

— Gillian? — Gillian se virou para ver sua nova irmã-de-lei na porta.

— Sim? — Ela estudou Letty enquanto caminhava. Seus olhos castanhos eram solenes e com remorso.

— Em toda essa loucura de casamento rápido, nunca tive a chance de me desculpar. — Letty estendeu a mão para tocar as mãos de Gillian. — Eu nunca

deveria ter te empurrado para contar a James sobre o seu passado, não naquele dia. Foi errado da minha parte, e me desculpe se eu te acusei de tentar enganá-lo por razões egoístas. — A voz de Letty quebrou ligeiramente.

— Letty, não há nada para perdoar. Você estava protegendo-o. Eu não esperaria nada menos de uma irmã dedicada. — Ela ainda apertou as mãos da outra mulher na dela.

— Mas eu odeio as verdadeiras razões por trás das minhas ações. Eu fui mais egoísta do que te levei a acreditar. Eu também estava com medo do escândalo. Mas se eu aprendi alguma coisa com você, é que esse escândalo não importa, não quando se trata de amor. Eu gostei de você desde o primeiro momento que nos conhecemos, e eu não deveria ter tentado ficar entre você e James. Você o faz tão feliz, maravilhosamente assim, e ele merece essa felicidade mais do que qualquer homem que eu conheça. Você é a mulher perfeita para ele, não importa de onde você veio ou quem você já foi. O que importa é quem você é e a mulher que ele ama, a mulher que o faz feliz.

De fato, como isso é verdade, pensou Gillian com um pequeno sorriso. Ela e James tinham planejado se casar perto do Natal, mas ela não tivera sua menstruação duas semanas depois de ter ficado noiva, e eles decidiram não arriscar o falatório na *sociedade*, a fim de proteger a criança que ela tinha certeza que carregava. Houve uma tempestade de sussurros nos primeiros jantares que ela comparecera, e muitas mulheres ficaram zangadas por James não ser mais um solteiro na caça. Ele achou isso divertido, e logo Gillian relaxou, uma vez que ela teve certeza de que as fofocas não estavam prejudicando-o ou a sua irmã. De fato, a intervenção de Lady Society havia ajudado, assim como ele e Adam esperavam.

Audrey escreveu um artigo encantador sobre Gillian, que a maioria da sociedade parecia convencida. Os sussurros em torno dela tinham sido principalmente sobre seu mistério, sua beleza calma e graça natural do que especulações sobre suas circunstâncias familiares. E Gillian não podia esquecer a rapidez com que foi recebida por seu meio-irmão, Adam, e sua meia-irmã, Caroline, como família.

— Estou tão feliz que você faça parte da nossa família, — acrescentou Letty. — Naquele dia em que te conheci na loja da modista, eu tinha um pressentimento sobre você. Um senso de espíritos afins. — Seus olhos brilhavam com lágrimas de felicidade, e então ela abraçou Gillian.

— Obrigada! Eu nunca imaginei que ganharia duas irmãs em um mês, mas estou tão feliz por sermos uma família agora.

— Acordado! É muito divertido ter uma irmã na casa. — Letty apertou-lhe novamente, sorrindo. — Eu tenho que ir encontrar meu irmão. Os convidados estarão aqui em breve.

Ela deixou Gillian sozinha novamente na sala de jantar. Ela estendeu a mão para tocar os jarros de porcelana delicadamente feitos. Os padrões coloridos de porcelana das flores vermelhas e douradas lembraram-na de James e dos longos passeios que eles gostavam de fazer no Hyde Park enquanto observavam as folhas se transformarem em ouro. Ao seu redor, a vida era linda e seu futuro brilhava como uma estrela brilhante no céu de inverno.

— Tentando roubar um pouco de bolo? — Tom de provocação de James a fez sorrir. Ele entrou na sala de jantar, parecendo bem em sua jaqueta preta, colete e calça marrom. Seus olhos castanhos brilhavam como chocolate quente.

— Eu admito, estou tentada. A ideia de que eu já coma para dois é um pouco assustadora. — Ela colocou a mão sobre a barriga ainda plana. Ela não se esquecera do trabalho de parto de Horatia ou de como todos estavam assustados. James se aproximou, enrolando os braços ao redor de sua cintura e puxando-a contra ele. Seus rostos estavam a poucos centímetros de distância. Eles compartilhavam o mesmo fôlego, os olhos presos um no outro.

— Vamos encarar isso juntos. Qualquer coisa que te assusta, eu estarei ao seu lado. — Seu voto foi um sussurro em uma voz suave, mas com a convicção de um cavaleiro de eras passadas, prometendo proteger sua bela lady. Tanto que Gillian insistiu que ela nunca precisou de resgate, mas sabendo que ele iria lutar por ela deu-lhe um novo tipo de força. Ela conhecia suas próprias virtudes porque tinha se sustentado por tantos anos, mas saber que tinha um parceiro ao seu lado fazia muita diferença para ela. Eles poderiam enfrentar qualquer coisa juntos.

— Eu realmente te faço feliz? — ela perguntou enquanto brincava com as dobras de sua gravata branca como a neve. Ela supôs que levaria um tempo para banir os medos que ela não era suficiente para ele. Uma vida inteira de dúvidas não desaparecia da noite para o dia.

Não havia sombras em seus olhos quando ele segurou sua bochecha.

— Sempre haverá alegria para mim quando estou com você. Quando você está aqui, é como sentir o sol no meu rosto depois de um inverno frio. Você respirou *vida* em mim. Ninguém nunca chegou perto de me fazer se sentir assim. Nenhum outro nome preencherá meu coração, exceto o seu. — Seus olhos ardiam com uma intensidade surpreendente. — O que devo fazer para provar que você é única para mim?

Não havia nada que ele pudesse fazer. Ele já havia provado isso de novo e de novo.

Ela engoliu em seco.

— Eu simplesmente não posso acreditar que o destino te daria a mim. Que eu sou digna de tal presente. — Ela inclinou o rosto em sua mão, fechando os olhos e respirando lento. — Por tanto tempo não me atrevi a sonhar, não ousei acreditar que poderia ter uma vida plena, uma de alegria e amor. Eu temia que estivesse sempre do lado de fora de uma janela, olhando para um mundo que nunca poderia ser meu. Como posso possivelmente merecer você e tudo isso? — Ela fez um gesto para a sala de jantar lindamente decorada, mas ela se referia a muito mais.

— Todo mundo merece amor e uma boa vida, — James disse: — Você e eu éramos simplesmente mais sortudos do que a maioria para nos encontrarmos.

Ele abaixou a cabeça, sua boca cobrindo a dela em um beijo aquecido. Ela imaginou que poderia ficar bêbada com tanto gosto, nos braços dele segurando-a com força e a sensação do coração dele batendo tão perto do dela. Sua alma cansada havia sido despertada pela paixão e ferocidade de seu amor. Ela sorriu quando se lembrou daquele dia um mês atrás, quando eles declamaram o poema de John Donne, — The Good Morrow — juntos:

Se nossos dois amores formarem um, ou, você e eu
Amor tão parecido, que ninguém afrouxa, ninguém pode fazê-lo morrer.

Cada palavra disso tinha sido verdade então, e permaneceria assim sempre.



Caliope Traduções

Notes

[←1]
Wicked Earls Club – Clube dos Condes Perversos.

[←2]

Hellfire Club – Clube do Fogo do Inferno. O Clube do Inferno eram vários clubes privados frequentados pela elite na Grã-Bretanha e da Irlanda no século XVIII. Foi em sua época mais ilustre presidido por Sir Francis Dashwood.

[←3]

Hamamelis, ou Hamamélia é uma árvore de folha caduca da família Hamamelidaceae que pode atingir os cinco metros de altura. As suas folhas, ovais e denteadas, são inodoras mas de gosto amargo.

[←4]

Gazeta Espelho de Vidro.

[←5]

Orange Pekoe também escrito Pecco, ou OP é um termo utilizado no comércio de chá ocidental para descrever um gênero particular de chás pretos (Orange Pekoe classificação). [3] [4] Apesar de uma suposta origem chinesa, esses termos de classificação geralmente são usados para chás do Sri Lanka, da Índia e de outros países que não a China; eles não são geralmente conhecidos nos países de língua chinesa. O sistema de classificação baseia-se no tamanho das folhas de chá preto processadas e secas.

[←6]

League of Rogues – Liga de Libertinos.

[←7]

Wickets - O wicket consiste em três cepos de madeira que são 28 polegadas (71,12 cm) de altura. Os cotos são colocados ao longo do sulco da batedura com distâncias iguais entre cada coto. Eles estão posicionados de modo que tenham 9 polegadas (22,86 cm) de largura.

[←8]

O haut ton ou ton, eram a elite da moda da sociedade georgiana. Eles exibiram o tom elevado e maneiras refinadas que caracterizavam os de boa criação e fortuna. Eles representavam aquela parte da sociedade que era capaz de viver em luxo e gastar uma grande quantidade de tempo em busca de prazer. Eles eram famílias com hierarquia, conexões e riqueza.